O TORTURADO DE SEIDE

ALBERTO PIMENTEL

O TORTURADO DE SEIDE

(CAMILO CASTELO BRANCO)

LISBOA

LIVRARIA DE MANOEL DOS SANTOS
13, Largo do Calhariz, 14

1921

Este livro não aspira a ser mais que uma leve conversação com o leitor — sôbre assuntos camilianos e, fundamentalmente, ainda um preito de veneração e saudade que eu venho render — à memoria do imortal "Torturado de Seide".

Trafaria — Maio de 1921.

Alberto Pimentel.

Rectificação indispensavel

Na minha longa vida de escritor tenho passado por muitas judiarias tipograficas, muitas surpresas macabras, que são de um pobre autor perder a paciencia, mas nenhuma me tinha deixado tão aborrecido, direi mesmo tão desgostoso, como aquela que se me deparou na página XVIII do meu prefácio á 1.ª edição da comedia de Camilo — *O lubis-homem.*

O texto era ou devia ser êste, tão simples e claro, que não podia admitir a menor duvida:

«Padre Antonio era um abstemio: passava o dia a tomar chá, com sua cunhada, a irmã de Camilo».

Estava certo. Mas uma diabrura imprevista, só ao cabo de alguns anos por mim proprio descoberta, revelou-me que a *irmã* de Camilo, que era a cunhada de padre Antonio, fôra transformada em *mãe* de Camilo, talvez por má leitura do tipógrafo e irreflexão do revedor, que seria eu mesmo.

Fosse como fosse, aqui deixo indicada a errata ([1]) e isso é o que importa, porque tudo o que respeita ao grande Camilo deve ficar explicado de modo a não perturbar os juizos da posteridade.

([1]) Deve tambem aplicar-se esta errata á segunda edição, feita por outros editores, da qual só tive conhecimento quando já corria impressa.

Resposta sumária

Parece que alguem julgou vêr numa carta de D. Ana Plácido, ministrada ao meu estimavel amigo sr. Nunes Branco [1], um flagrante desmentido á afirmação, que eu fizera, de que aquela infeliz senhora mais desejava o titulo de espôsa que o de viscondessa.

Ainda hoje, não obstante a referida carta, penso do mesmo modo.

? Pois o que é que se lê no documento em questão?

«Até que emfim está visconde (Camilo)!»

Esta frase revela-nos que D. Ana Plácido

---

(1) *Cartas inéditas da segunda mulher de Camillo Castello Branco*, Lisboa, 1916. Pág. 12 e seguintes.

bem sabia quanto de longe vinha o ressentimento do romancista por não ter sido considerado literariamente pelos governos do seu país, como o foram Garrett, Castilho, Benalcanfôr e Roussado, que receberam mercês honoríficas.

A pobre senhora está satisfeita vendo realizado este ideal de Camilo, mas como lê muito bem na alma do seu atormentado companheiro, sabe que não era «para a deixar viscondessa» que êle desejava o título.

Por sua parte nunca a deslumbraria um título a que tarde adquiriria direito pelo casamento legal em que o romancista falava de tempos a tempos para logo afastar essa fugaz ideia.

E ainda que o casamento viesse a realizar-se, Ana Plácido esperava o arrependimento do seu antigo amante.

Só para não irritar Camilo foi que ela — assim o confessa — fingiu acreditar no programa de casamento... que tardou ainda três anos e a que, com uma ironia muito portuense, chama *casório*.

Tudo o que então se passa lhe parece uma comedia hipócrita, porque uma coisa unica

devia ter-se feito muito antes do título, era o casamento, que seria a recompensa pública de longos e dolorosos sacrificios, recompensa que tal mulher como D. Ana Plácido, inteligente, briosa e dedicada, não podia deixar de querer para se reabilitar, oficialmente, da sua estrondosa queda.

Se ela não pensasse assim, pelo menos no seu fôro íntimo, não seria D. Ana Plácido, mas apenas uma vulgar mulher, que a amante de Camilo nunca fôra.

De outra carta da mesma procedencia talvez o destinatário quisesse inferir que eu divagára por longe da verdade, atribuindo a D. Ana Plácido o desaire de vestir mal e uma ignorancia sistemática da evolução dos figurinos.

Trata-se de lhe terem sido enviados dois chapéus para escolher um.

«Cá estão os 2 á escolha — escreveu ela textualmente — e venha o diabo, como diz o povo, pôr-lhe o dedo! São 2 trastes proprios p.ª costureira reles.

«Um já m.^to^ velho, m.^to^ desbotado, com uma fita m.^to^ ordinaria, é o da m.ª preferencia!

«O outro, mais leve um pouco, mais fresco, tem umas flores canarias q atestam o bom gosto da tal modista.

«Emfim, cá fica um dos monos.»

Toda a mulher, especialmente a dotada de senso estético e habituada a brilhar na sociedade, possúi o bom gosto de vestir, que levou Ana Augusta a repelir, num gesto inconsciente, o chapéu de berrantes flores canárias.

Mas, a autora da *Luz coada por ferros*, aborrecida do mundo, entediada de viver, ficou com o chapéu mais velho, mais desbotado, de fita mais ordinaria. Se ambos os chapéus eram maus, uma senhora, que tivesse ainda exigencias de antigo coquetismo, ou saudades dos «seus dias opulentos», não escolheria nenhum dêles, tanto mais que poucas vezes saía à rua, nem queria sair.

Ora o que eu disse foi que a ilustre senhora, enquanto viveu no antigo lar conjugal, vestia com esmêro e esplendor, mas que «na longa expiação do adultério não quis nunca mascarar-se de mulher feliz» [1].

---

[1] *Memórias do tempo de Camilo, A. A.* pags. 60 e 61.

O trecho relativo aos chapéus plenamente confirma quanto a êste respeito aventei.

Venham a lume outras missivas, venham novas confidencias epistolares, para me confundir esmagadoramente, porque, as duas a que me tenho referido não produzem prova em contrário, antes ratificam as minhas afirmações, feitas aliás com escrupulosa segurança.

O Dropp

Nas *Folhas caídas, apanhadas na lama*, que são indubitavelmente de Camilo Castelo Branco, posto saíssem anónimas, há, entre outras, uma sátira intitulada *O Dropp*.

As duas primeiras quintilhas enunciam o assunto por um modo nebuloso para a geração moderna:

Aranha de pau de pinho,
Caranguejola, que és?
E's o dropp; ora o dropp,
E' uma coisa (diz Pop)
Sem ter cabeça nem pés.

Visto isso, temos dropp;
Ninguem tenha á barra medo.
A asneira não é tão calva;
A gente sempre se salva:
De que modo? isso é segredo.

Por estas e outras quintilhas fica-se apenas percebendo vagamente que o *dropp* era um aparelho de pau, destinado a servir junto da barra do Porto para socorro dos navegantes.

Se o leitor consultar o *Grande Dicionario* de Larousse, encontrará que *dropp*, palavra inglesa, significa uma especie de guindaste empregado em Inglaterra para meter a carga a bordo dos navios.

A roldana deste guindaste está montada sôbre uma plataforma de via-ferrea e suspende por um cabo a larga balança em que desce até á ponte do navio o vagonete carregado.

Mas, como se entrevê da sátira de Camilo, o *dropp* não exercia na praia da Foz uma funcção comercial como em Inglaterra.

Apenas por analogia se lhe dera aquele nome, e o seu fim era diferente.

Historiemos, ligeiramente, os acontecimentos.

Em 1830 D. Miguel mandou construir junto à barra um hospício onde os naufragos pudessem receber prontos socorros. Esse edificio custou 6:400$000 réis.

Poucos anos depois, em 1835, o governo vendeu-o a um particular por 800$000 réis. Custa a crêr, mas é verdade.

Sucedeu, a 29 de março de 1852, o horroroso naufrágio do vapor «Porto», que tanto emocionou todo o pais especialmente os portuenses, muitos dos quais presencearam a catástrofe em todos os seus angustiosissimos episodios.

Logo no dia seguinte a Associação Comercial se reuniu para ouvir lêr uma representação, redigida por Eduardo Móser, na qual aquela corporação chamava a atenção do governo para o estado perigoso da barra e falta de recursos de salvação em caso de naufrágio.

Logo tambem, graças à iniciativa particular, em grande parte estimulada por Manuel de Clamouse Browne, se tratou da fundação da Real Sociedade Humanitaria, que teve a sua primeira sessão no paço episcopal e que se constituiu legalmente por um regulamento de 21 de abril do mesmo ano.

O lugar de secretário foi confiado a Eduardo Móser (mais tarde 1.º conde de Móser).

Os esforços reunidos da Associação Comercial, da Real Sociedade Humanitaria e

da opinião pública do Porto, obrigaram o governo de então a adoptar algumas providencias não só para investigar as causas da catástrofe e subsidiar as familias pobres que nela tinham perdido os seus chefes, mas tambem para evitar ou pelo menos atenuar futuras catástrofes.

Entre estas ultimas providencias a de mais imediata vantagem foi certamente aquela que organizou a comissão directora do estabelecimento de salva-vidas, composta do governador civil, do intendente de marinha, de dois vogais da Real Sociedade Humanitária e dois da Associação Comercial.

De todos estes factores resultou a urgencia do governo de 1852 expropriar o antigo hospício dos náufragos, que o governo de 1835 tinha vendido por 800$000 réis.

Custou a expropriação 5 contos.

A história da administração pública em Portugal confunde-se com a dos manicómios.

O feliz proprietario, que adquirira o edificio erigido por D. Miguel, gozou esse edificio durante 17 anos pela quantia de 800$000 réis, e, por fim, em virtude da expropriação, ainda lucrou 4:200$000 réis!

Foi a Real Sociedade Humanitária que, na sua primeira época, e no empenho de rapidamente obstar a que se repetisse uma tragedia maritima como a do vapor «Porto», ingente e pavorosa tanto pelo numero das vitimas, como pelas condições de absoluto desamparo em que se encontraram, fez levantar junto à barra um alto palanque destinado ao salvamento de náufragos.

Supônho que a ideia partiria de Eduardo Móser ou de Clamouse Browne, que não perderam nunca o seu caracter inglês durante uma longa residencia no Porto.

Tive com Eduardo Móser aproximações de boa amizade. Conheci-o no «Jornal do Porto», onde me estreei, e onde ele tratava muitas vezes assuntos economicos, apoiando-se sempre nas pautas e estatisticas británicas.

Era um espirito ilustrado, trabalhador e progressivo.

Na figura, lembrava Thiers. Pequenino como ele. A face tambem glabra. Normalmente vestido de preto — como todo o comerciante inglês daquela época.

Uma fineza lhe devi que não posso esquecer.

Na famosa eleição da Povoa, em 1892, o conde de Móser, apesar de velho e adoentado, foi ali espontaneamente para que não me faltassem os votos de alguns pescadores seus protegidos.

Tinha o *dropp* da Foz o aspecto da ossatura de um predio de dois ou tres andares, e estava situado entre o edificio do tempo de D. Miguel e a muralha da Meia-Laranja, correspondendo justamente á *pancada da barra*, segundo a linguagem dos homens do mar.

No pavimento superior foram montados aparelhos de *sauvetage*, entre os quais um cabo de vai-vem, que não sei ao certo se funcionava pelo sistema dos canhões porta-amarras ou por qualquer outro de arremêsso.

A giria popular deu a este *dropp* da Foz a designação ironica de *hidrópico*—certamente pelo volume da construção e por alguma semelhança fonética com o vocábulo inglês nas silabas finais daquele nosso adjectivo.

No mesmo ano de 1854 em que saíram as *Folhas caídas*, de Camilo, apareceu, logo a seguir, a *Vespa do Parnaso*, que é de Faustino Xavier de Novais.

Uma passagem da *Vespa* refere-se à alcunha picaresca do *dropp:*

Já foi á Foz vêr o *hidroppico.*

Outra passagem faz-lhe alusão por meio de uma crua perifrase; chama-lhe a *asneira de pau.*

Vem a propósito dizer qual o facto, então recente, que determinou a publicação das *Folhas caídas*, da *Vespa do Parnaso*, e ainda de outros opúsculos satíricos.

Em torno das *Folhas caídas*, de Garrett fizera-se em 1853, ano da sua aparição, uma atmosfera de critica ruidosa. O poeta tinha a esse tempo 54 anos de idade e declarava-se apaixonado por uma *Ignota Dea.* E o caso é que os seus versos, bons como todos os seus, revelavam um inesperado regresso ao lirismo ardente da mocidade.

Conta Gomes de Amorim que, entrando Alexandre Herculano na livraria Bertrand, e vendo umas provas tipograficas sobre o balcão, as lêra e, durante a leitura, arregalara os olhos com manifesta surprêsa.

—De quem é isto? perguntou. Não há se-

não um homem em Portugal capaz de fazer tais versos! São do Garrett?

O velho Francisco Bertrand respondeu-lhe:

—São, sim, senhor. Que lhe parece?

—Penso que se Camões fizesse versos de amor, na idade em que está Garrett, não era capaz de o igualar. São belissimos! Aquele diabo não póde com o talento que Deus lhe deu! Parece que tem vinte anos! Este livro fará com que se lhe perdôe tudo...

O certo é que as duas primeiras edições das *Folhas caídas*, de Garrett, foram ávidamente consumidas no mercado.

Voaram — «levadas de bons e de maus ventos».

Como acontece sempre que um livro produz sensação, sucedeu-se ao de Garrett uma série de publicações, algumas das quais lhe parodiavam apenas o titulo ou tambem o texto e outras eram consequencia daquelas, embora não tivessem relação com o texto nem com o titulo.

Assim, Camilo abriu o caminho com as *Folhas caídas, apanhadas na lama*, que compreendem sátiras portuenses, estranhas ao livro de Garrett.

E' do mesmo género a *Vespa do Parnaso*, de Faustino, «por um mordomo das almas de Campanhã que vem de colarinhos tezos meter a fala no bucho ao seu Juiz, autor das *Folhas caídas*».

Outro opúsculo, tambem em verso, assinado com o pseudónimo de Amaro Mendes Gaveta, e intitulado *As folhas caídas apanhadas a dente e pescadas no Porto* (1855), tem alguma intenção de paródia — até no texto.

Sei que ainda há outro opúsculo, *Folhas e cascas*, mas não o vi nunca.

O *dropp* da Foz esteve de pé durante anos.

Quando começou a apodrecer, desmontaram-no, e os barrotes ainda aproveitaveis foram vendidos.

Por tal modo acabou esse corpulento esqueleto de madeira, que um propósito altruista construira, mas que a mordacidade não poupou.

Camilo viu-o levantar e demolir.

Riu-se quando o *dropp* lhe parecia prejudicar a beleza do horizonte maritimo e o sorriso alegre da praia.

Mas creio bem que, na hora em que o

dropp foi a terra, Camilo se riria da sua própria intransigencia estética no tempo em que, indignado, clamava:

Aquelles paus são sinistros
Como o cavallo de Troia;
Tudo aquillo é muito serio:
Tem não sei que de funereo
Dos carroçoens do Lagoia.

Julgo que este artigo poderá ter para a gente moça do Porto um duplo interesse: o de dar noticia de uma velharia extinta e o de ser comentario a uma sátira antiga.

A urna da prata

E' já muito conhecida do público a carta dolorosa em que o romancista Camilo Castelo Branco, por intermédio de Francisco de Castro Monteiro, propunha vender á senhora D. Camila de Faria, viuva de João de Albuquerque de Melo Forbes e abastada proprietaria, «uma taça de prata» que ao proponente havia sido oferida pela colónia portuguêsa de Hongkong.

A proposta, já o tem dito e redito a imprensa, não foi aceita.

Falo nisto por dois motivos, mas apenas como quem passa de fugida por cima de brasas: Para informar de que o objecto de que se trata tinha o feitio de urna; e que a

inscrição-dedicatória foi conservada por mim no livro *Entre o café e o cognac*, quando descrevo o gabinête de Camilo no Porto, em 1872, habitando ele então o predio n.º 860 da rua do Bonjardim.

Eis o teor da inscrição:

«Ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.
Camillo Castello Branco
O.
os socios da
Bibliotheca Portugueza
De Hongkong
1869

Depois daquela época nunca vi na casa de Seide a urna de prata, nem me consta que outros a vissem.

Ignoro que destino teria.

A Freira de S. Bento...
e de Camilo

Desde os meus quinze anos conheci no convento da *Ave Maria*, no Porto, a freira D. Isabel Candida, cujos apelidos de familia eu então ignorava. Sabia apenas que ela tinha educado naquele convento a filha de Camilo, sr.ª D. Bernardina Amelia Castelo Branco, a qual eu nunca vi porque alguns anos antes, em 1865, saira para casar.

D. Isabel Candida foi, depois disso, professora de minha prima D. Aureliana Coelho Bragante ou sua *mãezinha*, como se dizia no jargão das «meninas do côro».

Muitas vezes acompanhei minha mãe e

irmãs em visita áquela nossa parenta, que nos recebia na grade com a freira e nos regalava com rebuçados e *bonbons*. Outras vezes eramos convidados a ir lá almoçar e então tambem ia comnosco meu pai, que salvára minha prima em doenças graves e tinha mais clientes de partido naquela comunidade.

Ah! quanto me lembro ainda dêsses almóços freiráticos, em que a doceria era selecta, o café e o chocolate primorosos, especialmente o chocolate, consístente e aromático, bem espanhol, que tomavamos lardeando o com um delicioso pão de ló fôfo e loiro.

Minha prima estimava vêr-se rodeada de parentes, ria de vontade com os ditos de meu pai, que fôra sempre um homem dotado de bom humor, e a freira D. Isabel Candida conversava com animação e espirito, contando casos do convento e casos da cidade, como se conhecesse estes tão bem como aqueles.

Mas a freira era velha e feia, trigueira, angulosa e alta, tinha a voz forte, um nariz respeitavel, e sombras de buço.

Eu nunca pensei, nem o ouvi dizer a

ninguem, que aquela mulher, tão balda de encantos feminis, pudesse haver inspirado atenções afectuosas a um homem vulgar, quanto mais a um homem superior, tal como Camilo Castelo Branco.

Nem me quis parecer que dentro daquele hábito negro de beneditina tivesse palpitado um coração mundano e frágil.

Que D. Isabel Candida conhecesse Camilo era de presumir, visto que lhe tutelára a filha no convento; e que conversasse com êle quando lhe levava a pupila á grade era bem natural, seria a coisa menos venenosa dêste mundo.

Assim, pois, foi que eu interpretei as palavras de Camilo numa carta dirigida á mãe de sua filha e por mim publicada no *Romance do romancista:* «As minhas relaçoens com a freira acabaram, e eu te direi os motivos que se deram.»

Supus que seriam apenas simples visitas no locutorio, mais ou menos íntimas, sem julgar que pudessem ter sido relações inconfessaveis, até mesmo porque o romancista não as ocultava da mulher que apaixonadamente se deixára raptar por êle.

Não me repugnaria acreditar que Camilo Castelo Branco, frequentando abadessados e grades, tivesse sido freirático por tradição ultraromantica e genio aventuroso, nem que as freiras que ainda fôssem atraentes e as seculares que fôssem belas pudessem ter colaborado com êle em algum escândalo conventual, como tantos houve, desde sempre, em todo êste nosso país, tão fradesco e santeiro.

Admitiria sem custo que o romancista fôsse informado por D. Isabel Candida quanto a episodios amorosos dos mosteiros do Porto, como a efémera Maria José, irmã mais nova de D. Ana Plácido, lhe contou a história de uma tentativa de rapto no Recolhimento de Nossa Senhora da Esperança.

Mas o que eu não admitia era a possibilidade de Camilo se ter rendido aos encantos negativos de uma freira durázia e feia e de ela ter perdido a cabeça a ponto de quebrar os seus votos, quer introduzindo Camilo no convento ou saindo a ares para conviver clandestina e temporariamente com êle.

E, porque não admitia a possibilidade dêstes factos, fiquei surpreendido quando,

há alguns anos, o venerando homem de sciencia e de letras, que é o sr. dr. Maximiano Lemos, me dava a conhecer a hipótese de ter havido mais do que quaisquer conversações de parlatorio entre Camilo e a freira D. Isabel Candida.

Respondi que eu o não cria, porque a freira nem era bonita nem *coquette*, e que nunca tal coisa ouvira dizer a meu pai, que como médico assistente entrára muitas vezes no convento da *Ave Maria*, nem a qualquer outro velho portuense o ouvira jàmais contar. Mas pedi ao sr. dr. Maximiano Lemos que se dignasse comunicar-me o que a tal respeito soubesse ou fôsse descobrindo, como já tinha feito sôbre certos achados camilianos que uma aturada investigação lhe facultava.

Vou trasladar alguns trechos de cartas de s. ex.ª, especialmente reportados ao caso da freira D. Isabel Candida.

«Ouvi dizer a pessoa que muito conviveu com o Camilo que o conego Alves Mendes viu na camara eclesiastica um processo relativo ao encontro de Camilo dentro do con-

vento da *Ave Maria,* e que esse facto se relacionava com essa freira.»

(Carta de 11 de janeiro de 1917.)

«Deve ter extranhado o meu silencio ácerca da freira. O caso explica-se porque tenho tido empenho em satisfazer a nossa curiosidade, mas as minhas diligencias nenhum resultado teem dado.

«Na camara eclesiastica evidentemente não ha que pensar, os documentos do convento não tenho meio de lhe pôr a vista em cima por não conhecer o conservador do registo.

«De resto, a informação que recebi foi que o Alves Mendes tinha visto o processo na camara eclesiastica.

«Um colega meu é casado com uma senhora que esteve alguns dias no convento quando tinha 11 anos e disse ela ao marido que ali estava uma freira com quem se dizia que o Camilo tinha relações intimas em demasia. Não pode, porem, lembrar-se do nome dela».

(Carta de 5 de fevereiro de 1917.)

«Acerca desta ultima *(a Freira)* foi o Ricardo Jorge que me disse a informação colhida da bôca do Alves Mendes. Não lhe será dificil encontra-lo em Lisboa donde me não consta que tenha saido.

«Quando mesmo a informação do Alves Mendes seja exacta, não vejo meio de se proceder a pesquisas na camara eclesiastica».

(Carta de 17 de março de 1917.)

«Até hoje não pude descobrir o processo da camara eclesiastica. Em compensação encontrei o processo que lhe moveu o Novaes dos Oculos ou Novaes da *Patria*. Tambem encontrei a coleção da *Patria* em que o grande escritor, que ainda o não era, é violentamente atacado.

«Num dos artigos deste periodico ha referencias a uma ligação com uma freira que vivia enclausurada, o que talvez se refira a outra mulher que não a educadora da filha».

(Carta de 11 de novembro de 1917.)

Conquanto não digam respeito á freira do convento da *Ave Maria*, transcreverei

desta mesma carta as seguintes palavras, que eu muito aprecio porque as ditou um autorizadissimo camilianista, sabio professor e plumitivo:

«Se V. residisse no Porto e eu fosse a Lisboa, teriamos assuntos para cavaquear e que para mim seriam interessantissimos, porque V. poderia valorizar o que vou encontrando. Penso que um trabalho sobre a mocidade de Camilo no Porto seria cheio de revelações pelas contradições, incoerencias e hesitações do escritor. Ora isto só V. o pode fazer, pelo conhecimento do meio e pelo conhecimento do Camilo.»

O sr. dr. Maximiano Lemos ainda relativamente á Freira me comunicou em carta de 1 de dezembro daquele mesmo ano de 1917:

«O processo a que se referiu o Alves Mendes não existe na camara eclesiastica, onde dizia ao Ricardo Jorge que o tinha visto. Procurou-se com vontade de o encontrar, mas a diligencia foi baldada.

«Ficamos apenas com o que escreveu o Novaes Vieira em 1856 acerca da freira enclausurada. Não chega para coisa alguma.»

Desde o fim de 1917 nenhuma outra noti-

cia tive ácerca da Freira. Estamos actualmente em março de 1921 e só agora pude ir a Lisboa para comprar o livro do sr. Xavier Barbosa *Cem cartas de Camillo,* porque a travessia do Tejo é muito acidentada e agreste no inverno, constituindo para mim, que não tenho o hábito de embarcar, uma aborrecida viagem desde a Trafaria até Belem, onde há ainda que palmilhar um duro areal muito castigado do sol ou da chuva.

E pensar-se que a Trafaria está defronte de Algés, praia que tem iluminação, comboio e electrico, ao passo que nós aqui só temos o luar quando o Reportorio no-lo dá, e um vaporzito achavecado ou algum bote alagadiço!

É como se vivessemos a dez léguas de Lisboa. Coisas nossas e, não sendo assim, não teem o cunho de ser portuguesas.

Mas desta vez dei por bem empregados o incómodo e a despesa de ir a Lisboa — que sempre que a gente lá vai regressa com a algibeira escorrida por efeito do alto preço dos transportes e de varias compras urgentes; sim, dei por bem empregada essa viagem á Lisbia (estive quase a dizer á metró-

pole), pois que voltei contente com o livro do sr. Xavier Barbosa, que logo folheei no electrico e no vapor, e em que se me depararam amaveis citações, que muito agradeço, bem como algumas surpresas, que muito me interessaram.

Ora uma dessas aliás interessantes surpresas é a referente á freira D. Isabel Candida, porque vem autenticada pelo *documento humano*, a carta intima, que faz inteira fé e luz: Temos a confissão do réu.

Vamos, pois, folhear a correspondencia epistolar entre Camilo e o seu amigo José Barbosa e Silva, residente em Viana do Castelo:

1855, em 17 de agosto: «D. Izabel Candida com quem me congracei por uma celebre eventualidade, quer passar um mez nas visinhanças de Vianna, e d'ahi faser ao Minho algumas excursoens. Segundo os estatutos monasticos, não pode estancear se não de passagem em estalagens, e não pode residir. Quer ella, portanto, uma casa de quinta mobilada simplesm.[te] do q̃ é propriamente mobilia: paga túdo, acceita todas as condições monetarias. (Estas bravatas pecuniarias estão em harmonia com o genio

e posses da dita). Uma vez me disseste tu q̃ era possivel arranjar-se para mim uma casa como a deseja D. Izabel. Eu vou para a hospedaria: mas bem quizera que ella por ahi estivesse, por q̃ verás q̃ passaremos algumas horas de *nonchalante* convivencia. Tomaremos banhos, cysnes derrabados, e depois do almoço confortavel como convem a dous Antonys de estomago, recordaremos poetas *poitrinaires*, as decepçoens da infancia, a pouca vergonha das ilusoens *mentidas como a onda* (vide Shakespeare). Pelo q̃:

«Muito importa q̃ lances as tuas diligentes medidas, e me digas se se pode contar com a caza nos dias 1 ou 2 de Setembro. Nota, meu caro José, que eu não vou se ella não vai, e ella não vai se tu lhe não preparas lá (com a simplicid.[de] que já te disse) uma aposentadoria m.[s] ou menos romantica. A fam.[a] d'ella são tres creados, onde domina o sexo femenino com duas soffriveis faxadas. Tive um abraço teu transmittido p.[r] Ant.[o] Bernardo. Nas azas da briza da tarde mandei-te um bejo em retribuição. Responde, q.[do] possas, ao teu

Recados a teus manos Camillo.»

Basta o tom faceto desta carta, por vezes ironico, para se reconhecer que realmente existiram relações ilicitas com a Freira, a *dita* freira (como o romancista pôs em parêntese quando se referiu ás *bravatas pecuniarias* d'ela), mas que se D. Isabel Candida se desorientava até á paixão sacrilega e ostentosa, Camilo não lhe correspondia com igual entusiasmo, e apenas saboreava o acre prazer de mais uma aventura desbragada.

Esta *villegiatura* não se realizou, por alguns dias depois constar terem ocorrido casos de cólera morbus no distrito de Viana.

Em setembro de 1856, estando Camilo na Foz do Douro, resolve ir para Viana como redactor efectivo da *Aurora do Lima*, descartando-se da Freira e então diz a José Barbosa e Silva:

«D. Izabel soffre... parece que prophetisa. Ha de ser-lhe m.to penosa a m.a sahida, mas é força transigir, Eu aqui asfixio».

Quatro dias depois, Camilo, estando ainda na Foz, confidencía ao amigo:

«São 11 horas da noite, e chego do Porto, com estes restos de coração atravessados n'uma roda de navalhas. É o caso:

«Eu nunca disse a Izabel Candida as m.^{as} intenções a resp.^{to} de ir p.^{a} Viana, p.^{r} que previa o abalo, e receava os effeitos p.^{r} ella e p.^{r} mim, que sou um imbecil, quando sou cauza e ao m.^{mo} tempo testemunha d'uma grande dor. Era m.^{a} tenção deixal-a recolher ao convento, e depois ca de fora escrever-lhe uma carta, longam.^{te} meditada, de modo que o golpe fosse dado com punhal d'um só gume: isto é — tencionava mentir-lhe, dizendo q̃ a minha hida era simplesmente uma tentativa para o melhoram.^{to} da m.^{a} saude.

«Hoje, indo eu levar-lhe m.^{a} filha, que se achava aqui *(na Foz)* ha 3 dias recebeu-a chorando, sem querer dizer-me a razão p.^{r} que. Muito instada, prorompeu n'uma accusação quase violenta á m.^{a} ingratidão, e acabou p.^{r} me dizer q̃ sendo ella a m.^{a} amiga era a ultima q̃ devia saber que eu sahia do Porto. Da violencia passou para a mansidão das lagrimas supplicantes, e por fim acabou por ser assaltada d'um terrivel incommodo que me assustou. N'este estado, foi-me impossivel dizer-lhe uma só palavra de consolação. M.^{a} filha chorava, e o medico Fer-

reira, que eventualmente occorreu n'este ensejo, fez-me sentir que a organisação enfraquecida da pobre m.^{er} podia facilm.^{te} succumbir a semelhante choque. Eu estava parvo, e parvo sahi quando a noite já adiantada me obrigou. (*)

«Aqui tens uma situação bem especial — uma das m.^{as} diabolicas situações, em q̃ o coração revive em toda a compaixão q̃ as m.^{as} proprias desgraças não tem podido desvanecer p.^{a} com os outros. Isto é uma fatalid.^{e} de q̃ não ha partido a tirar. É me impossivel, já agora, *ser meu*. Ha de haver sempre em mim um pensam.^{to} bom que me escravise ao mal. Sou como aquelle que mede a profundid.^{e} do abysmo, e não tem a resolução de recuar.

«Vamos remediar d'algum modo isto meu caro Barbosa. Eu adevinho q̃ a tua boa alma não é estranha aos sentimt.^{os} da minha. D'estes sabes tu sentil-os melhor q̃ eu. Penso até que m'os louvas, e serias o primeiro a dizer-me «não desampares essa pobre m.^{er},

---

(*) Toda esta scena deve ter-se passado fóra do convento, estando a Freira a ares ou banhos.

que tem contra ella a id.e a dizer-lhe que os seus annos já não podem vencer os calculos d'um homem.» Isto é duro e chora-me o coração figurando-me a alma de I. Candida, q̃ não tem em si recursos p.a a defeza d'uma ingratidão. Como poderemos remediar isto? Ha um modo que tu recuzarás, mas eu não deixo p.r isso de t'o propor. Eu serei d'aqui redactor do teu jornal.»

O que é certo é que venceu o *pensamento bom que sempre* em Camilo *o escravisava ao mal,* frase picturalmente psicologica. Assim conseguiu a Freira apaixonada evitar que nesse momento o romancista saisse do Porto.

Se o leitor prestou toda a sua atenção a esta carta — e se não prestou peço-lhe que a releia — há de reconhecer que no coração de Camilo se abrigavam sentimentos nobres, de generosidade e condolencia, que muitas vezes o sujeitavam á situação embaraçosa de ser mais dos outros que de si mesmo — especialmente de ser de varias mulheres ao mesmo tempo.

Pois não é verdade? Note-se: as relações com a Freira, que devem ter começado na

grade em 1852 (*), coincidiram com a paixão de Camilo por D. Ana Plácido, metendo-se de per meio o idilio do Candal com a costureira.

E, numa atmosfera menos poetica do que uma paixão e um idilio, a Freira foi sempre acompanhada, nas suas exigencias de coabitação, pela sombra daquela frequente *patroa* de Camilo, D. Eufrasia Carlota de Sá, que êle, no pouco tempo que em 1857 demorou em Viana, considerava – «essa especie de fam.ª que não posso hoje amputar da m.ª alma affeita e agradecida. Fallo da Eufrazia e de m.ª filha». *(Carta de 25 de maio de 1857).*

Assim como o romancista chegou a reconhecer que a Freira tinha contra ela a *idade* e lhe minguavam recursos para se defender de uma ingratidão, tambem já em 1853 achava indigestos os carinhos de Eufrasia, se é com ela que deve entender-se a seguinte carta, porque uma das iniciais do nome está errada, a não ser que a segunda queira exprimir qualquer alcunha ou nome de guera:

(*) *Carta de 22 de abril de 1852:* «Vivo m.to retirado: casa e aula e *convento*».

«Eu vivo triste e só. O espirito enojou-se com o muito pasto que lhe dei *da m.ma* impressão, e já não digere os *indigestos* carinhos da E. F. Estou, p.r tanto, viuvo, e preciso de segundas ou vigesimas (que sei eu!...) nupcias, aliás bestialiso-me». *(Carta de 3 de maio de 1853)*.

No meio de toda esta inconstancia de Camilo, podia tanto o seu prestigio pessoal ou literário (porque nem robustez nem dinheiro o recomendavam) que lhe era fácil e até habitual ter de sua mão as amantes e aproximá-las umas das outras sem conflito.

Assim a Freira de S. Bento dignificou-se no ostracismo, educando e encaminhando a um bom casamento a filha do romancista; e D. Eufrasia não hostilizava a Freira, como se vê de uma carta de Camilo, que eu procurei ler (*) por indicação do sr. dr. Maximiano Lemos:

«Lisboa 28 de Dezembro (de 1859)

Minha amiga. — Sei que a D. Anna está em Coimbra, donde, decerto não sahirá hoje

---

(*) No jornal *A Labareda*, n.º 1, de julho de 1914.

nem talvez amanhan. Em Lisboa tenho alguma segurança porque confio em amigos; mas, se o homem continuar com a querella, tenho de viver sempre em sobresalto e escondido, até que a questão venha acabar no tribunal de Lisboa. Imagine a minha amiga que vida será esta... Tambem perdi a esperança de a tornar a ver, minha boa Eufrazia. É preciso convencer-me de que morri para mim e para muita gente N'este triste momento, devo confessar que é a Snr.ª a pessoa a quem maiores provas de amisade devo... Quando fôr ao convento recommende-me áquella boa amiga que não espero ver mais. Diga-lhe que, imaginando que eu morri, contemple com piedade a orfã que Deus lhe destinou para que ella desse um publico testemunho da sua generosa abnegação... Adeus, minha amiga: emquanto vivermos troquemos algumas palavras dignas da amizade de 9 annos e de toda a vida.. »

Portanto, D. Eufrasia visitava a Freira e tinha, junto dela, autoridade para lhe falar de Camilo e até autorização para falar em nome dele.

Mas D. Eufrasia revoltou-se pelo menos

uma vez, revirou de longe o dente a D. Ana Plácido, a ponto de Camilo lhe replicar: «Faz á D. Anna injustiça dizendo que ella me affasta de lá *(de sua casa)*. Quando eu estive muito doente, perguntou-me ella se eu queria que lhe escrevesse ella mesmo pedindo-lhe para vir para ao pé de mim. Creia que ella o que tem é medo que me prendam; porque se me prendessem ninguem nos valia, e iriamos ambos para a Africa» (1).

Quanta abnegação, melhor direi, quanta paixão seria precisa a D. Ana Plácido na hora em que, vendo Camilo doente, se prontificava a chamar Eufrasia para junto dele!

Só a loucura amorosa póde admitir vexames que repugnam ás mulheres de educação.

Contudo era tal o prestígio do romancista no espirito das suas amantes, fôsse qual fôsse a condição delas, que em 1858 (2) sugestionára Eufrasia para ir desempenhar uma comissão de confiança junto de D. Ana Plácido e fizera que D. Ana Plácido não opu-

(1) Da *Labareda*, n.º 1, de julho de 1914.

(2) *Os amores de Camilo*, pág. 259.

sesse relutancia a ir hospedar-se algumas vezes em casa de Eufrasia, acompanhando Camilo.

Quanto a esta, que nenhuma paixão podia inspirar e nenhum reflexo da sua individualidade ou acção deixou na obra de Camilo, recordaremos ainda um conceito formulado por êle a José Barbosa e Silva: «D. Eufrasia manda-te inclusivam.[te] abraços — *Horribile dictu!* É sempre uma boa patrôa, pacientissima, e seductora no seu genero». *(Carta de 19 de setembro de 1855).*

Sedutora no mister de estalajadeira; não mulher sedutora, entenda-se.

Quanto a D. Isabel Candida, o caso é diferente, ela era mulher ilustrada e romanesca, sentia palpitar o coração dentro do hábito, ainda quando o outono da vida lha ia desfolhando, experimentava a última sêde de amôr, o último desvairo de galanteria conventual, que foi tão capitosa como a cavalheiresca.

Camilo compreendeu-a, e sem olhar a idades, a perigos e escandalos, quis integrar-se na vasta série dos seus ilustres colegas freiráticos, o *Capitão Bonina* (frei Antonio

das Chagas), padre José Agostinho e outros, não lhes dando licença de que fôssem mais galanteadores do que êle, já que não tinham sido mais talentosos.

Um acaso feliz, talvez uma noite de abadessado ou uma sésta na grade, proporcionou a Camilo a ocasião de *ter freira* e a D. Isabel Candida o pensamento amoroso de ser uma segunda Mariana Alcoforado, não toucada primaverilmente de rosas e cravos, mas de violêtas e camélias, que são flôres tardias.

Ou porque D. Isabel, para sangrar-se em saude, fôsse informando Camilo no locutório de que em toda a crónica lasciva do amôr de freiras nada havia de novo e desconhecido na penumbra da claustra, ou porque o romancista descrevesse depois o que lhe ouvira contar e talvez algo do que êle mesmo passára a dentro do convento por quaisquer dificuldades aventurosas, o certo é que em mais de um romance seu me parece — agora que sei dos amores serôdios da religiosa de S. Bento — encontrar alguma recordação que veiu dela ou por causa dela.

Sim, por causa dela, quem sabe lá? Lembremos na *Carlota Angela* a escalada do

convento da *Ave Maria*, pelo muro que, junto á antiga *Estalagem do Cantinho*, na rua do Loureiro, fazia ângulo com a cêrca: possivelmente seria o proprio Camilo o heroi de uma escalada semelhante, que, bem dirigida por uma freira com predominio, *savoir faire* e sem nenhum terrôr místico, não me parece devesse ser falivel.

Contada por D. Isabel Candida ouviria quiçá o romancista a complicada história da má aventura de Basilio Fernandes Enxertado, quando assaltou a muralha do convento de Santa Clara e se viu em calças pardas, história glosada humoristicamente por Camilo com impagavel veia comica.

Aquela famosa mexeriquice das madres de Viseu na ocasião de iniciarem a Teresa do *Amor de perdição*, póde ter sido copiada de identico facto ocorrido com a Freira ou por ela presenciado muitas vezes e transmitido a Camilo com alegres tintas de crua mexeriquice.

Todos estes salientes tópicos da enredada vida monastica os teria gravado D. Isabel na memória do romancista, donde passariam para alguns dos seus livros, ou logo, como

na *Carlota Angela* e nas *Aventuras de Basilio*, ou mais tarde, como no *Amor de perdição*, escrito na cadeia do Porto, quando Camilo, separado de D. Ana Plácido por gradões de ferro, recordaria solitario os bons tempos idos, porque o presente era o cárcere, e o futuro poderia ser o degredo temporario.

Das *Cem cartas* depreende-se que o romancista teve relações no Porto com uma actriz chamada Isaura: dentro de um mês, em junho de 1857, já Camilo se julgava flagelado por ela (1); di-la importuna e louca; êle vai romper (2); finalmente: «A Isaura acceitou com mais resignação q̃ eu suppunha as gemonias. Fallou em veneno, que penso seria *pós-de-ratos*. Depois, ou ella tem estomago de Mithridates, ou uma rasão bastantem.te illustrada para continuar a viver. Estou contente com o desfecho» (3).

Não será muito dificil esquadrinhar a identidade desta actriz Isaura. Por mim, acho que não vale a pena fazê-lo.

---

(1) Pág. 49.

(2) Pág. 51.

(3) Pág 52.

Só julgo dignas de figurarem na vida dos escritores aquelas mulheres a cuja memória eles deram relêvo nas suas obras ou nas suas cartas, porque de algum modo actuaram no seu espirito, ainda quando lhes não inspirassem paixão nem desvairamento.

Os amôres fugazes, que hoje se encontram e ámanhã se esquecem, são como a brisa que passa e não deixa vestigios.

Da Freira de S. Bento encontrei-os nas *Cem cartas* e, guiado pór elas, em algumas situações conventuais nos romances de Camilo.

O filho mais velho de Camilo [1]

Ás vezes, no silencio plácido das noites do Minho, na solidão profunda de S. Miguel de Seide, pelas horas mortas em que as estrelas e as flores parecem adormecidas na suavidade de um sôno brando, ouvia-se saír da côma frondosa de alguma árvore a modulação de uma flauta encantada, que chorava notas de maviosa tristeza e soluçava ais de dolorida saudade.

Era Jorge Castelo Branco, o filho mais velho de Camilo, que tinha a estranha fan-

---

(1) Artigo reproduzido, com algumas correcções, do livro *Através do passado*

tasia de empoleirar-se numa fronde e de passar as longas horas da noite, nesse poiso aéreo, tocando flauta com uma inspiração musical repassada de lagrimas, vibrante de comoções angustiosas, que nem a sua idade — vinte anos apenas — nem os carinhos paternais que o rodeavam conseguiam acalmar.

¿Por que era triste aquele môço auspiciosamente nobilitado com um nome literariamente glorioso? — aquele môço a quem o velho Castilho, patriarca das letras, impusera as mãos sôbre a cabeça numa sagração solene e a quem Tomás Ribeiro saudara a prometedora infancia em estrofes rendilhadas que emolduravam votos de felicidade e vaticínios de ventura?

Ninguem poderia responder a esta pergunta, muito menos os pais extremosos de Jorge, que se desvelavam em arrancar-lhe do coração aquela melancolia precoce, sem causa, sem justificação possivel.

Mas, todos os seus ternos esforços eram mal sucedidos, malogrados. A tristeza de Jorge resistia invencivel, todos os dias se tornava mais densa e profunda. O talento

desse rapaz, dotado de omnimodas aptidões artisticas e literarias, fazia lembrar uma flor delicada que tivesse nascido no recesso sombrio de uma gruta. Jorge compunha versos, desenhava, era músico, tinha uma alma afinada para todas as manifestações do belo, e todavia não passava na amargura espêssa da sua alma um unico raio de luz, que lograsse rarefazer as trevas interiores.

*

* *

Ano passado estive com Jorge Castelo Branco, durante algumas horas de um dia de agôsto, na quinta de S. Miguel de Seide.

Não o havia tornado a vêr desde menino, e o pregão da sua melancolica excentricidade aguçava-me vivamente o desejo de tornar a vê lo.

Camilo díssera me, chorando, que o seu primogénito tinha dias intrataveis, intercalados com outros de exasperação alarmante.

Jorge, pouco antes do jantar, aparecêra na sala do bilhar em que seus pais estavam conversando comigo.

Fizeram me grande impressão as feições duras, os olhos vagamente incertos, o ar taciturno e desconfiado em que não era dificil lêr um claro estigma de taras, manias e vicios predominantes.

O visconde de Correia Botelho disse-lhe quem eu era. Jorge não mostrou lembrar-se do meu nome.

E como o Pai instasse com êle para jogar comigo uma partida de bilhar, acedeu, mas estava em meio a partida quando tocaram para o jantar.

Foi ao sentarmo nos à mesa que Jorge Castelo Branco, voltando se com vivacidade para o Pai, dissera a meu respeito:

— Agora sei muito bem quem é.

Desde esse momento pareceu menos reservado, mas a meio do jantar rompeu numa grande efusão de chôro, a que a Mãe acudiu carinhosamente:

— Então, meu Jorge, bem vês que nos estás entristecendo a todos.

O pobre moço calmou-se um pouco e, no fim do jantar, quando descemos ao pátio, estava expansivo, falador; foi buscar a pasta dos seus desenhos, e obsequiou me com uns

dez ou doze, alguns originais, outros copiados.

De repente mostrou-se outra vez triste, preocupado, lastimava a sua vida ociosa, confessava-se um ente inutil na familia e na sociedade. Contou-me que escrevêra ao sr. Fontes, então presidente do conselho de ministros, pedindo lhe um emprêgo.

— Meu pobre filho! exclamou Camilo, com os olhos miopes marejados de pranto.

D. Ana Plácido, a Mulher Forte, parecia habituada estoicamente a todas as desgraças domésticas, que ela conhecia e sondava primeiro do que Camilo, sofrendo-as e calando-as.

Jorge havia recolhido, com seu Pai, de Santo Tirso, pouco antes.

Em Santo Tirso contaram-me que passeava todas as tardes em volta da Praça, durante longas horas, sempre no mesmo passo e no mesmo terreno — com as mãos enfiadas nas algibeiras do *prussiano* e o chapeu molê derrubado sôbre os olhos.

*

* *

Em setembro tornei a avistar-me com Jorge Castelo Branco em casa de seu Pai, na Povoa de Varzim.

Nesse dia, estava êle pouco menos de intratavel. Logo ao principio do jantar, levantou-se da mesa, sufocado em lagrimas. Foi para uma janela e, por dentro da vidraça, quedou se longo tempo olhando o mar — o mar que naquela tarde estava muito mais sereno do que êle.

A' noite, conversávamos no botequim do hotel Luso-Brasileiro o visconde de Correia Botelho, o velho visconde de Pindela, o João de Mendonça, de Braga, e eu, quando o Jorge, aproximando-se timidamente da nossa mesa, disse tirando respeitosamente o chapeu:

— Vossa excelencia, sr. visconde, dá-me licença de ir vêr jogar?

Foi a segunda vez que o ouvi tratar o Pai por visconde.

Camilo respondera:

— Se isso te póde divertir, vai, meu filho.

E, voltando-se para nós, acrescentou:

— Que desgraça! que desgraça!

No dia seguinte, almocei com o Mestre naquele hotel. Uma das outras pessoas que estavam á mesa era a Mãe de Jorge.

Êle, porêm, fôra pedir-lhe muito triste, muito concentrado, que o deixasse ir almoçar no botequim, sózinho.

Nuno, seu irmão, viera depois do almôço acompanhar-me à estação do caminho de ferro, e Jorge, sempre sózinho, sempre muito triste e concentrado, estendera-me a mão e fugira.

Camilo, sabendo que eu tinha escrito um opúsculo àcerca da minha visita a S. Miguel de Seide, perguntava-me:

— O que disse do Jorge? Olhe que êle lê tudo.

Tranquilizei-o. Eu tinha falado do Jorge com as reservas que devia.

Há pouco mais de um mês recebi de Camilo uma carta verdadeiramente angustiosa. Soube por ela que o desvario de Jorge era cada vez mais inquietador. Hoje, como a loucura do pobre môço se tornou notória, posso, infelizmente, publicar a carta de Camilo:

Meu prezado amigo.

Ha dois mezes que não escrevo nem leio, por falta de vista. O menor esforço produz-me vertigens. Suspendi todos os meus trabalhos. Concorreu muito para esta perversão nervosa o estado do meu pobre Jorge que entra no periodo da furia homicida. A primeira victima será a mãe. Os medicos mandam-me sair d'este meio sem domora; mas como hei de eu deixar aqui a pobre mãe que o filho insulta e ameaça? A mim respeitou-me; agora ameaça-me de pontapés, e espero-os resignadamente. Veiu aqui o R. Jorge para o levar para o hospital de alienados, mas nós não podemos dar-lhe o ultimo beijo como quem beija um cadaver. Morremos no nosso posto de amor e caridade incondicional para este desgraçado.

Do seu muito amigo
Camillo Castello Branco.

Ei-lo aqui o coração de Camilo, o seu grande coração afectuoso, nesta rapida, torturada carta. Foi preciso que a loucura de Jorge chegasse à extrema violencia, à excitação ameaçadora e perigosa, à furia homicida, para que seus Pais consentissem em separar-se dêle.

Jorge, como tantos outros loucos, parecia voltar nos ultimos tempos as suas iras contra as pessoas que mais amava e que mais o amavam: seus Pais.

Sendo inconveniente a sua permanencia na casa paterna, fôra primeiro transferido para o domicílio do sr. Daniel Augusto dos Santos em Vila Nova de Famalicão. Ali, como alguns jornais já contaram, escrevia constantemente.

O trabalho continuava a ser a sua preocupação constante.

Mas a loucura do pobre Jorge tomava de día para dia proporções assustadoras: foi indispensavel interná-lo no hospital Conde de Ferreira, onde deu entrada, há poucos dias, acompanhado pelo dr. Ricardo Jorge e pelo editor portuense Eduardo da Costa Santos.

Aqui fica, a traços largos, a história da loucura do pobre Jorge.

Oxalá que possámos um dia — e que esse dia não venha longe — dizer, com sincero júbilo, aos Pais do desditoso môço: «Vosso filho, vê-lo aí. E' o vosso Jorge, cujo espírito, emergindo da noite da loucura, volta de novo à luz e ao lar paterno, aos vossos corações e aos vossos braços».

Praza a Deus que assim aconteça.

Agosto de 1886.

*

*   *

Jorge Castelo Branco entrou no hospital de alienados do Porto em 2 de agosto e saiu, pouco melhor, em 27 de outubro de 1886.

Depois, toda a esperança de curá-lo se perdeu.

Camilo janota

Nesta hora [1] em que os transmontanos tão dedicadamente trabalham na organização do seu congresso regional, julgo que virá a proposito deixar arquivada a recordação de um alvitre exposto pelo sr. professor Agostinho Fortes, a primeira vez que nos falámos.

Vai isto ha oito anos, creio ter sido em 1912. Lembro-me de que vim expressamente de Cascais para corresponder ao convite que levava a assinatura daquele respeitavel cavalheiro.

Dei por muito bem empregado o meu

---

[1] Junho de 1920.

tempo, porque tive ocasião de me aproximar do sr. Agostinho Fortes, que até então eu apenas conhecia pela sua fama de professor e pela leitura de algumas das suas obras.

Achei-me na presença de s. ex.ª em uma das salas da camara municipal e desde logo me causou excelente impressão a sua alegre fisionomia, a maneira clara e expedita com que abordava os assuntos que deviamos tratar e que logo ficaram esclarecidos, bem como me foi sumamente agradavel a conversação em que nos entretivemos depois de encerrada a conferencia oficial.

Contentou-me, e de algum modo me surpreendeu, que um homem de sciencia, tão absorvido pelos seus trabalhos e responsabilidades de catedratico e ainda pelas suas responsabilidades e trabalhos de politico militante, se me revelasse um camilianista convicto, exaltando a obra de Camilo com um tão vivo interesse como se estivera fazendo-lhe o elogio na Academia... onde nunca se fez.

E devia ter-se feito, o dele e o do Eça, porque foram fundadores de escola e por

isso marcam épocas e individualidades bem assinaladas na historia literaria do nosso país.

Pelo que especialmente respeita a Camilo, não importa o silencio da Academia enquanto em Portugal houver homens de sciencia, professores abalizados que, como o sr. dr. Maximiano Lemos no Porto e o sr. dr. Agostinho Fortes em Lisboa, lhe façam justiça e propaganda.

Este ilustre scientista preconizou a obra genuinamente portuguesa de Camilo na conversação que tivemos, não só como iniciador do romance de costumes nacionais, mas tambem como o mais terso remodelador da lingua patria em obras que foram muitas e muito lidas.

O grande romancista colhia dos classicos os vocabulos que podiam ainda ter uma propria adaptação moderna, e ás nossas aldeias, especialmente as de Trás-os-Montes, ia buscar os provincianismos, saborosos de tempêro lusitano, que tanta falta fazem nos nossos dicionarios, os quais, por isso mesmo, resultam incompletos.

Oiço ás vezes censurar Camilo, porque as

suas personagens são sempre as mesmas.

Mas na sociedade portuguesa de há meio seculo não havia outras, não havia mais nem melhores. Eram o «brasileiro», o morgado, o barão, o negociante e o padre. Do «brasileiro» fez dezenas de caricaturas, todas elas felizes. E havia razões poderosas para lhe dar a preferencia, porque o brasileiro» era o detentor do ouro que produz escandalos e tragedias, do ouro que compra as consciencias e as mulheres.

O que admira é que Camilo pudesse accionar tantos romances com tão poucas personagens.

Ora o sr. Agostinho Fortes, quando nos encontramos, acabava de percorrer a linha ferrea do Vale do Corgo, não sei se com destino ás Pedras Salgadas ou a Vidago.

É natural que fosse encantado com o aspecto interessantissimo daquela região alpestre, que por efeito da viação acelerada conseguiu tornar-se conhecida de tantas e tão distintas pessoas que frequentam Vidago e as Pedras.

Na linha do Corgo há muitos apeadeiros e sucede que um deles é o da Samardã.

Este nome não sôa estranho a quem tiver leitura das obras de Camilo, em algumas das quais vem mencionado afectuosamente.

Desde os seus onze anos, o romancista foi educado em Vilarinho da Samardã, que dista apenas meia legua de outra aldeia chamada simplesmente Samardã.

Bastará lembrar algumas frases de Camilo para que todos possam avaliar a ternura com que ele amava Vilarinho da Samardã: «sinto a nostalgia d'aquella povoaçãosinha ha muitos annos — uma saudade inveterada como a reminiscencia d'um primeiro amor, o unico feliz. Na minha mocidade, nada mais vejo. Não nasci lá; mas ahi foi que me alvoreceu o arrebol do entendimento, a ancia de trasladar ao papel o diluculo d'essa alvorada: foi ali que fiz os meus primeiros versos... *versos*, meu Deus! não — a primeira pagina da minha biografia de lagrimas».

Palavras tão repassadas de saudade e carinho não as escreveu Camilo a respeito de Lisboa, onde nasceu; do Porto, onde gostava de residir; de Seide, onde se exilou.

Quero frisar estas circunstancias, porque

estamos em vésperas do congresso trans-montano, e porque faz ao meu proposito acentuá-las antes de chegar à revelação do alvitre, que o sr. Agostinho Fortes me expôs.

Estou bem certo de que não hão de os congressistas deixar escapar a ocasião de pôr em gloriosa evidencia os factos e os homens que, através do tempo, honraram a provincia de Trás os Montes.

Um congresso regional é, a bem dizer, um parlamento de familia, para tratar de interesses comuns.

Justo é que se principie por lembrar as pessoas ilustres que ali faltam, porque já a morte as levou.

Entre essas pessoas há de mencionar-se Camilo Castelo Branco, que não teve por berço aquela provincia, mas que lá se educou e a amou com tal extremo, que ainda na velhice a recordava com os olhos e o coração cheios de lagrimas.

São muitos os leitores e admiradores de Camilo na região transmontana, especialmente nas localidades onde ele teve amigos pessoais, antigos morgados cultores da gineta e da aventura, que aos filhos e, por-

ventura aos netos, contaram memórias do grande romancista, suas anedotas e frases espirituosas.

Os netos ou os filhos desses que foram amigos pessoais de Camilo lá estarão no congresso e lá recordarão, por certo, que logo no primeiro romance, o *Anátema,* ele deixou gravados muitos aspectos da provincia de Trás os Montes, incluindo o da sua capital, em breves, mas picturais palavras.

Evoquêmo-las para as contrapôr á atoarda insidiosa de que em Camilo não há paisagem:

«As escarpas cinzentas, que formam a eterna peanha de Villa Real rugem uma toada soturna e sussurrante; é o fremito dos pinhaes e dos arbustos baloiçados pelo sopro cortante e gelado do Marão. Mais longe, desenha-se, sob o esplendor indeciso da lua, o vulto pardacento, phantastico, e movediço do castello dos Tavoras. Na base despenha-se o regato que muge soberbo da sua onda, engrossada pelas aguas do céu...»

Refere-se ao rio Corgo, sobre cuja margem direita fica a aldeia de Vilarinho da Samardã.

Podemos agora acompanhar a viagem do sr. Agostinho Fortes e revelar o alvitre que ela lhe sugeriu.

Tendo parado o comboio, um viajante leu:

— Samardã.

Ouvindo este nome, o considerado professor, com a sua habitual ligeireza de movimentos, correu à janela e pôs-se a olhar para fóra.

Viu no alto o enrocamento de grandes rochedos, que lhe trouxeram à memoria varias referencias de Camilo ao rincão alpestre onde, na adolescencia, pastoreava por gosto o rebanho da casa, jogava a bisca com os carvoeiros da serra, caçava coelhos através da neve, lia deitado no chão a *Arte latina* do padre Antonio Pereira, onde, finalmente, arrastara a asa à pegureira Luísa, que denominou «Flôr dentre as fragas» e que, num doce idilo aldeão, amou castamente.

Sempre com os olhos pregados nos alterosos rochedos, e talvez recordando que o romancista se intitulou algures, com graciosa ironia, «literato samardanesco», o sr. Agos-

tinho Fortes continuou viagem pensando em Camilo e de repente lhe acudiu uma ideia, que ele afagou com a sua fina intuição artistica e com todo o seu entusiasmo literario.

Lembrara-se de que ali, sôbre os rochedos da Samardã, sem outro pedestal senão eles, seria lugar apropriado para erigir uma estatua de Camilo, bem alta, para que todos a vissem de longe, turistas ou pioneiros, a gente culta e a gente rude, e fossem pelo caminho mirando-a e admirando-a até desaparecer por de trás das montanhas.

No espirito de quem uma vez a visse ficariam indelevelmente associadas a gloria de Camilo e a sua biografia de adolescente, decorrida naquele «torrão agro e triste», o qual pode ainda hoje explicar, por influição longinqua, muitas paginas sombrias ou agrestes, melancolicas ou contemplativas, resultantes de repetidas impressões da sua vida na aldeia ou no monte, feito camponês ou serrano.

Mas o sr. Agostinho Fortes não se limitou a escolher lugar para a estatua, quis tambem escolher o indumento com que a res-

vestiria, se pudesse realizar imediatamente a sua ideia.

Poria ali, sobre os rochedos da Samardã, o Camilo no seu trajo de janota do seculo XIX, de homem de letras e de mundo, consoante o figurino da sua mocidade, que ele mais ou menos conservou até à velhice — um Camilo de chapéu alto, capa à espanhola, botas à Frederico, tal como o Porto o viu muitos invernos e Lisboa algumas vezes.

Esse trajo daria rapidamente a impressão da época em que ele viveu e produziu as suas novelas, das paixões romanescas das suas personagens, da requintada sentimentalidade que levava ao rapto, ao adulterio, ao cárcere, ao suicidio, ao convento ou á loucura.

É claro que o sr. Agostinho Fortes me expôs o seu alvitre com muito mais brilho do que eu o pude fazer agora.

Com a sua palavra eloquente e sugestiva, s. ex.ª deixou-me convencido e entusiasmado; hoje, oito anos volvidos, ainda não mudei de opinião.

Poderá ter facil realidade o brilhante alvitre do sr. Agostinho Fortes?

Não sei.

Tenho visto realizar coisas mais dificeis e deixar de efectivarem-se outras mais faceis, sobretudo quando a má estrela dos infelizes as estorva, zombando de todas as dedicações.

*

* *

O congresso transmontano passou como tudo passa neste mundo.

E os rochedos da Samardã, ásperos blocos montanheses, parece terem alma e consciencia, porque lá estão oferecendo-se para alicerce de uma estatua bem alta, que possa, quando aquecida pelo sol, cantar como a de Mémnon.

Cantar o que? Cantar Camilo: o Talento e a Dor.

Novembro de 1921.

Ainda as "Cem cartas"

O ilustre camilianista sr. Xavier Barbosa refere se ao decreto, que eu pude desencantar no ministerio dos negocios estrangeiros, nomeando Camilo adido honorario à legação portuguesa no Rio de Janeiro. E porque Camilo diz numa carta de 1855 «que tem promessas de ser promovido a efectivo e que vê dinheiro em perspectiva a titulo de ajuda de custo», entende o ilustre coordenador das *Cem cartas* que eu, estranhando aquele decreto, o atribuí ao intuito de Camilo ir levar as produções do seu talento ao Brasil, impelido por um sonho de nababo literario, talvez, mas que a carta claramente exclúi tal hipótese».

Ora eu creio ainda que o romancista pediu o despacho — porque ninguem com senso prático se lembraria de lho ir obter — e que não recebeu por aquele ministerio dinheiro algum. A nomeação não dava direito a vencimento ou acesso. Fizeram-lhe promessas e êle acreditou-as. Mais nada. Ainda se tivesse chegado a embarcar, poderia ser que por favor lhe mandassem abonar a ajuda de custo.

O decreto, que eu citei e parece que ninguem mais lêra, diz textualmente, como se encontra no arquivo do Ministerio dos Negocios Estrangeiros:

«Attendendo ao merecimento e mais circumstancias que concorrem na pessoa de Camillo Castello Branco, Hei por bem, em nome d'El-Rey, nomeal-o Addido Honorario á Legação Portugueza na Côrte do Rio de Janeiro, sem que por este titulo tenha direito a vencimento algum, ou accesso na carreira diplomatica. O Visconde d'Athoguia, Par do Reino, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros, e dos da Marinha e Ultramar, o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessarios.

Paço de Cintra, em oito de agosto de mil oitocentos e cincoenta e cinco.

Rey Regente
Visconde d'Athoguia»

Foi mercê puramente honorifica, como se vê do teor do decreto, e ainda da seguinte nota que lhe puseram na respectiva secretaria: «Não foi communicado á Legação do Rio de Janeiro. Pelo menos não figura no livro de Registo do Ministerio».

Pura mistificação.

Não foi porém esta a unica vez que o Mestre teve ingenuidades politicas: em carta de 26 de março de 1858 perguntava a José Barbosa e Silva se julgava exequivel a ideia dêle Camilo ser deputado. E, sem esperar pela resposta, repudia essa ideia, dizendo, logo no dia seguinte: «Cuidava eu que pagando 6$ rs. de decima estava recenceado como elegivel; mas o senso são 24$ rs.» E pronto, desistiu, porque não consultou sôbre o caso qualquer politicão, o qual lhe haveria dito que muitas vezes a elegibilidade era ficticia e tudo se arranjava no melhor dos mundos — o das trapaças eleitorais.

Pois foi pena que o eminente escritor não tivesse vindo ao Parlamento, porque se haveria revelado um orador temivel e brilhantissimo, a julgar pelo discurso que lhe ouvi no Porto em favor da candidatura de Custodio José Vieira em 1865 (1).

E a breve trecho oferecer-lhe-iam rendosas sinecuras, libertando-o do trabalho esgotante, dos escassos ganhos, das dificuldades financeiras em que viveu e até dos ingenuos projectos que fazia ou lhe alvitravam, como o de ser comandante de guardas da alfandega no Porto ou 2.º bibliotecario nessa mesma cidade, quando ele bem sabia quantos inimigos lá tinha e que os vereadores lhe haviam de faltar ainda que lhe prometessem o contrario (2).

Posta de parte a ideia de ser deputado, o que mais lhe conviria, para ficar a coberto das suas constantes privações de escritor, seria ganhar categoria no jornalismo politico para aspirar a uma colocação desafogada.

Todavia, Camilo não tinha paciencia nem perseverança para submeter-se à disciplina

(1) Sr. dr. Antonio Cabral, *Camilo de perfil*, pag. 182.

(2) Carta de 24 de janeiro de 1859, pag. 142.

partidaria. Rodrigo da Fonseca Magalhães quis atraí-lo a essa vantajosa carreira, mas, com o seu agudo faro de *Raposa*, bem depressa lhe conheceu o feitio. O romancista queria trabalhar com independencia, repelia qualquer sujeição, por isso abandonara a imprensa legitimista e alguns anos depois se lastimava de ter que escrever politica no *Nacional*, porque a colaboração unicamente literaria lhe era miseravelmente paga.

Ele havia nascido apenas... para ser grande na literatura, e foi-o. «Para mais nada sirvo», palavras suas em carta de 10 de dezembro de 1858. Como escritor serviu gloriosamente o país, conquistou um lugar tão alto e firme em Portugal como o dos seus contemporaneos Dumas pai em França, Carlos Dickens em Inglaterra, Pérez Galdoz em Espanha.

Por este longo epistolário que abrange *Cem cartas* intimas, fica toda a gente habilitada a conhecer a estrutura moral de Camilo, que eu me prezo de nunca haver falseado, o seu afinco ao trabalho, as suas necessidades de dinheiro, o pundonor com que pretendia desembaraçar-se de credores, o brio com que se defendia, as crises dos

seus nervos, a inconstancia do seu coração, os caprichos do seu caracter.

O que é certo é que, apesar das suas fragilidades, direi mesmo dos seus defeitos, ele não se torna antipatico nem repulsivo; o homem, posto em face da posteridade, não prejudica o escritor, fica de pé essa ingente figura proteica, ondulante, contraditoria, sem que os seus detractores tenham conseguido causar-lhe abalo ou descrédito e creio que jamais o hão de conseguir.

Nas *Cem cartas* ressaltam provas frisantes das boas relações entre Camilo e Herculano, que não era facil em proteger tão caroavelmente como o livro do sr. Xavier Barbosa demonstra que protegeu Camilo.

Este assunto fica nitidamente aclarado.

Eu algumas vezes perguntava a mim mesmo a razão por que o romancista não completara a tradução do *Genio do Christianismo* e fôra substituido por Augusto Soromenho. Nunca o perguntei a Camilo; nem a Soromenho, por desconhecer se ele estava bem ou mal com o Mestre.

Agora, pela carta que se encontra a pag. 134, levanta-se uma ponta do véu que

nada tem de desonrosa para Camilo, nem de censuravel para Soromenho. Tal é, pelo menos, a minha impressão.

Um só desapontamento me deixou esta valiosa colectânea de Cartas: o que se lê a pag. 110, conquanto escrito a um amigo intimo, não esclareceu mais o drama resultante do infeliz casamento de José Augusto Pinto de Magalhães com Fanny Owen.

Metade dêsse estranho drama permanece no escuro.

Eu pendo a crêr que José Augusto era sujeito a obcecações ingénitas e, talvez, a uma prematura falencia de virilidade.

Ele proprio se classificou incompreensivel, e esta confissão só costuma faze-la quem a si mesmo se não entende.

O seu retrato, estampado no livro *Camillo desconhecido*, do sr. dr. Antonio Cabral, revela uma expressão fisionomica de pertinacia e dureza, algo torturada.

Camilo morto-vivo

Em julho de 1845 estava o conselheiro José Cabral Teixeira de Morais hieráticamente amesendado no seu gabinete de governador civil de Vila Real, quando um contínuo de jaquêta de saragoça, com aspecto mais rural que burocrático, lhe entregou a correspondencia ou, como em geral se dizia, «o correio».

Este conselheiro José Cabral, maior de cincoenta anos, vinha perlustrando uma já longa carreira publica, alternadamente júdiciaria, administrativa e parlamentar.

Bacharel em direito, como tantos outros a quem o grau universitario não afamara, foi nomeado juiz de fora de Alvito, mas,

transmontano por nascimento, não descansou enquanto não obteve colocação na sua terra natal ou perto dela.

Eleito deputado ás côrtes em 1834, José Cabral traçou um plano de vida politica, o qual consistia em abraçar a Carta Constitucional e beijar a mão da Rainha.

O caso é que, revelando mais habilidades que talentos, se mostrou coerente como insuspeito cartista, quando estalou a revolução de 1836, a que não quis aderir.

Recuava para avançar e com efeito avançou em 1840, ano em que foi nomeado governador civil de Vila Real e recebeu a carta de conselho.

Ora, em julho de 1845, já ele tinha tido tempo de sobra para tomar pé no distrito, montar a seu geito a máquina eleitoral, que devia funcionar no dia 3 de agosto, regulada por um decreto *ad hoc* alterando o de 42.

Mas alguma coisa faltava ainda ao governador civil de Vila Real, era receber qualquer pergunta do governo sobre as candidaturas viáveis por aquele distrito, que perfazia com o de Bragança a representação da provincia de Trás-os-Montes.

Por isso, o conselheiro José Cabral, logo que recebeu o correio e viu na capa de um oficio o carimbo do ministerio do reino, tratou de se inteirar do seu conteúdo, que leu e releu com manifesta surpresa e sensivel desagrado.

Levantou-se da cadeira, abriu a janela de par em par para desencalmar-se, deu alguns passeios na sala, agitado e meditabundo, depois, como que esclarecido por uma ideia engenhosa, sentou-se, pegou na pena e escreveu algumas cartas a diversas pessoas influentes num e noutro grau da eleição.

O que fazia ele? Punha em pratica uma habilidade para resolver um caso bicudo: chamava a capitulo os seus amigos politicos, os caciques, os galopins e, especialmente, todos aqueles individuos que ingenuamente o pudessem auxiliar em nome da liberdade de voto e do patriotismo das mantanhas.

Logo que os reuniu no governo civil e, depois de uma rapida preparação sugestiva, deu lhes conhecimento da relação dos candidatos, que o governo de Lisboa ousava propor e impor, coacção que os eleitores de Vila Real não podiam por dignidade propria

sofrer. Pediu aos circunstantes que manifestassem o seu voto sobre esta questão: 56 concordaram com o governador civil, apenas 5 dissentiram.

Então José Cabral disse que não podia ir de encontro á opinião da maioria do colegio eleitoral e que o ajudassem a promover, salvando as formulas constitucionais, uma eleição de deputados tão cartistas como os srs. ministros. Que marôto! Salvando as formulas constitucionais... Que marotão!

Por sua parte, fosse qual fosse o resultado, prometeu que jamais desertaria das fileiras em que sempre militou antes e depois da restauração da Carta.

Logo ali, de comum acôrdo, cozinharam uma lista de amigalhotes, pondo à cabeça do rol o governador civil, que manhosamente conseguiu vingar-se do desamor com que o governo o tratava na escolha de deputados, sabendo aliás que ele tinha influencia não só no distrito, mas na provincia.

Ora toma lá, Antonio Bernardo, diria ele mentalmente. Vai quem eu quis e vou eu proprio.

O ministro do reino, quando teve conhe-

cimento do resultado da eleição por Vila Real, mandou para o *Diario* um decreto exonerando o governador civil e diz um panegirista do conselheiro José Cabral,([1]) que tambem o fez riscar do quadro da magistratura. Isto não sei ao certo, mas o decreto com que os Cabrais o sacudiram do governo civil de Vila Real eu o li na folha oficial de 25 de agosto de 1845.

As côrtes abriram em janeiro do ano seguinte. Na sessão preparatória do dia 16 foi posto à discussão o paracer da primeira comissão de verificação de poderes, favoravel ao resultado da eleição pela provincia de Trás os-Montes.

José Cabral teve pressa de varrer a sua testada.

Aparentando serenidade e firmeza contou, ainda que sucintamente, a indignação com que a opinião publica tinha, no distrito de Vila Real, recebido a imposição de candidatos governamentais — aqui é que estava a revelação escandalosa — e a oposição, pela

([1]) A. T. C. Ponce de Leão, num opusculo biográfico publicado em 1857.

boca de Almeida Garrett, sublinhou-a vigorosamente.

Espremida esta vesícula de veneno, José Cabral acrescentou, num tom de mártir resignado, que não pôde conseguir que o eleitorado transigisse e, em tão dificil conjuntura, preferiu sacrificar o seu cargo a ter que apartar-se de leais cartistas e a violar o juramento que prestou de ser fiel cumpridor da Carta.

Por último: que bem sabia que o malsinavam de renegado, de partidario incerto, mas que ele se conservava e conservaria firme nos seus principios, na sua fé constitucional.

O discurso foi quanto possivel manso e curto.

Para um manhoso, outro manhoso: respondeu-lhe o proprio ministro do reino, Antonio Bernardo da Costa Cabral, tambem manso e breve.

Afastava a questão, disse ele, por intempestiva: incompetentemente fôra trazida ante a junta preparatória, à qual não cabia tomar conhecimento dos motivos que levaram o governo a deixar de ter confiança no governador civil. Mas oferecia-se para ven-

tilar essa questão entre scenas com o sr. deputado quando e onde ele quisesse, sem ouvintes nem testemunhas, apenas um com o outro — *proh pudor!*

Dois melros de bico amarelo.

*

* *

O que se passou nos bastidores, se alguma coisa se passou, ignoro eu. Mas o que sei de sciencia certa, porque o comprovam documentos historicos, é que José Cabral Teixeira de Morais, no principio de fevereiro de 1847, era outra vez governador civil de Vila Real e que, para afirmar e firmar a sua reconciliação sincera com os Cabrais, governava com a Carta e com um grupo de caceteiros de que faziam parte os afamados Ferreira, *Olhos de boi*, Matos, Roque Sapateiro e um Reverendo de pulso rijo.

E' agora que entra em scena o nosso Camilo, rapaz de vinte e dois anos, temperamento impressionavel e combativo, espirito aventuroso, cujas crenças politicas não eram, porém, mais resistentes que o magro

rocim em que ele trotara no estado-maior do general Mac-Dónell.

¿Quem o levaria a escrever, já depois de assinada a convenção de Gramido, um comunicado politico para *O Nacional* do Porto?

Foi o clamor de amigos, de parentes, de muita gente boa e pacata, que não tinha à mão outro gazeteiro, mais pronto e apto, para dizer ao país a vida asfixiante que se estava vivendo em Vila Real.

E o que escreveu ele? Verdade, verdade, um artiguinho muito menos despejado que os *en tête* e *sueltos* com que são tratados agora em Portugal os poderes constituidos.

Dêmos apenas ligeiras amostras:

«Já não troa o canhão, já não estoura o fuzil, já a espada se recolheu na bainha; cessou a guerra, graças ao céo, raiou em novo horizonte a branda paz — taes felicitações se dirigem agora aos portuguezes.

«Sim, cessou a guerra, mas flagello mais horrivel opprime e devasta este malfadado districto.

«Assassinios — espancamentos — roubos. O povo quer paz, quer paz e precisa-a. As autoridades, porem, não a querem...».

E nesta altura narra um barbaro assasinato e um roubo descarado, que as autoridades fingiam ignorar.

Depois acrescenta: «A maior parte dos homens probos e honrados d'esta villa acham-se ausentes, até que haja authoridades que façam respeitar a lei; o que parece que só terá lugar, quando tivermos um governo nacional e honesto, porque quando este existir não teremos por governador um José Cabral Teixeira de Morais, e muito menos um Antonio Felisberto da Silva Cunha, tão desejado pelos caceteiros cabralinos...».

O conselheiro José Cabral leu isto e irritou-se, não porque temesse qualquer influencia pessoal de Camilo, rapaz que não tinha bens de familia, nem posição, nem mesmo voto, mas porque julgou conveniente cortar pela raiz aquela ameaça de uma campanha de imprensa contra a sua pessoa.

Mandando chamar o caceteiro alcunhado *Olhos de boi* — encarregou-o de aplicar uma sova a Camilo, o que se realizou ás dez horas da manhã, assistindo o governador civil da sua janela.

A vítima não se calou, voltou à carga nas colunas do *Nacional*, clamando contra a prepotencia ainda com mais indignação e sanha.

A situação de Camilo era arriscada em Vila Real, mas ele não quís arredar pé de ali, e, para dar qualquer explicação que o desculpasse a si mesmo de se haver envolvido na politica local, ele, que aborrecia a politica, assoprava ás vezes uma baforada de morgado pobre, dizendo que José Cabral devia à sua familia quatro mil cruzados, o que não devia ser certo.

Por sua parte, José Cabral tentava pretextar a animadversão contra Camilo acusando-o de acintosamente o vexar em publico não lhe tirando o chapeu — como se a Carta dispusesse alguma coisa a esse respeito.

Mas o conflito entre os dois tendia a agravar-se de mês para mês e tanto assim que, em 19 de setembro de 1848, Camilo foi novamente agredido na praça publica pelo *Olhos de boi*.

Pouco depois, um grupo de sargentos de caçadores 3 insultou-o e teria passado a vias de facto, se não se interpusesse outro sar-

gento tomando a defesa do talentoso patuleia imbele, que mais ninguem defendia por medo ao governador civil prepotente.

Conselhos assisados e porventura meigas instancias convenceram Camilo a retirar-se por algum tempo de Vila Real e ele acabou por ceder sob color de ir á feira de Justos, no dia 27 de setembro.

Que vá com Deus e para muito perto vai ainda, porque de Vila Real a Justos medeia pouco mais de uma légua.

O ódio dos sicários galga distancias, corre como os cães de caça e dilacera como os cães de fila.

¿Irá Camilo expor-se a novos atentados, favorecidos pelo tumultuar de uma feira, no meio de multidão boçal e avinhada?

A ida á feira bem poderia ser apenas uma falsa indicação para desnortear a quadrilha dos caceteiros, mas infelizmente uma noticia má, trazida por alguns feirantes, começou a divulgar-se em Vila Real e fôra avolumada pelas hepérboles com que o povo espalha estupidamente as ruins novas:

Camilo Castelo Branco tinha sido assassinado na feira.

— Mas vocês viram-no morto? perguntava-se.

— Era ele mesmo em pessoa, respondia este ou aquele feirante. Vi-o muito bem; deitaram-no do cavalo abaixo, ficou com a cabeça aberta, estava deitado no chão e bem se lhe viam os sinais das bexigas, tão certo era ser o Camilo.

— Podia ser outro qualquer, com os mesmos sinais.

— Para mais verdade, saibam vocemecês que ele vinha acompanhado pelo tio...

— Pelo sr. Cabanas?!

Assim era cognominado João Pinto da Cunha, casado com D. Rita Castelo Branco, tia direita de Camilo.

— Pois então! E é que o sr. Cabanas, se quís salvar a vida, teve que fugir a galope. Dizem que ainda uma fouce lhe chegou a passar perto da cabeça.

— E isso foi na feira ou já na retirada?

— Isto foi perto da aldeia de Fermentes, quando tornavam.

Mas um fistor, avèlhado, dêstes que metem o bedelho em todos os assuntos para esclarecê-los, atalhou:

— A coisa estava bem encomendada e vinha tangida desde a feira, onde já houve implicancias, motivo porque tio e sobrinho vinham retirando.

A imaginação do povo é, em geral, terrorista.

Por isso, as más noticias acreditam-se mais depressa que as boas. E até chega a acreditá-las quem desde logo devia pô-las de môlho.

Especialmente em Vila Real, onde toda a população conhecia o genio audacioso de Camilo, que não evitava os perigos nem os temia, nada do que lhe acontecesse deveria parecer inverosimil por mais tragico ou fenomenal que fosse.

Algumas pessoas lembraram-se de pedir informações ao sr. Cabanas, mas este sujeito, ratão de eternas luminarias, como lhe chamou o sobrinho, desaparecera, sumira-se, para não falar, receoso de comprometer-se com o governador civil e com os seus caceteiros.

Entretanto, a noticia do assassinato correu de Trás-os-Montes ao Porto, onde fez sensação nas redacções dos jornais, nos botequins e nos teatros.

Deu-se-lhe credito, tanto mais que o *Eco Popular*, que trazia em publicação um romance de Camilo, declarara no dia 17 de outubro: «Suspende-se aqui este romance porque seu author, de que não sabemos, nos não tem remettido o resto d'elle. Recebemos ha tempo uma carta do mesmo que nos participava que ia retirar-se de Villa Real por não poder ali viver por causa dos assassinos cartistas que o perseguiam, e que nos mandaria em tempo o resto do romance para o publicarmos; porêm até hoge nem recebemos o resto do romance nem sabemos da paragem do seu author.»

Fóra do Guichard, da *Aguia de ouro*, dos camarins e dos palratorios de estudantes ninguem se mostrava pesaroso, nem surpreendido.

Os barões, os negociantes, os financeiros, os industriais, principalmente os frequentadores do «Palheiro», faziam comentarios desfavoraveis á vida de Camilo, e achavam até muito natural que um espadachim morresse com uma coça.

*

* *

Ora o «Palheiro» era na primitiva *Assembleia Portuense* uma sala em que se reuniam por costume sujeitos vesados a falar das vidas alheias, a descobrir ou inventar escandalos.

Esta sala tinha muitos «fregueses», predominando o elemento brasileiro de tornaviagem.

Dava-se-lhe o nome de *Palheiro* porque, segundo Camilo, a palha era o alimento natural dos seus frequentadores.

Eu ouvi dizer em tempo a um antigo portuense que tão singular apelativo proviera do simples facto de ser coberto de esteira o soalho da sala.

Camilo, tanto naquela chalaça da palha, como em muitas outras ocasiões, caía a fundo com acerados epigramas e constantes ironias sobre os homens do «Palheiro», que o não podiam vêr.

Tendo-se já infiltrado por todo o Porto a atoarda do assassinato do escritor, sucedeu que no dia 7 de novembro explodiu nas co-

lunas do *Eco Popular* uma noticia inesperada: Camilo, vivo e são, chegara ao Porto, o que ele proprio dizia em carta aberta.

O individuo espancado em Justos era dos suburbios de Vila Real, chamado Manuel Pereira Cardoso, um perfeito sósia que realmente se parecia muito com ele, até na variola.

Camilo, logo que saiu da Vila, foi hospedar se regaladamente em Covas do Douro, freguesia do concelho de Sabrosa, situada num fértil vale.

Aqueles portuenses para quem era indiferente a pessoa de Camilo deram tanta importancia á noticia da sua ressurreição como tinham dado á da sua morte.

Mas os amigos de Camilo, que não eram muitos, e os queixosos dele, que eram muitissimos, receberam-no com agradavel surpresa uns, com raiva e desespero os outros.

Os consócios do «Palheiro» ficaram fulos.

Á noite, nesse mesmo dia, a sala da maledicencia estava cheia,

Um homem, que todo o Porto conhecia e estimava, Antonio de Almeida Campos, modelo acabado de beleza varonil o define Ca-

milo, passava no corredor, quando algumas vozes o chamaram:

— Ó Almeida Campos! ó Almeida Campos!

Ele retrocedeu dois passos.

— O que é? perguntou.

— Entre, venha cá.

Almeida Campos, encostando-se à ombreira da porta, disse, sorridente:

— Não quero contaminar-me nesse foco de má lingua.

Um comendador *brasileiro:*

— Então o seu amigo Camilo apareceu?!

Outra voz:

— Coisa ruim não tem perigo.

Segundo comendador:

— Fosse ele um rapaz bom e pacato, e teria espichado.

Almeida Campos ouvia, risonho.

Um barão de fresca data:

— Ainda vocês não sabem outra cousa ...

Diversas vozes:

— O que? o que?

Prosseguindo, o barão explicou:

— Disse-me esta tarde o Gonçalves Bastos, com um certo arzinho de chuchadeira,

que vai publicar amanhã no *Nacional* o comunicado dum abade, que em tempo recebeu e que não publicou á espera de vêr se o boato da morte de Camilo se confirmaria ou não.

Três ou quatro sujeitos:

— E o que diz esse tal abade?

O barão, perorando:

— Que vendo muito povo junto no meio da estrada por haver ali homem morto, lhe dissera um caixeiro de Vila Real que o dito morto era Camilo Castelo Branco, da mesma vila.

Vozes desapontadas:

— Ora! ora!

Um comendador:

— Tão bom é o padre como o Camilo.

Almeida Campos, sorrindo:

— Os senhores são uns inocentes! Então não percebem que o abade era o proprio Camilo, a mangar co'a tropa.

Alguem, raivosamente:

— É o cumulo do descaramento!

Já desencostado da ombreira, fazendo menção de despedir-se, Almeida Campos aconselhou com paternal ironia:

— Esperem-lhe pela volta se não quiserem calar-se. Olhem que o Camilo não esquece nem perdoa. Adeus. Boa noite.

No Porto, durante os primeiros dias da sua reaparição, esse endiabrado rapaz foi o homem mais falado e descutido, em bem e em mal, muito mal, principalmente.

Alegre e despreocupado, tratou de indemnizar o *Eco*, dando-lhe em dez folhetins a narrativa da sua viagem de Covas do Douro pelo rio abaixo.

Longe do Porto, em Vila Real, Patricia Emilia pensava saudosa:

— Ah, meu Camilo! porque não vens tu vêr a nossa menina, que está tão galantinha?

Uma Carta de Camilo

Sou convidado a acompanhar com algumas palavras a reprodução em *fac-simile*, reduzido, da seguinte carta de Camilo Castelo-Branco, já publicada por cópia no livro do sr. visconde de Vila Moura — *Camilo inédito*:

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Recolhi hontem da «Casa de saude» de Braga, e encontrei a carta obsequiadora de V. Ex.a com o livro em que vejo o meu nome tão relevantemente nobilitado.

Li hoje estas formosas paginas, e notei o progresso que vai do primeiro ao segundo romance. A descripção da montaria é admiravel de verdade e de expressão sempre propria e sobria.

Se V. Ex.ª me dá licença, ouso fazer-lhe uma reflexão. O seu estylo carece de ser uniformisado, com um pequeno esforço. Por vezes, resaltam phrases de um puro classicismo, e á volta d'ellas abundam construcçoens segundo as formulas de Flaubert, de Bento Moreno, Eça de Queiroz e dos outros que se chamam, — ainda não atinei por q. — os *realistas* Quero fallar dos substantivos ladeados de adjectivos. Isto, que me parece m.e anglicismo que francezia, não é nosso; e, sobre tudo, não se amalgama bem com as locuçoens severamente portuguezas q. V. Ex.ª tão amiudo e felizm.te usa. Se V. Ex.ª quer filiar-se na eschola de Fr.co Txr.ª de Queiroz (Bento Moreno) seja sempre egual, e conseguirá ser sempre brilhante. Eu não reprovo, e até por vezes me deixo seduzir por aquellas novidades, Mas o que V. Ex.ª não pode é ser eclectico, entremetendo dicçoens seiscentistas no meio desta bella desordem do epitheto e da grammatica.

Releve-me isto; pois que desde q. V. Ex.ª me honrou com a dedicatoria do seu livro, me considero obrigado a zelar e esperar a completa florescencia do seu talento.

C. de V Ex.ª
S. Miguel de Seide
3 de Junho 77.

De V. Ex.ª
affectivo admd.or e cr.º obg.do
Camillo Castello Branco

O destinatário da carta era o sr. João Caetano de Silva Campos — hoje retirado das letras — que dedicou ao grande romancista,

no segundo volume das *Noites de Viana*, um romancezinho intitulado *O assassino*.

A reedição desta carta valoriza-se não só pelo *fac-simile*, como tambêm pelo direito que ela tem a ficar arquivada na interessante revista regional — *Limiana* —, em cujas páginas bem cabem quaisquer memórias atinentes a todo o vale do rio Lima, sem quebra da preferência dada à séde dos pontelimenses.

Desde o seu início, a *Limiana* arvorou a mesma bandeira do tradicionalismo provincial que mr. Raimond Poincaré, actual presidente da República Francesa, tem defendido com entusiasmo nas suas recentes viagens pelo interior da França,

Ainda há poucos dias êste ilustre homem de estado, tomando parte no banquête da *Association Meusienne*, realizado em Paris, pronunciou um eloquente brinde em que fez o elogio da acentuação provinciana, especialmente do sotaque da Lorêna.

Patrióticamente procedem as nossas provincias tratando de arrecadar com veneração as suas tradições locais e os seus documentos gloriosos.

Bastaria isto para justificar a reprodução

na *Limiana* da Carta de Camilo, mas acresce a circunstância de que o *fac-simile* põe diante dos nossos olhos um autógrafo, essencialmente literário, do imortal romancista.

Podêmos assim poisá-los na sua clara letra de amanuense — êle o foi aos vinte e dois anos no govêrno-civil de Vila Real — e na sua linda caligrafia de cursivo escolar, em que não há emendas nem entrelinhas, mas apenas alguma daquelas abreviaturas que tão vulgares foram nos manuscritos portugueses ainda no seculo XIX.

Do contexto desta carta ressaltam, a meu ver, dois factos capitais.

O primeiro é a lealdade com que Camilo Castelo-Branco aconselhava os *novos*.

O segundo é a sua impressão pessoal sobre a técnica, e melhor direi, a plástica da escola realista.

Aqui há relances de moderada ironia.

Por exemplo; «dos outros que se chamam — ainda não atinei porque — os realistas.»

Sim, é porque êle, posto não fosse tão longe como Latino Coelho relembrando que o realismo já se encontrava em algum episódio da *Iliada* de Homero, não podia, con-

tudo, esquecer-se de que tinha escrito alguns capitulos das *Scenas da Foz*, — aí perto, num encantador arrabalde da cidade de Viana — e, longe do Lima, a *Filha* e a *Neta do Arcediago*.

Quanto à adjectivação dos escritores realistas, isto é, quanto ao *substantivo ladeado por adjectivos*, devo dizer francamente que naveguei na esteira de Camilo, mas que modifiquei até certo ponto a minha opinião.

Essa fórmula, quando arvorada em sistema, é monótona e cansativa.

Empregada com discernimento e sobriedade, quando o substantivo exige picturalmente dois qualificativos, acho-a preferivel, por mais elegante e acentuada, à sequência dêles, jungidos em patrulha um ao outro.

Hoje, encarando o passado com larga serenidade, não se póde negar que a literatura portuguesa deva a Eça de Quiroz a pintura, a côr do epíteto, a noção da luz e da verdade fotográfica na escolha do adjectivo.

Aprendeu isso nos mais cultos escritores realistas da França? Certamente; mas foi êle que nacionalizou o processo.

Digo nos mais cultos escritores realistas

da França, porque algum escritor francês houve que foi realista, como por exemplo Paulo de Kock, e que não fazia prosa literária.

Camilo há-de ser sempre um romancista primacial, cada vez melhor apreciado.

O seu estilo é espontâneo e limpido, cheio de individualidade; a sua linguagem proclama a riqueza do nosso vocabulário

Acusam Camilo de não ter pintado a paisagem. Pois algumas vezes a descreveu em poucas palavras, o que representa uma alta qualidade de condensação.

O que êle soube pintar, como ninguêm mais, foi a alma portuguesa, esta nossa alma sentimental e atormentada, sonhadora e melancólica, submissa e irritável, contraditória e volúvel, que por sua vez parece reflectir a complicada paisagem das nossas várzeas floridas e das nossas serranias negras, do espelho terno dos nossos rios bucólicos e do aspecto tôrvo de outros, caudais e mugidores; das nossas macias praias planas e das nossas falésias altas e desgrenhadas; do nosso maravilhoso céu de safira e da nossa esbraseada charneca triste; das nossas

risonhas aldeias brancas e das ruinas lúgubres de antigos castelos e solares desmantelados.

A alma de uma nação, seja a nação grande ou pequena, é sempre uma paisagem dificil de reproduzir.

E Camilo soube pintar a alma portuguesa em quase duzentos livros, melhor que todos os outros nossos romancistas, melhor que os melhores, acima de todos, sem excepção absolutamente nenhuma — nenhuma.

Sr. Júlio de Lemos: bem ou mal, correspondi ao seu gentil convite, que para mim constituiu um indeclinável dever de cortesia.

Lisboa, 21 de dezembro de 1913.

O incendiário

Camilo Castelo Branco, em seguida a regressar da Póvoa de Varzim a Seide, vinha triste, apreensivo, porque lhe faltava a convivência com velhos amigos, o Pindela, o João de Mendonça e outros, seus infalíveis parceiros de palestra à mesa de algum dos cafés daquela animada praia.

Não era que êles se importassem com a colónia balnear, com a sua vida galante e mexeriqueira, com as *troupes* dramáticas que chegavam ou partiam, com os casamentos em projecto, com as perdas ou os lucros dos batoteiros. Nada disso os interessava.

Apenas vinham à porta do botequim, não para vêr alguma linda mulher, mas algum

bonito cavalo, que lhes anunciavam. E, trocando rápidas impressões acêrca do ginête em evidência, voltavam tranquilos para a sua mesa, onde conversavam recordações e saudades — infólio volumoso, que mentalmente Camilo arquivava com ternura.

Passar da Póvoa para a solidão melancólica de Seide era, em verdade, um irritante contraste, contra que os nervos do romancista protestavam revoltados, durante algumas longas semanas de impaciência e desalento.

Então renasciam os pavores e as apreensões sinistras, não só quanto ao seu estado de saúde, mas tambêm à insania de Jorge, o seu primogénito, a quem o regresso à aldeia de Seide sugeria as alucinações e os vícios de que na ruidosa temporada da Póvoa era menos perseguido.

Camilo percebeu que Jorge, depois que chegára a Seide, estava muito exaltado, e lembrou a D. Ana Plácido a conveniência de o levarem para o Bom Jesus do Monte, onde aproveitariam ainda alguns dias de agradável outono.

Mas a exaltação de Jorge não tardou a

atingir uma grande violência em conflito com o irmão, tendo o pai e a mãe necessidade de esforçadamente os apaziguar, expondo-se assim ao perigo de algum possível desacato.

No dia seguinte, pensando sempre no seu infeliz Jorge, que continuava a mostrar-se excitadissimo, Camilo pediu a D. Ana Plácido que lhe fôsse buscar o «Tratado clínico de psiquiatria», pelo dr. Krafft-Ebing.

Ela, com a sua habitual resignação e indefectivel paciência, obedeceu logo. Acendeu uma vela, foi procurar o livro e voltou em breve. Seriam dez horas da noite. O antigo candieiro da banca de Camilo iluminava bem todo o recinto.

Contudo, o romancista tentou lêr, encontrar a página relativa aos «actos impulsivos» e não o pôde conseguir; queixava-se de lhe faltar a vista e de não poder dominar uma crise nervosa.

D. Ana Plácido submissamente tomou o livro e começou lendo com vagar, não sem algum custo, porque havia compreendido quanto o estado de Jorge preocupava nêsse momento Camilo.

Chegou a triste leitora ao parágrafo em que o ilustre professor vienense diz que no caso de degenerescência hereditária, agravada pelo abuso do alcool e do onanismo, a impulsão irresistível para os actos criminosos, tais como o incêndio, é vulgar.

Desafogando a sua angústia de mãe desolada, D. Ana Plácido pousou o livro sôbre a banca e disse, no trémulo das fundas emoções:

— Então, não devemos considerar o Jorge um criminoso, mas apenas um doente, pelo facto de já ter ido ao Outeiro com a ideia de pegar fogo.

— Pobre mãe! — respondeu Camilo. — Triste consolação é essa. De um modo ou outro, o nosso Jorge está perdido.

Camilo descera a pala do boné e ficou imóvel na sua cadeira de braços.

Um estranho não saberia dizer se êle dormia ou meditava.

Mas D. Ana Plácido bem sabia que o romancista pensava e no que pensava, porque o mesmo assunto enchia de amargura as duas almas: era a desgraça do filho.

Ao cabo de algum tempo de um silêncio torturado, Camilo perguntou:

— O Jorge onde está?

— Fechou-se no quarto, respondeu a mãe.

— Mas não o tens sentido?

— Não.

— Então sossegou. Hão-de ser onze horas. Vamo-nos deitar.

Onze horas da noite, em S. Miguel de Seide, são um abismo insondável de solidão e de silêncio, ainda quando haja luar. Mas a negrura do céu, do arvoredo e dos montes parecia tornar mais espessos e vastos o silêncio e a solidão.

Camilo recolheu-se à sua alcôva, modesta e tristonha, que tinha por ante-camara uma salêta, escassamente mobilada. Era no andar superior, bem como o escritório e o quarto de D. Ana Plácido.

Sempre receosa de uma tragédia, ela dormia pouco e em sobressalto; um gemido de Camilo bastava para despertá-la. E, naquela noite, estava tão inquieta que não poderia adormecer.

Mais assustada ficou ao sentir os passos de Jorge, que tinha podido escapar-se de casa. Reentrava cauteloso, para não ser pressentido. Mas a pobre mãe deu fé e logo adi-

vinhou o motivo dessa misteriosa fuga, porque no coração das mães infelizes há uma presciência aguda como a ponta de um punhal que se crava fundo.

D. Ana Plácido suspeitou que Jorge sentira, mais uma vez, a impulsão irresistível para efectivar a proeza de incendiário, que na primeira tentativa falhara.

Atormentada por êste pressentimento, que no seu espírito se fizera convicção, a malfadada senhora abrira surrateiramente uma das janelas do escritório e pôs-se a olhar, a mirar para todos os lados, crendo que havia de vêr rebentar alguma labareda dentre a escuridão cerrada.

Mas, por mais que espreitasse e remirasse, os seus olhos nada distinguiam na massa negra e morta, onde o único sinal de vida era, de quando em quando, o vôo rápido dos morcêgos.

Bem desejaria enganar-se por amor daquele desgraçado filho, que nascera sob o influxo de uma estrela funesta, que nem consciência tinha da sua própria mocidade e que a natureza irónicamente dotara com algum talento artístico.

O sestro de incendiário horrorizava-a e a pobre mãe quase tinha saudades do tempo em que o seu Jorge desenhava qualquer trecho de paisagem ou copiava as caricaturas de Sanhudo; e ainda do tempo em que êle, alta noite, se empoleirava nas árvores de Seide a tocar flauta, com uma expressão de tristeza que fazia chorar o pai e a ela a arrepiava de desgosto.

Agora o seu Jorge já não era um artista inculto, já não era um talento espontâneo, como a florescência das ervas dos montes; agora queria ser incendiário, agora queria vingar os seus rancores de degenerado semeando a destruição e a ruína, como um vândalo que se propusesse destruir as mesquinhas aldeias de Seide e Landim.

Prouvera a Deus que naquela noite se enganasse, que Jorge não tivesse praticado qualquer malfeitoria que o tornasse ainda mais odioso aos vizinhos e aos criados.

Mas o coração de D. Ana Plácido não podia aquietar-se, não dava trégua às suas apreensões e por isso ela foi, pé-ante-pé, encostar-se à vidraça, na salêta de Camilo.

Sem fazer o menor ruído, observou, olhando

na direcção de Landim: e logo descobriu uma chama que rompia ainda tímidamente no lugar do Outeiro.

Aterrorizada, espavorida, soltou um grito, que estremunhou Camilo; desceu à pressa a escada, clamando pelos criados, especialmente pelo Tomás da Brasileira, que era forte e valente; mandou-os tocar o sino a rebate, chamar o Nuno, que morava ali bem perto, e que fossem todos a correr para o Outeiro, levando cada um a água que pudesse, porque o fogo parecia estar ainda em princípio.

Empurrando-os quase até ao portão, que deixaram escancarado, Ana Plácido, cardíaca e linfática, subiu a escada abafando.

Ao limiar da salêta parou e conseguiu dizer:

— Lá foram. Confio que o Tomás salvará a situação.

— Deus queira, respondeu o romancista.

Entretanto, êle tinha-se sentado na cama e feito luz. Pôs o boné, enterrando-o, embrulhou-se no *édredon* e acendeu inconscientemente um charuto.

Nada mais falso que a aparência de tran-

quilidade dêsse fumista, cujo busto tinha naquela hora um estranho aspecto caricatural.

Camilo sentia galopar o coração e latejar as carótidas. Tinha a cabeça escandecida, os pés frios, o peito mordido de nevralgias, tinha carrilhões nos ouvidos.

Não cessara ainda o rebate aflitivo dos sinos em Seide e Landim. Dos lados do Outeiro vinham gritos de alarido.

Aproximando-se da janela, D. Ana Plácido exclamou:

— Virgem Santíssima! acudi-me. O fogo vai lavrando!

Mas caiu em si, reconheceu a claridade mansa de uma fogueira, acesa pelos aldeões, talvez com a intenção de espiarem ou intimidarem o incendiário.

Meia hora depois voltavam os criados.

Camilo bradou:

— Vem cá, Tomás.

— Senhor Bisconde!

— O que se passou?

— O fogo foi pegado na madeira da *nora*.

Referia-se ao engenho hidraulico para tirar água dos poços.

— E ardeu muito?

— Uns quatro palmos bem medidos.

A indemnização seria, talvez, o preço de quatro capítulos de um livro a fazer.

— O peor, tornou Camilo, é que tu agora ficas mal com todas as sogras.

— Antão porquê?

— Porque te fizeste salvador das *noras*.

D. Ana Plácido atalhou:

— Ainda bem que já gracejas. Mas não te demores, Tomás, que o sr. Jorge tem luz no quarto e pode pegar fogo à casa. Se não abrir a porta, arromba-lha.

Tomás foi cumprir a ordem. Jorge não abriu logo.

— Se não abre, meto a porta dentro.

Então Jorge apareceu, vinolento, e regougou ameaçador:

— Não foi hoje, mas não tardará muito, palavra de honra.

Imediatamente o Tomás da Brasileira deu-lhe dois empurrões, jogando-o contra o leito e deixou-o subjugado pelo medo.

Foi mais uma noite de tortura que Ana Plácido e Camilo desvelaram no seu exaustivo Calvario de Seide.

Serão Camiliano

(Em 21 de novembro de 1917)

«Branca de Gonta Colaço e Jorge Colaço teem a honra de convidar V. para assistir a um serão Camilliano que realizam no proximo sabbado, 24. Rocha do Conde de Obidos, 1.»

«Minha Senhora:

«Eu estou feito um ermitão insociável, bem podendo dizer-se que não moro na calçada da Estrela, mas na Serra da Estrela.

«Por isso, agradecendo muito o convite que recebi, peço licença para ser substituido por

estes pobres versos, que desejaria fossem lidos pela pessoa que V. Ex.ª designar.

«Muitas lembranças ao Jorge.

Lisboa, 23-11-1917.

De V. Ex.ª
admirador e servo

Alberto Pimentel.»

Serão Camiliano

O' Mestre: a Filha do Tomás Ribeiro
— O nosso bom Tomás —
Herdou-lhe o estro nobre e altaneiro,
Que lindos versos faz!

Pois Ela, a Poetisa donairosa,
Vota o seu coração
A prestar-te homenagem carinhosa
Num divino serão.

Que primor literário! quanto brilho
Ali fulgurará!
Qual nos serões antigos do Castilho
Há longo tempo já...

Ela e Tu, relevando a minha ausência,
Crêde que eu lá serei
Do pensamento na veloz essência,
O' Mestre que eu amei.

«Recitei eu propria, disse-me a Senhora D. Branca, a sua....... poesia, pondo de parte a modestia para só pensar em V., em meu Pae, e em Camillo.»

Quão grato eu me confesso à ilustre Escritora certamente o compreenderá quem lêr este artiguinho, que foi publicado pela primeira vez na revista *Lusa*.

Voltando ao "Amor de Perdição,,

O Seculo da Noite publicou em 26 de outubro de 1918 um interessante artigo anónimo àcerca do enrêdo e principais personagens do romance *Amor de Perdição*, especialmente.

Sucedia isto quasi três anos depois de eu haver dado ao prelo as *Notas* sôbre o mesmo assunto, e como o autor do artigo indicava factos, que poderiam contrariá-las, resolvi consultar o ilustre professor e advogado sr. Maximiano Aragão, que muito tem profundado e esclarecido quanto respeita a Viseu.

Reproduzo o teor da minha consulta, que procurei tornar o mais concisa possivel:

«Revela aquele artigo do *Seculo da Noite* ter contado o sr. Roque de Gouveia, proprietário em Viseu mas residente em París, que seu avô paterno, Augusto Sidão Roque Gouveia, se lembrava da tentativa de homicidio praticada por Simão Botelho, em desforço de um fidalgo o haver mandado espancar por efeito de rivalidade amorosa; mais se lembrava de que na espera feita por Simão ao fidalgo, para se vingar dele, fôra coadjuvado por um ferrador de nome José Jeronimo, mas que o fidalgo se pusera detrás de um criado, e que fôra este que ficára ferido; outrosim afirmava que Teresa não tinha o apelido de Albuquerque, mas era filha de um nobre em cujo solar ela expirou e onde se conservava um retrato seu, pintado por Acácio Domingos, artista que demorou muitos anos em Viseu.

«O que poderá averiguar-se sôbre a ilustre familia de Teresa, que não era a dos Albuquerques, e sobre a existencia do retrato?

«Se pudesse dilucidar-se este duplo misterio, seria talvez possivel descobrir-se o nome do fidalgo rival de Simão Botelho.»

Tardou mais de um mês a resposta do sr. dr. Maximiano Aragão, e esta demora foi entalhando no meu espirito a convicção de que o ilustre consultor estava procedendo a investigações escrupulosas, como é seu costume, o que me fazia supôr que os factos indicados no artigo não andavam no dominio publico.

Realmente assim era, como se vê da resposta, que passo a transcrever integralmente:

«... Sr. Só agora, depois de ter procedido ás possiveis averiguações sobre os pontos a que se refere a sua carta de 20 do passado e nota que a acompanhava, é que posso responder, envolvendo nesta resposta os produtos da minha memoria, por onde principiarei.

«Ha 54 anos que cheguei a Viseu, a fazer exame de instrução primaria, trazendo já na minha bagagem literaria alguns conhecimentos de lingua latina.

«Tempos depois, não sei quantos, li o *Amor de Perdição*, em que muito então se falava.

«Recordo-me que ninguem então sabia

dizer quem era essa Teresa e a que familia pertencia, pelo que se considerava como produto da fantasia do romancista.

«A fantasia popular adicionou-se tambem á do romancista e arquitetaram-se hipoteses.

«Mas, de positivo, nada.

«Desejando, porem, comunicar a v. não só aquilo de que me lembro, mas tambem o que podesse ser conhecido de outras pessoas, de algumas solicitei informações.

«O carcereiro Manoel Antonio dos Reis, de 74 anos de idade, asseverou-me que numa quinta, de poucos moradores, que fica ao lado da estrada que vai de Viseu á Mealhada, chamada Jugueiros, existiu um ferrador por nome José Jeronimo, e que nessa quinta tinha o tronco onde ferrava os animais.

«O dr. Eduardo Corrêa de Oliveira, distincto medico, tambem de 74 anos, nunca soube ou ouviu a alguem quem fosse a Teresa, ou que sob este nome estivesse escondida alguma menina de familia de Viseu.

«Meu pai que faleceu em 1874 de 87 anos, aproximadamente, era filho de um visiense

e tinha excelente memoria. Contava me muitas coisas de Viseu e falava-me em nomes de pessoas d'aqui e que aqui viveram, e jamais me narrou o que conta Camilo.

«Verdade é que nunca tambem me falou no nome de Augusto Sidão Roque Gouvea, mas é certo que tal nome nunca aqui ouvi pronunciar a pessoa alguma nem nunca encontrei em qualquer livro ou documento dos muitos de todas as epocas que tenho compulsado.

«O mesmo digo de Roque Gouvea, que, se é proprietário em Viseu, não tem o nome escrito nas matrizes prediais, quer urbana, quer rustica, como hontem verifiquei.

«Nunca aqui ouvi falar em pintor chamado Acacio Domingos, e se aqui tivesse vivido artista com tal nome, deveria esse facto ter chegado ao meu conhecimento.

«Assim como não passou ao esquecimento o visiense José de Almeida Furtado, o *Gata*, um dos excelentes caricaturistas dos fins do seculo XVIII e principios do seculo XIX, uma povoação inteira não esqueceria outro artista que aqui tivesse deixado rasto.

«Lembrei-me de interpelar sobre o as-

sunto o meu colega e amigo, dr. José do Vale de Matos Cid, que é dotado de excelente memoria, e ouviu os seus avós, que morreram de avançada idade,

«Relatou-me ele que sua avó D. Maria da Assumpção Loureiro Cid, que nasceu em 1813 e faleceu em 1899, vivendo sempre em Viseu, lhe contára que houve em Viseu um corregedor Botelho, que morou no Arco (e por isso não longe da casa chamada do Arco, que era dos Albuquerques), que teve um filho, estudante na Universidade, que fôra julgado e condenado a degredo para as Pedras Negras e estivera preso na Relação do Porto.

. ...

«Acrescentava aquela Sr.ª que o fidalgo em que Simão Botelho deu os tiros era dos lados de Aveiro.

«Aqui tem v. o que pude colher e do que posso informá-lo.

«De V., etc.

Maximiano Aragão.

«Viseu, 26 de Agosto de 1919.»

Trago a lume este autorizadissimo documento, porque ele será tomado na devida conta por quem no futuro houver de ocupar-se do *Amor de Perdição* ainda com mais segurança do que eu o pude fazer.

Estudei Camilo e a sua obra sem me poupar a desgostos nem canseiras. E agora que me sinto fatigado para novas investigações, felizmente que teem aparecido homens de maior competencia que seguem o meu exem plo e outros que valiosamente os podem auxiliar fornecendo-lhes excelentes materiais tão valiosos como esta carta do sr. dr. Maximiano Aragão.

Da suposta Teresa de Albuquerque, a qual, segundo o artigo, seria filha de um nobre e teria estado no convento, donde saíra para ír morrer no solar paterno, não há, segundo a carta, memoria alguma em Viseu.

Assim, pois, o retrato dela, pintado pelo hipotético Acacio Domingos, é uma esperança que sorriria a todos os camilianistas e que se lhes esvai levando comsigo para o vasto mundo das coisas ignoradas o nome e até a individualidade do pintor.

Eu, que desde muitos anos estou na crença

de que Teresa é uma criação de Camilo, apenas poetizada pelas cartas que o romancista lhe atribue a ela e pelas que atribue à Simão, ficaria bem contente se me visse desmentido pelo descobrimento de uma Teresa autentica, da sua familia, do seu solar e do seu retrato.

Mas os anos vão passando, e com eles sucessivas edições do *Amor de Perdição*, sem que tenha sido possivel averiguar-se a identidade de outras personagens alem de Simão Botelho, de seus pais, de seu irmão e do ferrador *João da Cruz*, que aliás se chamaria José Jerónimo.

Quanto a Mariana — essa adoravel figura de uma beleza moral encantadora — continuaremos a ignorar se ela seria a portuguesa que chegou a Goa, meses depois de Simão, e que, assistindo-lhe á morte, lhe teria mandado fazer o enterro, como, segundo o artigo do *Seculo da Noite*, contou noutro jornal de Lisboa uma correspondencia da India, de que não tive conhecimento.

Pelo que respeita ao rival de Simão Botelho contentar-nos hemos por ora com a

vaga indicação de que era um fidalgo «dos lados de Aveiro.»

O meu ilustre amigo sr. Pedro de Azevedo encontrou um novo documento que interessa indirectamente à historia do crime praticado por Simão Botelho, e permitiu-me a sua leitura.

Durante ela tomei alguns apontamentos, apenas os que tinham ralação imediata com o romance de Camilo.

Fôra o caso que o dr. Domingos Botelho, pai de Simão e juiz de fóra em Viseu, encarregou o vereador Bernardo Pereira, passando-lhe a vara por três dias, de tirar devassa sobre esse crime e outros de que Simão era acusado.

Como ninguem fosse pronunciado por efeito desta devassa, e Simão de parceria com ruins companheiros continuasse a promover conflitos, baixou ordem em 1805, atendendendo a uma petição de clero, nobreza e povo, para que o provedor da comarca de Lamego interviesse.

Este magistrado mandou abrir uma nova devassa, que vem a sêr o documento cuja leitura o sr. Pedro de Azevedo generosamente me facultou.

Nesse documento conta-se a historia do tiro de clavina que feriu um criado de servir, como se menciona nas minhas *Notas*, mas declara-se que o patrão do ferido era José Cardoso de Cerqueira.

Seria porque o indivíduo assim chamado fosse o rival de Simão e sendo-lhe feita uma espera se acobardasse e escondesse por detrás do criado? como aventou perspicazmente o autor do artigo do *Seculo da Noite*, que deve ter sido um jornalista sabedor do seu oficio. Seria qualquer outra a razão?

O que é certo é que as testemunhas não dão a este conflito a significação de rixa amorosa, nem fazem qualquer referencia nominal que não seja ao ferido e a José Jerónimo (o ferrador), companheiro do réu.

As testemunhas não consideram o referido caso bastantemente importante e mencionam outros delitos para reforçar o libelo, tais como haver Simão Botelho atacado os soldados milicianos que prenderam seu irmão Manuel (futuro pai de Camilo) por ser desertor de cavalaria; e haver ido com um mau sujeito, de apelido Quintas, desafiar o irmão do capitão de S. Salvador que se

queixava de lhe terem matado as pombas.

O leitor decerto se lembra de duas anedotas do dr. Domingos Botelho contadas pelo neto no 1.º capítulo do *Amor de Perdição.* Lá as encontrei na devassa. Uma daquellas anedotas, a de ele ter ficado com a vaca que acompanhava a vitela, confere. A outra, a de ter guardado a salva de prata em que lhe mandaram uns pasteis, não é tal qual vem no romance, mas levaria as mesmas voltas, se não fôsse ainda mais desavergonhada.

Um depoente testemunhou que, tratando se da herança de D. Filipa Soares, de Viseu, e sendo cabeça de casal Manuel Pereira Chaves, o juiz de fóra exigira um jarro e bacia de prata, que pertenceram à falecida, sem o que não sentenciaria o inventário.

As queixas abrangem como cumplices do dr. Domingos Botelho os bachareis Simão Antonio de Liz e Francísco José de Abreu Castelo Branco, procurador da real fazenda.

Domingos Botelho era melhor pai que juiz. Alguns depoentes acusam no de ter dado guarida em sua própria casa ao filho Ma-

nuel, desertor do regimento de Bragança, até que foi mandado prender pela autoridade militar; e de não deixar de proteger escandalosamente o filho Simão, emquanto isso lhe foi possivel.

Mais era acusado o juiz de fora de graves extorsões e fraudes no levantamento das cisas, na soltura de presos, no recrutamento, na distribuição dos lugares na feira de S. Mateus; de conivencia com o já citado Quintas, que era um ladrão reconhecido como tal e com um facinora de apelido Mineiro, que finalmente fôra preso por ordem superior.

Esta devassa ainda estava correndo em março de 1806.

O juiz de fóra não logrou evitar o degredo do filho Simão, mas conseguiu que o filho Manuel, preso na praça de Almeida, pudesse livrar-se e mudar de regimento para Lisboa, onde permaneceu até à morte do pai.

Voltando eu a escrever agora sobre o *Amor de Perdição*, seis anos depois de publicadas as *Notas*, não quero nem devo deixar em silencio como foi que o sr. dr. Eu-

sebio Leão, ilustre ministro da Republica Portuguesa junto ao Quirinal, teve meio de gentilissimamente me dar a conhecer o texto da tradução italiana do famoso romance de Camilo.

Conheci o obsequioso diplomata, na praia da Ericeira, quando ele era ainda estudante de medicina na faculdade de Lisboa e fiquei com a impressão de que não podia haver um rapaz mais lhano, acessivel e alegre.

Posteriormente à formatura do sr. dr. Eusebio Leão raras vezes nos avistamos em Lisboa e depois do advento da Republica, que a sua voz proclamou da varanda dos paços do concelho, sempre que me acerquei de S. Ex.ª no governo civil de Lisboa e no Senado, encontrei nele o mesmo homem amavel, prestante e acolhedor.

Tendo ido S. Ex.ª representar Portugal na côrte de Roma, e não me sendo possivel manusear em Lisboa exemplar algum do *Amor de Perdição* traduzido em italiano, lembrei-me de recorrer a quem pelo seu bom caracter, pelo seu genio atencioso e até pela sua posição diplomatica poderia satisfazer o meu desejo, aliás justificavel, de bibliófilo camilianista.

O sr. dr. Eusebio Leão atendeu-me com a

benevolencia e solicitude que eu já esperava e que o leitor teve ocasião de avaliar pelas cartas que publiquei em as *Notas sôbre o Amor de Perdição.*

Passou um ano sem que eu pudesse encontrar o *Amore sfrenato* em parte alguma, mas em setembro de 1916 fui agradavelmente surpreendido pela informação de que o ilustre diplomata, não se esquecendo do meu pedido, conseguira descobrir a existência de um exemplar numa biblioteca pública de Milão, denominada «Braidense» e obter que êsse exemplar lhe fosse confiado durante alguns dias, para mandar tirar uma cópia dactilografada, que mais primorosa ainda não vi outra, a qual me foi oferecida com inexcidivel galhardia.

Eu creio que êste caso espantou o bibliotecário da «Braidense» e os seus subordinados, porque o *Amore sfrenato* estava enterrado ao fundo de uma estante junto com velharias literárias que ningem se lembraria de requisitar: aquele volume era o nono da oitava série da *Scelta di buoni romanzi stranieri,* publicação mensal, dirigida por Salvatore Farina.

No frontispício do livro o nome do autor foi apenas designado pela sua inicial, seguida dos apelidos Castelo Branco, o que prova que não estava vulgarizado, nem era talvez conhecido, *o Camilo*, primeiro romancista português, *o Camilo* que bem poderia dispensar na Italia culta, como entre nós, todos os apelidos de família — *o nosso grande Camilo,* enfim.

Tem o volume 199 páginas, mas o *Amore sfrenato* apenas ocupa 187: as restantes são preenchidas por um conto — *Bat-Boroo* — de autor anónimo.

Camilo sofreu todos os desgostos da vida literária. E não é para admirar que em Ítalia o acamaradassem com um autor inominado, porque em Portugal isso mesmo lhe aconteceu no livro *Anos de prosa* (1.ª edição) e outro maior desaire o feriu na edição do *Mosaico* (1868).

Anos depois ainda Camilo se qneixava de certos melcatrefes «que o expungiam da faina das letras militantes, arranjando resenhas acintosas de escritores em que o seu nome nem sequer lograva entrar na obscuridade dos romancistas fallidos ou mortos.»

Era a campanha do silêncio, a *boycottage* vilã.

Pobre Camilo, glorificado com duas coroas, uma de espinhos e outra de louros.

Os melcatrefes do seculo XIX deixaram semel, em que se geraram os de hoje em dia, capazes das mais asquerosas baixezas e dos odios mais perversos.

Durante a maior parte da vida de Camilo acresceram-lhe aos dissabores da profissão os azares da pobreza. Vem a propósito uma frase de Huysmans referente a uma personagem do seu romance *Marthe:* «Il vivait de sa plume, autrement dit, il vivait de faim.» Então em Portugal, onde alguns editores morrem ricos... O destino dos escritores tem crudelissimas ironias.

A tradução italiana, feita por Daniele Rubbi, foi impressa no ano de 1883 em Milão.

Sabe-se, por informe da família dêste tradutor, que êle não trocou qualquer correspondência, a respeito do *Amore sfrenato,* nem com Camilo Castelo Branco nem com Salvatore Farina.

Pelo que, eu pendo a crêr que Rubbi era

um dos modestos obreiros da imprensa que frequentam as livrarias para obter algum trabalho e os alfarrabistas para comprar livros baratos, de que possam tirar algum proveito.

Creio tambem que, tendo encontrado a tradução espanhola, sôbre ela elaborasse a tradução italiana, porque, conquanto sejámos todos da mesma raça latina, a maioria dos italianos entende melhor o espanhol que o português.

Mais robustece esta suposição o facto de Rubbi haver conservado os córtes e algumas das anotações da versão espanhola.

Como quem vai de caminho, e tem pressa de chegar ao fim da jornada, Rubbi ainda fez por sua conta e risco mais três córtes no texto e podou as notas que não entendeu ou que lhe podiam dar mais trabalho.

Fernandes de los Rios suprimiu a divisão do romance em 1.ª e 2.ª parte, talvez por ter traduzido da 3.ª edição portuguesa (1869), que a dispensara, julgo eu.

Rubbi, que traduziria do espanhol, fez a mesma coisa, e isso seria o menos, mas permitiu-se a liberdade de alterar a numeração dos capítulos a bel prazer.

Não quis ou não soube fazer melhor obra do que o tradutor espanhol, e por isso tambêm empregou jardim como equivalência de mirante de convento (muito negro e feio era o de Monchique, que eu ainda vi); como, outrosim, chamou «tabaco brasiliano» ao esturrinho, que na minha infância muita gente ainda pitadeava.

Desejo agora referir-me a outra tradução, a sueca, em que eu, sem ser inteiramente agradável ao tradutor sr. Vising, julguei contudo vêr o intuito de uma tentativa de aproximação literária entre os dois povos escandinavo e português.

Esta aproximação intelectual poderia ser tanto mais realizável, quanto é certo haver alguma semelhança, notada pelo historiador Buckle, entre os mesmos dois povos. Ramalho Ortigão fez notar apenas diferenças estabelecidas pela influência do clima.

Mas o sr. Vising, como quer que seja, estragou a sua tentativa de aproximação, se a quis fazer, porque, anos depois de haver traduzido o *Amor de perdição,* foi o primeiro a dizer de nós cobras e lagartos, menoscabando-nos torpemente.

A revelação deste facto foi-me feita pela mesma pessoa que me obteve e ofereceu o *Amor de Perdição* sueco. Refiro-me ao ilustre poeta Antonio Feijó, que era ministro de Portugal na côrte de Estocolmo, e que lá viveu sempre nostálgico do seu querido rio Lima, como em saudosissimos versos confessou:

Ai de mim, que sou eu?! pobre louco exilado,
De toda a parte vendo o meu pais distante,
Como se lá tivesse os meus olhos deixado!

Agora, que Antonio Feijó, infelizmente, já morreu [1], mais que nunca preciso recorrer á sua autoridade e associar-me á sua justa indignação, transcrevendo a ultima carta que dele recebi:

«Stockolmo, 1 de Julho de 1915.

... Snr.

«Muito penhorado venho agradecer a V. o amavel offerecimento das suas «Notas so-

[1] Em Estocolmo, no dia 20 de junho de 1917, com 55 anos de idade.

bre o Amor de Perdição», e as lisongeiras palavras com que as acompanhou.

«Li-as com o maior interesse e a mais viva curiosidade. É um trabalho exhaustivo.

«As observações que V. faz ácerca da tradücção em sueco só não são justas por não serem devidamente severas.

«As coisas amaveis que o auctor escreveu na carta ao Soto Maior esqueceu-as por completo no livro que em 1911 publicou sobre a «Hespanha e Portugal.» Pontificando com o pedantismo d'um professor allemão, trata-nos de resto, mas as suas apreciações devem ser-lhe generosamente perdoadas pela profunda ignorancia que revelam. Renovo-lhe os meus agradecimentos e peço lhe que me creia etc.

Antonio Feijó.»

Escusado será dizer que eu, tendo obtido a tradução do sr. Vising em 1908, e publicado as minhas *Notas* no principio de 1915, ignorava absolutamente o que entretanto ele dissera contra Portugal e os portugueses.

Tempo depois de haver saído do prelo aquele livro, que com tanta fé camiliana

redigi, li algures que os livreiros representantes da antiga firma portuense Magalhães & Moniz tinham comprado o manuscrito do *Amor de Perdição*, por quinhentos escudos, á sr.ª D. Julia Augusta Gomes Monteiro Maia, a qual veio a falecer em Lisboa no dia 5 de novembro de 1918, com 75 anos de idade.

Ou tambem li, ou ouvi dizer, que o referido autógrafo estivera em exposição na *montre* daqueles livreiros, os quais, apesar de tudo, viram escapar-se lhes da mão o rendoso morgadio do *Amor de Perdição*, que todos os anos produzia lucros certos.

Foi o caso que a mencionada firma, ou seja a actual Companhia Portuguesa Editora, veio pela 2.ª vara comercial de Lisboa interpôr acção contra os netos de Camilo, que se habilitavam a herdar a propriedade literaria do romance *Amor de Perdição* e de outras obras.

O leitor poderá ler a historia deste pleito, habilmente condensada num claro documento juridico. Quero deixar aqui trasladado esse documento, para a todo o tempo ser mais fácil a sua busca do que nos jornais da época.

Mas antes disso convém mencionar que no dia 28 de outubro de 1920 entrou o processo a julgamento, assistindo á audiencia quatro netos de Camilo, filhos do visconde de S. Miguel de Seide, a saber: D. Raquel Castelo Branco, solteira, Camilo, Simão e Nuno.

Dois faltaram.

Nas bancadas do público não havia aglomeração de ouvintes como nos dias em que se julga a falencia ruidosa de um banqueiro ou a quebra fraudulenta de uma empresa industrial.

Apenas estavam na sala alguns jornalistas e advogados, alguns velhos amigos de Camilo, o seu sobrinho José de Azevedo Castelo Branco, e não sei quem mais, mas a atmosfera do tribunal parecia favoravel aos netos do romancista, e a atmosfera dos tribunais raras vezes engana.

Foi só na segunda audiencia que chegou a hora de serem propostos os quesitos ao juri, o qual habilitou o juiz, dr. Aires de Castro e Almeida, a lavrar a seguinte sentença:

«Considerando que a questão, larga e desenvolvidamente discutida em duas largas sessões, é, no fundo,

de uma grande simplicidade, pois se resume, apenas, em decidir se á Autora pertence a propriedade do *Amor de Perdição;* considerando que se lhe pertence essa propriedade, lhe cabe, sem a menor duvida, a faculdade de reivindicar e fazer prevalecer todos os seus direitos com a inclusão dos que pretendam fazer usar dela (artigos 2167, 2170, 2187, 2339, etc., do Codigo Civil); considerando que, no caso contrario, isto é, não provando o seu alegado dominio, resulta a improcedencia da acção; considerando que a A. filia a causa do seu direito da seguinte forma: «Francisco da Silva Mengo — antiga Casa Moré — adquiriu, por compra, feita directamente a Camilo Castelo Branco, a propriedade de diferentes obras dêste escritor, e entre elas o romance *Amor de Perdição.*

Em 1881, e por virtude de falencia judicialmente decretada contra Francisco da Siva Mengo, foi a propriedade dessa obra arrematada em praça judicial por Joaquim Antunes Leitão, que a trasferiu para a firma Magalhães & Moniz, Limitada, de que veio a ser socio, e, finalmente, transferida por esta sociedade á firma autora (artigo 4.º da petição e 6.º da replica); considerando que as diferentes e sucessivas aquisições realizadas posteriormente ao alegado contrato entre o autor da obra e Francisco da Silva Mengo, estão documentadas por forma autentica, nem sobre a existencia desses diferentes contratos se formularam quesitos, por desnecessarios (artigo 169.º, 3.º do Codigo Processo Comercial); considerando que interveio, porêm, o juri, e bem, na questão de facto e que não constava de do-

cumento, sobre se a propriedade literaria, sem reserva nem restrições, do *Amor de Perdição* tinha sido legitimamente adquirida por Francisco da Silva Mengo, como tinha sido textualmente alegado pela autora;

Considerando que a esta tese respondeu o juri negativamente, ou seja, que tal propriedade não tinha sido por ele adquirida — resposta ao quesito 1.º; considerando que, assim, é evidente que o segundo adquirente, embora de boa fé, comprou uma coisa a *non domino,* coisa alheia e não pertencente ao vendedor, e tal venda, nestes termos, é nula de direito (artigo 1555 do Codigo Civil); considerando que do mesmo vicio enfermam as posteriores aquisições, incluindo a da autora, porque um direito que não existe não se transmite; considerando que o segundo adquirente e os seguintes têm, é certo, a seu favor os respectivos titulos de aquisição a *non domino,* mas insuficientes para transferir a propriedade a não ser por prescrição, que aliás não foi invocada como elemento de acção, e de que, por isso, não posso conhecer, alêm do que dispõe o artigo 592 do Codigo Civil; considerando que uma coisa são as formalidades externas e outra, bem diferente, a ilegalidade intrinseca, como diferente é a nulidade do titulo de nulidade do contrato, embora a nulidade de uma possa importar a nulidade de outro;

Considerando que o mutuo consentimento é, não só uma condição comum a todos os contratos, mas tambem um elemento essencial do contrato de compra e venda, cuja ausencia equivale á não existencia de tais contratos e á nulidade dos respectivos titulos (arti-

gos 643, 645, 647 e seguintes, 1544, 1555, etc., do Codigo Civil); considerando que a A., no artigo 9.º de sua replica, alegou que a compra feita por Joaquim Antunes Leitão da propriedade do romance mencionado, na falencia de Silva Mengo, foi sempre tida por Camilo Castelo Branco como valida e legal, visto que jamais contestou ao comprador essa propriedade, não obstante só vir a falecer nove anos depois; considerando que formulado o quesito sobre este facto, o juri respondeu que ele estava provado; considerando, porêm, que nem tal resposta está em contradição com a prestada ao quesito primeiro, nem a afirmação do facto invalida as conclusões tiradas; considerando que o dizer-se que Camilo Castelo Branco julgou valida e legal a aquisição do seu romance *Amor de Perdição* não importa a afirmação de que tal aquisição fosse valida e legal, e era esta a ultima circunstancia que era essencial averiguar, pois que a outra é uma alegação generica que poderia apenas constituir uma presunção de direito que não é legal (artigo 2519 do Codigo Civil) e elidida pela resposta decisiva e terminante ao primeiro quesito; considerando que, assim, a coexistencia das duas respostas pode perfeitamente admitir-se sem repugnancia nem oposição entre si; considerando que o silencio, só por si, a mera não contradição do dominio do presente caso, desacompanhados de algum facto positivo ou negativo, não induz consentimento para o contrato produzir os seus efeitos (artigo 647.º do Codigo Civil — Dias Ferreira, Codigo Civil por 1.ª edição, pag. 158):

Por todos estes fundamentos e mais de direito julgo improcedente e não provada a acção, absolvo os reus do pedido, exceptuados, porêm, os que confessaram o pedido, e condeno a A. nas custas e selos do processo, menos nos que especialmente disserem respeito aos reus condenados, e ainda a condeno em 20$00 de procuradoria a favor dos reus vencedores. Intime-se e registe-se.

Lisboa, 11 de Novembro de 1920.

(a) *Aires de Castro e Almeida*

Tal é o documento juridico a que me referi há pouco. Ele terá deixado o leitor completamente esclarecido.

Á hora em que a sentença foi conhecida estava no mercado a edição trigésima quarta.

O que teria acontecido depois?

Cabe aos netos de Camilo o dever não só de manterem os seus direitos zelando os interesses de familia, mas tambem o de velar pelo esplendor do nome e gloria de seu avô. Não pareçam vãs nem indiscretas estas minhas palavras. Pelo contrario, elas são de conselho e aviso.

Em julho de 1921, pedindo eu informações sobre o que se houvesse passado de-

pois da sentença de 11 de novembro de 1920, dizia-me um respeitavel camilianista com profunda tristeza: «A sentença não é ainda definitiva, e a familia do grande escritor está dividida no pleito. Netos há de Camilo que se entendem com os editores, e outros que pugnam pelos seus direitos de descendentes. A cousa não corre bem. Má direcção e falta de meios. Ofereceram já os editores do *Amor de Perdição* três contos de réis! Uma miseria. Evidentemente pesa ainda a desgraça de Camilo sobre a sua geração»!

Como tudo isto é triste...

Quanto ao drama entendo que os herdeiros de Camilo e os de D. João da Camara devem auxiliar-se para evitar conflitos como o que em 1918 ocorreu entre as empresas de dois teatros de Lisboa, vindo então a saber-se que aquele drama fôra representado em teatros de feira e que no Brasil corriam algumas contrafacções.

Em 1920 desempenharam-no incompetentemente no Lirico do Rio de Janeiro a actriz Carlota Sande e actores do segundo

turno da companhia, exceptuando-se apenas Henrique de Albuquerque.

Em Lisboa ainda agora, 1921, ele se representa em mais de um palco, dizendo o cartaz de quando em quando que é a última representação.

Parece que as empresas teem vergonha ou temor de repetir Camilo pedindo assim uma astuciosa desculpa aos novos autores que estão à espera de vez.

Voltareis, ó Mestre? Sois muito preciso cá. Vinde e trazei o estadulho.

A Companhia Nacional Editora apelou da sentença de 1920 para o Tribunal da Relação, o qual, em 7 de dezembro de 1921, confirmou por unanimidade a sentença apelada.

Logo no dia seguinte a Empresa Editora declarava na imprensa: *a)* que ia recorrer do acordão da Relação para o Supremo Tribunal; *b)* que este caso era mais de *ordem moral que material*, «porque lucraria mais em largar de mão a propriedade literaria do *Amor de perdição* que em sustentar o litigio».

Esta frase é tão impertinente como inverosímil.

Entretanto a empresa *Invicta Film Limitada* fazia exibir no *écran* o romance *Amor de perdição* interpretado por artistas *ad hoc* e obteve um éxito colossal no *cinema Olimpia* do Porto. Pouco depois sucedia idêntico facto em Lisboa no *cinema Condes*.

Dizem-me que, estando pendente o processo judicial sôbre o *Amor de perdição*, os netos de Camilo, herdeiros de uma triste sina de familia, nada lucraram ainda com mais esta ruidosa consagração do famoso romance de seu ilustre avô.

Horas alegres numa casa triste

(Ao meu ilustre amigo senhor José de Azevedo e Menezes)

Havia doze anos que o poeta Castilho, como então se designava geralmente o cantor da *Primavera*, não tinha voltado ao norte do país, onde tantos louvores e homenagens recebera em 1854, quando por lá andou apostolando em prol da instrução infantil do povo.

Assim, pois, com intimo júbilo acolheu em 1866 o convite para ir ao Minho avistar se, *sub-tegmine fagi*, com um amigo, tambem genuino magnate nas letras patrias, e não tardou a pôr se a caminho, devoto e conten

te, como se fosse cumprir uma romagem prometida.

Não sentia pesarem-lhe os anos, nem os cuidados e achaques. Para suprir a falta de vista levava por companheiro seguro, tão cuidadoso como previdente, seu filho Eugenio, que era o mais novo dos irmãos.

Uma hospedagem e assistencia, por igual selectas, esperá-lo-iam folgando com sincera alegria, que é a mais cativante pompa de uma recepção amistosa.

Apesar de velho, a alma bucolica de Castilho começou a remoçar depois que a locomotiva parou na estação de Coimbra, onde ele sentiu reavivarem-se-lhe brandas saudades da vida academica.

Prosseguindo viagem, desembarcou do comboio em Gaia, termo provisorio da linha férrea, e atravessando a ponte pensil entrou no Porto, onde a cada passo lhe iam acudindo á mente agradaveis lembranças do tempo em que ali prègara a cruzada do *Metodo repentino de leitura.*

A jornada a Seide havia de fazê-la, segundo as indicações experimentais de Camilo, pela estrada de Braga até Vila Nova

de Famalicão, não em mala posta ou diligencia como toda a gente que vai tratar negocios, mas numa caleça do Raimundo, famoso alquilé do Porto, como convinha à idade e compleição do sr. Castilho, que jornadeava por linitivo e recreio.

Assim não teria companheiros importunos, gastaria menos tempo, faria as paragens que quisesse, e seu filho Eugenio poderia ir informando o dos sucessivos relances da paisagem estrada fóra.

Logo que passou a barreira-norte do Porto, melhor diremos talvez, logo que se aproximou do Minho, o insigne escritor, respirando a plenos pulmões o ar saudavel dos campos, ouvindo as notas soltas dos modilhos que as árvores coavam através das frondes, rejuvenesceu espiritualmente tanto como se fôra caminhando ainda para o jubileu floral na Lapa dos Esteios.

Íam conversando pai e filho muito ao sabor de suas predilecções literarias e artisticas.

— Ah! Eugenio! eu aspiro este Minho agricola e consola me como se o pudesse ver, sinto o, apreendo-o dentro de mim mes-

mo, identifico-me com ele, adivinho o e já o vou amando.

— Linda região! apoiava Eugenio, que pela primeira vez viajava em provincias do norte.

Era o deslumbramento infalivel de um rapaz nado e criado no sul, quando encara de subito a sorridente paisagem minhôta cheia de luz e de côr.

— Aqui há *Georgicas* em acção, tornou Antonio Feliciano de Castilho, pulsa flutuante a alma de Vergilio, cre-se que das árvores hão de pender éclogas quando as vistam flores ou frutos.

Eugenio não respondeu porque vira duas raparigas correr para a caleça em folgazã porfia, trazendo na palma da mão cestinhos cheios de peras e alperches, que vendiam aos viajantes.

Elas ambas, com seus chapelinhos de rebôrdo alto, em mangas de camisa, mulheres fortes e rosadas, bem esculpidas nos seios túmidos e nos quadris saracoteantes, davam uma intensa impressão de saude e viço, naquela manhã de julho, já calmosa, quasi ardente de voluptuosos efluvios.

O velho Castilho não as podia ver, mas ouviu-lhes o chalreio minhôto. o pregão musical, algumas risadas cristalinas e percebeu o que se passava, decifrou o motivo por que lhe não respondera Eugenio.

E, como poeta de ternos devaneios campesinos, compreendeu todo o enlevo do filho em presença das hamadríadas de entre Douro e Minho, mulheres pagãs, que a natureza parece haver cinzelado para as contrapôr ás castas finas e anémicas da nossa mesma raça.

Quanto mais de perto as ouvia, porque Eugenio não deixou escaparem-se-lhe os frutos sem os provar nem as cachopas sem mirá-las guloso, Antonio Feliciano, mascando um alperche, depois mais outro, que o filho lhe passou sem ter tempo de os descascar, evocava análogos quadros e enleios da sua juventude, cantava mentalmente o eterno dueto jucundo de uns olhos que pretendem imperar com outros que desejariam ceder.

De mais a mais os olhos de Eugenio, como todos os da familia Castilho, eram brilhantes, muito brilhantes, falavam alto, como as

estrelas no firmamento. Mas os de Ida, a filha do Poeta, ainda excediam em fulgor os de seus irmãos, Julio, Augusto e Eugenio.

Dir-se-ía que a Providencia quis indemnizar nos filhos a cegueira do Pai.

Certamente que as cachopas do Minho só de longe topariam olhos como aqueles, que pareciam dizer malicias de maior tomo que as de muitas cantigas em uso nos serões e romarias.

Os dois turistas seguiram viagem, o Pai em plena identificação com Teócrito, Vergilio e Géssner, o filho já aclimado á paisagem e ao teor feminino da fauna regional.

Chegando a Vila Nova de Famalicão encontraram á sua espera três amigos, que os receberam de braços abertos com afectuosidade cordialissima.

Eram pessoas que todo o país conhecia por seus altos méritos literários, eram o romancista Camilo Castelo Branco, o poeta Tomás Ribeiro, o tribuno Vieira de Castro, que todos ali vinham pressurosos dar as boas-vindas ao sumo pontífice Castilho, mestre de todos eles na escrita e na oração.

Acompanhado por tão luzida escolta, como

guarda de honra, Castilho, postoque já vezinho dos setenta anos, foi discorrendo juvenil, expansivo e ledo, desde Famalicão a Seide.

A sua débil figurinha meã ganhára animação, irradiava bom humor, avultava em maior relevo.

De seu filho Eugenio não havia que esperar senão florescencias de festiva mocidade.

Dos outros três companheiros nenhum envelhecêra ainda, o que dava garantia bastante de resistencia ás contrariedades da vida que lhes houvessem sido aspérrimas ou frequentes.

Camilo, sempre afanosamente laborioso, tendo já sofrido o homizio e o cárcere, travado pugnas violentas, vencido os embates de invejas e ressentimentos agressivos, ninguem poderia dizer que estivesse avelhentado aos quarenta e um anos, conquanto ele se inculcasse enfermiço imaginariamente.

Elegante, janota, dicaz, estava sempre mais propenso ao humorismo do que á tristeza quando o rodeavam amigos e lhe pu-

xavam pela lingua para ouvi-lo discorrer a flux.

Tomás Ribeiro, beirão esbelto, fisionomia insinuante, talvez tenoriana, nunca fôra um poeta choramigas, nem um caracter sombrio.

Gozava quanto possivel os seus trinta e cinco anos, não arrostava grandes amarguras nem duros cuidados.

Vieira de Castro vivera em Coimbra uma vida revoltada, accionava e falava como um sanguíneo que era, e em julho de 1866 preparava-se para ir ao Brasil levar os seus discursos parlamentares, que deveriam ser disputados pelos livreiros, render-lhe talvez uma «fortuna».

Orçava então pelos vinte e oito anos. Não lhe faltava robustez, peito forte, nem a boa côr dos sãos e voz sonora como o padre Cardoso a exigia nos retóricos.

Quando estas ilustres personagens se aproximavam da casa de Seide, estalaram muitos foguetes e a banda de Ruivães soprou o infalivel hino da *Carta* com tanto fôlego que parecia entusiasmo literario e era apenas alcoólico.

Camilo assinalou anos depois, numa referencia memorativa, os meritos filarmónicos da referida banda de musica dizendo: «O senhor visconde de Castilho e seu filho Eugenio são chamados a depor n'este processo da immortalidade que vou instaurando ao figle e á requinta, principalmente á requinta de Ruivães.»

A dentro do portão, no terreiro, um basto grupo de raparigas, com as suas melhores louçanias, dava clamorosos vivas ao sr. Castilho, sôbre cuja cabeça prateada de cãs esparzia pétalas de rosas e de malmequeres.

No primeiro degrau da escada de pedra, D. Ana Placido, rodeada pelos seus três filhos, todos três na infancia, Manuel Pinheiro Alves, Jorge e Nuno Castelo Branco, felicitava aquele a quem Herculano havia chamado *rei das canções* e felicitava-se a si propria pela honra de o receber em sua casa.

Falava com facilidade e correcção despretenciosa.

Tinha então trinta e cinco anos, uma beleza clássica de estátua grega na harmonia

das feições e no relevo do busto escultural — beleza ainda resistente às consequencias de um inquietante processo judicial e de dezasseis longos meses de encarceramento insalubre.

Subiram hóspedes e hospedeiros à sala do bilhar, que era a maior da casa, e foi preciso mandar pedir uma trégua á banda de Ruivães para Tomás Ribeiro poder recitar uma saudação por ele escrita em nome dos filhos de Camilo, que ofereciam a Castilho uma coroa de louros.

Feito silencio, apesar de ter entrado de roldão toda a comparceria aldeã, o gentilissimo Tomás disse com a sua voz quente e cavalheiresca, assim como a gente supunha que seria a dos enamorados trovadores medievais:

Por entre cantos e flores
chegaste, rei da poesia,
como um clarão de alegria
jorrando em mansão d'amores.

Onde ha rei ha sceptro e solio!
Rei, vimos trazer-te a c'roa.
Tens maior côrte em Lisboa,
não tens melhor capitolio.

Somos de troncos robustos
os loiros, os tenros gomos.
Das flores surgirão pomos?
Se Deus regar os arbustos!

Porque és grande, hão de os vindoiros
dar-te a sagração dos hymnos;
porque és bom para os meninos,
toma esta c'roa de loiros.

Nossa c'roa e nossas flores
guarda em saudosa memoria; —
o monumento é da gloria;
a c'roa é só dos amores.

Vaes partir; leva a comtigo,
e jura por teus carinhos
que, em nós sendo homenzinhos,
serás nosso mestre e amigo.

Mais tarde contou Camilo que Tomás Ribeiro, ao terminar, tinha lagrimas na voz e no rosto.

Talvez — porque os poetas inspirados são mais ou menos videntes — lhe ocorresse um súbito pressentimento da má estrela dessas duas crianças.

Castilho ouvira enternecido e quando os dois pequenitos, Jorge de três anos e Nuno

de dois, se abeiraram para lhe entregar o glorioso laurel, Ele, chorando e sorrindo, acolheu-os junto ao peito e fez menção de os sagrar impondo as mãos numa atitude de patriarca bíblico.

Então as camponesas entoaram repetidos vivas, deram palmas ou arremessaram mancheias de pétalas, a banda de Ruivães retomou o seu repertorio com reforçado arreganho, Seide estava em plena festa e dir se-ía que o romancista e Ana Placido haviam encontrado outra vez a felicidade que ambos tinham perdido.

Foram principalmente os poetas, Castilho e Tomás Ribeiro, que levaram a alegria e o bulicio áquela casa habitualmente melancolica, foram eles que encurtaram a longa tarde de julho dizendo belas estrofes, foi Vieira de Castro que sonhou em voz alta os projectos da sua próxima viagem á America, foram todos eles alternando com Camilo a critica de livros recentes, recordando anedotas literarias, sucessos teatrais, aclarando velados segredos da politica ou da alta sociedade.

Ana Placido tão de pressa vinha sentar-se

a ouvi-los como se levantava para ir dar uma volta pela cozinha, onde o *fervet opus* remoinhava.

O filho de Castilho, muito costumado aos cenáculos e seus jogos de espirito, que eram em Lisboa o pão nosso da casa paterna, subrepticiamente se escapou para o terreiro a bedelhar com as raparigas que no Minho teem resposta pronta, réplicas chistosas e uma inesgotável veia de loquacidade.

Foi aí que lhe deu na vista certa rapariga de Landim, mocetona perfeitaça, celebrizada com o renome de Cantadeira eximia e, quando na sala notaram a ausencia de Eugenio, Ana Placido encontrou-o a dialogar em verso com aquela guapa repentista no meio da atenção e das risadas de todas as outras moçoilas, que se apressaram a fazer lugar para a dona da casa.

D. Ana era estimadissima em Seide, especialmente pelas mulheres, que lhe pediam conselho, que gostavam muito de a ouvir conversar, que se lisonjeavam de a ver identificada com os habitos aldeãos, de modo que se não sentiam constrangidas nem, pelo menos, acanhadas na sua presença.

— Chegou a tempo, Son'Ana, que isto bale a pena. O fidalguinho astreve-se com a Cantadeira.

— Pudera, respondeu risonha D. Ana, ele é poeta de raça, tem a quem saír.

— Mas, retorquiu Eugenio alacremente, saiba V. Ex.ª que esta donairosa rapariga me tem posto em sérias dificuldades.

— Capaz disso é ela. Então quando improvisa cantando, ninguem a desbanca.

— Lá para o canto, tornou Eugenio, não me fadou Deus. E no diálogo em prosa rimada nunca eu tinha pensado que pudesse aguentar-me. Meu pai dantes improvisava por desfastio nos nossos serões de familia.

— Os Castilhos comportam todos os generos de prendas literarias.

— Agradecido a V. Ex.ª Mas agora, com a idade, meu pai fez se mais triste, há muito que se não diverte improvisando.

— Senhõra! ó senhõra! gritou da porta da cozinha uma voz rude de mulher.

— Chamam me, sr. Eugenio, mas deixo-o em boa companhia. Logo à noite terá ocasião de ouvir a Cantadeira ao desafio. Verá que há de gostar..

— Parece-me que já antegostei...

Ana Placido entrou à cozinha rindo com esta jovial resposta do filho do Poeta.

O jantar desse dia correu animadissimo, e era suculento como todos os jantares de festa rija no Minho.

Contando os pratos que já tinham sido servidos, o venerando Castilho admirou-se dizendo:

— Mas isto é um jantar de Luculo na casa de um romancista português!

— Dum romancista que tambem é Luculo... de talento, trocadilhou Vieira de Castro.

— Bravo! bravo! aplaudiu Castilho. E o nosso Tomás onde é que ele está alapado? perguntou.

— Eu mal tinha acabado de saborear o gigote de vitela, que me pareceu melhor que um soneto de Camões, alegou Tomás Ribeiro, e já estou a braços com este loiro assado, mais apetitoso que alguma quintilha de Tolentino.

— Pois toda essa portuguesissima poesia culinária, se realmente é poesia, disse Camilo, nós a devemos á sr.ª D. Ana, que se

esmerou em honrar os nossos hóspedes fazendo um *menu* minhôto e vigiando zelosamente pela sua execução.

Logo Castilho volveu:

— Graças mil á sr.ª D. Ana, que sabe repartir o seu talento entre as lucubrações literarias, o governo da casa e o bem estar de quantos se acolhem ao seu hospitaleiro domicílio rural.

— Nosso Mestre o decretou: louvor, pois, á sr.ª D. Ana, aduziu Tomás Ribeiro.

— Mil louvores, graças mil, à deusa patronal deste lar glorioso, interveio Eugenio.

— Que posso eu agora dizer, apostrofou Vieira de Castro, senão que serão mil e um os louvores, se V.ªˢ Ex.ªˢ se dignarem contar o meu voto.

— É um habil *truc* parlamentar, comentou Castilho sorrindo. Bem diz o texto bíblico — os ultimos serão os primeiros.

— Este é o caso, confirmou Tomás.

— O caso, retorquiu Camilo, deve ser ablativo de viagem do verdasco de Seide para o *Porto wine*, que já vão sendo horas de passarmos ao postre como diziam os nossos avós em letras.

D. Ana modestamente agradeceu com singelissimas palavras, e logo deu ordem ás duas criadas: que enchessem os cálices de vinho fino e trouxessem a fruta e o doce da sobremesa, isto em genuino estilo minhôto.

Entretanto, na fachada da casa e no terreiro, uma legião de raparigas, arremangadas e lestas, ía colocando os copinhos de cores e as tijelinhas de barro, que deviam acender quando anoitecesse.

Lá para os lados da cozinha certamente gorgolejava com fartura o vinho verde, que fortalecia quem trabalhava nos preparativos da iluminação ou tinha de tomar parte nas danças, nos descantes e na musicata.

Uma velha comentava abismada:

— Que rica festa! Ainda bai arriva das que fazem na *Bila* os *varões* ambos e dois!

Era referencia ao barão de Trovisqueira e ao barão de Joane, que porfiavam esplendores, especialmente quando a familia real transitava por Famalicão.

Findo o jantar, D. Ana Placido mandou buscar a capa de Camilo e aconselhou os seus hóspedes a prevenirem-se com abafos para o serão ao ar livre, porque as noites do

norte eram frias mesmo nos meses de verão.

— E V. Exc.ª, sr.ª D. Ana, ponderou Castilho, dá nos um bom conselho de amizade, sem pensar talvez em agasalhar se depois de um dia de tanta lida!

— Ah! eu já estou habituada ás intempéries do Minho. Sou meia lavradeira.

— Esta senhora, atalhou Camilo, anda há que tempos em procura de uma pneumonia setentrional.

— Felizmente ainda não a encontrei, respondeu Ana Placido rindo.

Acêsas as iluminações, veio a nobre companhia ocupar as cadeiras que lhe estavam reservadas no terreiro, onde uma branda claridade, lentejoulada de cores macias, arraiava sob as árvores e se respirava o aroma das ervas odoríferas, que juncavam o solo, como é uso nas solenidades aldeãs.

A banda de Ruivães abriu o festival com o brio de uma banda bem comida e bem bebida.

Terminada a estridorosa sinfonia, que foi aplaudida e bisada, houve uma dança de roda em que os pares, encadeando as mãos uns nos outros, giravam cantando.

Logo se fez notar a voz extensa e dócil da Cantadeira que sobrelevava todas as outras vozes femininas.

O poeta da *Primavera*, com um fino senso musical, que o tornou sucessor de Bocage na perfeita eufonia do verso, manifestou o seu aplauso dizendo que estava ali o estofo natural de uma contralto de ópera lirica.

E Eugenio, de pé, achegando-se dos pares, não deixava passar a Cantadeira sem lhe dizer uma frase galante ou sem fazer menção de palmear, com um desembaraço de maneiras que caracteriza os rapazes alfacinhas.

Ela sorria lisonjeada.

No grupo dos escritores comentava se o entusiasmo de Eugenio pela tricana de Landim:

D. Ana Placido, indulgente como sempre, desculpava-o:

—É proprio da idade. Faz ele muito bem. A mocidade deve ser a hora da independencia do coração.

Castilho, na sua instintiva previsão de cego, aventava:

—A julgar pela voz a Cantadeira há de

ser uma forte e bonita cachopa, rosada e perfeita, lépida no bailar e sacudida no gesto. É assim ou não? Digam se me enganei.

—V. Ex.ª, exclamou Vieira de Castro, acaba de fazer um retrato parecidissimo.

—Portanto absolvemos por unanimidade o nosso bom e sensivel Eugenio, sentenciou sorridente Tomás Ribeiro.

—O que eu quero, disse Camilo, é que V. Ex.ª, sr. Castilho, a oiça cantar ao desafio. Penso que se ela e Bocage fossem contemporáneos e parceiros de boémia ganhariam rios de dinheiro andando de terra em terra a glosar motes.

D. Ana Placido mandou dizer á Cantadeira e ao Cantador que rompessem o torneio.

Foi este o número mais brilhante do festival nocturno.

Castilho declarou se inteiramente de acôrdo com o juizo de Camilo: sim, o talento repentista da contralto de Landim tinha muito de bocagiano, alem de certa graça feminil em salgar os despiques.

—Mas o Cantador, prosseguiu o poeta,

se não é tão feliz no improviso, acho eu que não deixará de ter uma fisionomia cómica. Terá?

— É certo, respondeu Camilo. Cara de actor de farça, que recorre à momice quando se vê atrapalhado.

— Como lá fazem em Lisboa alguns colegas dele, ironizou Castilho.

— Menos Taborda, que é a naturalidade em pessoa, interpôs Tomás Ribeiro.

— Ah! esse é uma indiscutivel gloria nacional, obtemperou Castilho.

E todos, sendo Vieira de Castro o primeiro, concordaram.

Do fervor amoroso de Eugenio pela Cantadeira naquela noite romanesca de Seide, escreveu Camilo oito anos depois:

«Eugenio de Castilho, o poeta das phantasias louras, quer a musica de Ruivães lhe amolentasse a sensibilidade, quer os rouxinoes das ramarias lhe déssem invejas dos seus amores, fosse o que fosse, foi assaltado e vencido d'uma paixão.»

Ah! é que felizmente para o futuro autor do *Diccionario de rimas*, a sua mocidade gozava a hora da independencia do coração,

como disse Ana Placido, ela, a desditosa, que aos 19 anos foi obrigada a aceitar um marido velho.

No dia seguinte os dois Castilhos acordaram muito cedo: quanto ao Pai, bastaria lembrarmo-nos de que os velhos dormem pouco, se não soubessemos que estranham quasi sempre uma brusca mudança de costumes; quanto ao filho, apliquemos-lhe o conhecido adágio — quem tem amores não dorme.

O certo é que Pai e filho se levantaram do leito mal que o primeiro alvor da manhã clareou as frinchas da janela e resolveram sair pé-ante-pé, cautelosamente, para o terreiro da casa a respirar a fresca brisa da madrugada tão higiénica e olorosa no campo.

Íam passando já da sala do bilhar para a escada de pedra, quando Eugenio disse ao Pai:

— Está aqui, pendurada na parede, uma viola.

— Levemo-la e vamos sentar-nos a zangarrear sem fazer arruido que possa estremunhar alguem.

Seriam pouco menos de seis horas. Os

pardais e as andorinhas tinham começado o seu volteio e chilreada matinais. A manhã estava serena mas um pouco brumosa, como tantas vezes acontece em pleno estío.

Sôbre o levante havia apenas uma pequena mancha alvacenta e translúcida, emoldurada em névoas, que pareciam poisar no cimo dos montes.

Alguns galos cantavam, mas nenhum casal, ao longe ou ao perto, fumegava ainda.

— Olha, Eugenio, vê se descobres algum poiso sob uma árvore, porque sinto caír orvalho; e passa-me a viola, que desejo experimentar se ainda tenho os dedos tão ágeis como outrora em Coimbra.

Sentaram-se. Antonio Feliciano, muito satisfeito, rasgueava na viola o acompanhamento da *Jóvem Lilia abandonada*, enquanto Eugenio pensava na tricana de Landim, a Galatea tentadora, que poucas horas antes, ali, naquelo terreiro, o havia enfeitiçado.

Imprevistamente Ana Placido assomou curiosa e madrugadora a uma janela, donde inquiriu:

— Quem é que está aí tocando tão bem?

E logo o ilustre poeta do «Amor e melancolia», num pronto improviso, respondeu em voz enfraquecida mas afinada:

> Senhora, dessa janela
> Deixai caír uma esmola,
> Que tambem do Céu vos cai
> Um orvalho que consola.

A resposta não se fez esperar muito: D. Ana, ela mesma, trouxe ao preclaro trovador e a seu filho café e pão de ló de Margaride.

— A esmola, disse ela com afavel bonomia, vale menos do que a trova.

Camilo tripeiro

Camilo foi o lisboêta mais *tripeiro* que eu tenho conhecido.

Apegou no Porto desde os primeiros anos da mocidade, identificou-se com os seus usos e costumes, em nenhuma outra terra se dava melhor, segundo confessou; vivia contente a vida monótona daquela então pequena cidade e, sendo «homem de gostos impermanentes em materia de aposentadoria», (*) achava alguma distracção mudando de casa tão facilmente como outros homens mudam de gravata, escolhendo em variadas ruas

(*) *Amor de salvação.*

domicilios mais ou menos temporarios e divertidos.

As distracções habituais eram tão escassas de espiritualidade mundana, que outras não teve ali Camilo, nem os seus contemporaneos, senão o teatro de S. João e o de Liceiras, nem melhores pasmatórios que o da Praça Nova e o do Jardim de S. Lazaro.

Ele mesmo, referindo-se ao tempo da sua juventude, dizia na velhice ao industrial Henrique Coutinho, que lhe oferecera um chapéu alto de seda: «um chapeu d'esta elegancia, tão conforme o meu ideal n'aquelle tempo, seria a minha gloria e talvez immortalidade do chapéu, uma immortalidade de seis mezes, gosada e passeada entre a Praça Nova e o Jardim de S. Lazaro.» (*)

Esta ultima frase pinta sintéticamente tanto a área como a vida do Porto, na época em que o romancista folgava com andar de casa ás costas.

E o certo era que a Cidade Ínvicta, apesar do seu feitio antiquado e insípido, agradava assim mesmo a Camilo, o qual não

---

(*) *Camillo homenageado*, pags. 211-212.

parava muito tempo em qualquer outra terra, ainda que fosse a patria Lisbia, que Alexandre Herculano classificára primacial entre as cidades do mundo.

Sem embargo, Camilo, que gostava imenso do Porto, não perdia ocasião de remoqueá-lo, porque o seu temperamento exprimia literalmente, na afeição às mulheres e às terras, aquele antigo proverbio que diz: «Quem bem ama bem castiga.»

Ele não amou nunca sem castigar.

A inconstancia das suas afeições vamos vê-la quanto ás casas no abundante rol das que no Porto habitou, variando de rua, de freguesia e até de bairro, o que lhe permitiu conhecer perfeitamente toda a topografia da cidade nos seus diversos aspectos materiais e morais, conhecê-la talvez melhor do que um autêntico tripeiro de nascença e raiz.

Contudo, de tantas residencias por onde transitou, uma só, como tambem veremos, lhe mereceu palavras de incondicional louvor. Relativamente a outras, era entrada por saída e nisso se fartou de afirmar os seus hábitos de boémio, contanto que tudo

se passasse a dentro dos muros da cidade.

Portanto nos limitaremos a segui-lo na sua odisseia domiciliária através dos dois antigos bairros do Porto, oriental e ocidental, fazendo apenas leve referencia, ou não fazendo mesmo nenhuma referencia, a algumas moradías, mais ou menos longínquas, onde aliás teve pouca demora.

Dito isto, vamos passar a vista pela rápida ementa das casas portuenses em que viveu trabalhando sempre — porque ele trabalhava com uma assiduidade igual á dos portuenses natos.

Ruá dos Pelames, num 4.º andar, quando em 1844 era aluno de química na Academia Politécnica. O predio foi demolido em 1890. Camilo namorava uma vezinha, que morava na trapeira de um predio na rua do Souto. No dia em que tirou ponto, o futuro romancista não se matou a estudar, empoleirou se no telhado, com o compendio e a viola, para namoriscar a rapariga, mas saindo á noitinha teve a felicidade de encontrar o seu aplicadíssimo condiscipulo Amorim de Vasconcelos, que lhe meteu todo o ponto na cabeça.

Cadeia da Relação do Porto, em 1846, desde 12 a 23 de outubro. O motivo desta captura relacionou se com o rapto de D. Patricia Emilia de Barros. Em 1860, esteve preso desde 1 de outubro até ao dia 16 de igual mês de 1861, por cumplicidade no crime de adultério. Habitou o quarto de malta n.º 8.

É para notar-se a coincidencia de ser o mês de outubro o que abria a Camilo as portas do cárcere tanto para ele entrar como para ele saír.

Na *rua da Fabrica do Tabaco* em 1849 sendo comensal na Hospedaria Francesa, que tinha fama não só por ocupar um antigo palacête (1.º andar), mas tambem por ser muito concorrida de morgados e outros *bons vivants*.

Na *rua de Santa Caterina*, n.º 41, parte do ano de 1850, porque depois do casamento de D. Ana Placido exulou-se, aturdido, para Lisboa.

Desde setembro ou outubro de 1851, ano que lhe foi conflituoso e atormentado de desesperança, morou na freguesia da Sé, para estar mais próximo do seminário diocesano

que frequentava. Não sei ao certo a casa, talvez na rua Chã ou na de Cima da Vila. Mas sei que em março de 1852 ainda não tinha saído daquela freguesia, porque assim o atestou o respectivo pároco.

No fim do mesmo ano de 1852, já Camilo residia na rua de Santo Antonio n.º 82 — rua em que na tarde de 4 de dezembro os irmãos Sousa Guedes o esperaram, agredindo-o um deles, contra o qual Camilo desfechou uma pistola.

Havia mais hóspedes no predio. Referinrindo-se ao professor Pedro de Amorim Viana, diz o romancista: «Foi meu companheiro, paredes meias, no Porto, em 1852, durante o anno. Uma vez, alguem que me procurava, encontrando-o na escada, perguntou-lhe se eu estava no quarto. Amorim reflectiu longo tempo, e respondeu: «Não conheço esse sujeito.» Verdade é que nunca trocamos duas palavras, e sustentavamos uma polemica escripta, muito assanhada, eu pela Fé, elle pela Rasão.»

Na *rua da Bella Princesa* o vamos encontrar em janeiro de 1853, como declarou sendo perguntado no tribunal sôbre o inci-

dente da rua de Santo Antonio. Noutras respostas atribuiu à mãe o apelido Colmieiro e não se deu por viuvo, disse-se celibatário.

Nesse ano de 1853, habitou Camilo um quarto da celebrada hospedaria da *Aguia d'Ouro*, «matriarca das estalagens portuenses», onde, sentando se ás vessas, voltado para as costas da cadeira, pontificava a chalaça, a pilhéria, o lusitano humorismo, que fazia gargalhar estrondosamente os seus ouvintes.

Temos o testemunho de um deles, pai do ilustre camilianista sr. dr. Antonio Cabral.

Em 1854 havia na casa da quinta do Pinheiro uma *pension*, que parece ter sido a moradia de que o romancista mais gostou.

A quinta do Pinheiro fica na rua deste nome, a dois passos das ruas da Trindade e da Conceição, do largo da Picaria e da rua dos Martires da Liberdade (antiga rua da Sovela).

Eu já não conheci a *pension*. Quem habitava, dez anos depois, a casa da quinta era o conselheiro Camilo Aureliano, que foi procurador regio junto da Relação do Porto. Ve-se que era um predio grato a Camilos.

Oiçamos o que numa carta ao seu amigo José Barbosa e Silva contava o escritor apologeticamente.

«... sabes o q̃ é a m.ª Thebaida? É uma quinta em que vivo, dentro do Porto, mas como se existisse a 50 leguas do povoado. Ha um mez q̃ não conheço os progressos civilisadores d'esta terra, e espero passar um inverno de isolam.^to e trabalho.»

Hoje está instalado na casa e quinta do Pinheiro um colégio, creio que se chama Escola Académica do Porto. O melhor reclamo às suas condições pedagógicas e higiénicas é a informação do romancista àcêrca da *pension* de 1854.

Poucos dias depois, Camilo voltava á carga, tentando o amigo:

«Visto que vens e queres uma hospedaria, lembro-me q̃ estarias optimam.^te na casa em que eu estou com o Abilio Rego, bacharel de Caminha. É uma especie de *hotel garni*. Dás 480 rs. e tens um bom quarto p.ª dormir, um alimento frugal, a m.ª salla p.ª as tuas visitas, uma quinta para passear, e um profundo silencio em redor, e isto no *centro da cidade*.»

Que inveja que faz esta hospedagem tão barata, tão higiénica e tranquíla, um céu aberto na terra por 480 réis ou seja o cruzado novo, vulgarmente o *pinto*, desses bons tempos que não mais voltarão, ai de nós.

Na *Correspondencia epistolar* recordou-se Camilo da epoca em que viveu na casa da quinta do Pinheiro, e disse referindo-se a Vieira de Castro:

«Eu não o conhecia n'aquelle tempo, em 1854. Via-o nas janelas da sua casa (*) que abriam sobre a quinta do Pinheiro, onde eu morava. Observei que elle não desfitava de mim a luneta com uma fixidez que me lisongeava. E, ás vezes, ouvia-lhe as gargalhadas de jovial applauso, quando eu cavalgava um mau cavallo em pêllo; e remettendo em desenfreado galope por debaixo do esgalho de uma arvore, me pendurava no ramo, e deixava em vertiginosa liberdade o cavallo.»

Tanto Camilo gostou da casa, do sítio e das circunvezinhanças que muitos anos depois ainda lhe afluíam aos bicos da pena os

(*) Sita na rua da Sovela, para onde tinha a fachada.

nomes de ruas próximas da quinta e da rua do Pinheiro.

Por exemplo — o de Sovela.

Façamos breves transcrições para o demonstrar.

No *Degredado (Novellas do Minho,* IX):

«... uns moços dinheirosos que não tinham perfeita certeza se a rua da *Sovella* ou da Reboleira, onde haviam nascido, estavam dentro da Europa.»

Da monografia *O general Carlos Ribeiro*:

«Este casal anti-canonico habitava uma casinhola barata na rua da *Sovella*, paredes-meias do quarto escolastico de Carlos Ribeiro.»

Tambem o romancista, não se esquecendo da rua do Mirante (actualmente do Coronel Pacheco), fez que na *Filha do Doutor Negro* a infeliz Albertina mendigue ali.

No ano de 1855 Camilo residiu em qualquer casa de hóspedes na freguesia de Cedofeita. Não sei a rua, ao certo, porque ele escreveu: «o futuro Plutarcho dos homens illustres *d'esta freguesia de Cedofeita, em que tenho a honra de morar.*»

Pois, srs., eu pendo a crêr que fosse na

rua da Sovela, onde havia hospedagens módicas para estudantes e quejandos.

No mesmo hotel — vá esta palavra pomposa — estava tambem alojado o futuro visconde de Benalcanfôr. Diz Camilo: Era meu companheiro de hotel (que hotel, ó Ricardo!) em 1855.»

Depois, pensando sempre em D. Ana Placido, Camilo vai fazer um destacamento galante no Candal, com uma costureira, mas esse destacamento findara, porque a sua historia transfigurada, que o autor julgava o melhor romance que até então escrevera, já em 14 de agosto de 1856 estava impressa. (*)

Camilo passa o verão daquele ano na Foz e depois vem instalar-se em casa de D. Eufrasia Carlota de Sá *na rua do Sol n.º 8*.

Em 1857, ao cabo de muitas hesitações, resolve ir para Viana do Castelo redigir a *Aurora do Lima*. Chega lá no dia 7 de abril, mas logo em 29 de maio retira para o Porto, terra da sua preferencia.

No dia 1 de janeiro de 1858 escrevia a José Barbosa e Silva, inculcando-lhe a casa

---

(*) *Onde está a felicidade?*

em que residia, para quando viesse ao Porto: «Creio q̃ ficarás remediavelm.te aposentado. A rua chrismada de D. Pedro, é a antiga rua do Bispo, ao pé da Praça nova, parallela com a do Laranjal -- Casa n.º 13.»

Parece que esta casa teria entrada pela rua do Bispo e ladearia a travessa do Laranjal, porque doze anos depois epistolava Camilo a Vieira de Castro: «Ora vê tu, filho, no que se tornaram dous rapazes que em 1858, na travessa do Laranjal, deante de um inspirativo fogão, etc.»

Mas no mês de março já o romancista estava de novo aquartelado em casa de D. Eufrasia na rua do Sol, como se verifica pelo teor de duas cartas suas, especialmente uma.

Em 1859, tendo conquistado D. Ana Placido, Camilo continua sendo hóspede de Eufrasia de Sá.

Pertinazmente D. Ana recusa todos os conselhos e propostas que lhe são feitos pelos amigos do marido e vai instalar se com o amante numa casa da *rua de Cedofeita.*

A opinião publica rugía indignada, e os dois fugiram para Lisboa.

Mas não tardaram, desorientados, a voltar ao Porto.

Foi numa casa de hóspedes da *rua da Picaria* que se alojaram. A breve trecho, porêm, o dono da casa os despediu, pelo que resolveram ir para a Foz do Douro, onde foram recebidos hostilmente.

Tornaram a Lisboa, numa tormentosa indecisão. De repente maior revés os apavora: D. Ana Placido, sabendo-se pronanciada sem fiança, foge de Lisboa para o Minho. Camilo não tarda a ir juntar-se-lhe. Ela é presa, entra na Cadeia da Relação, ele, tambem pronunciado, vagueía por diversas terras do norte, até que resolve ir entregar-se á prisão.

Descansa 15 dias no Porto, talvez aforrado em casa do dr. Custodio José Vieira ou do dr. Marcelino de Matos, e depois entra na cadeia.

1860-1861 — *Esta aposentadoria entre ferros durou 381 dias.*

Tendo sido absolvidos, Camilo e Ana Placido procuram de novo Lisboa, onde nasceu o primeiro filho.

Em julho de 1863, Ana Placido vai para

Vila Nova de Famalicão liquidar a herança do marido e a requerimento seu permite-lhe o juiz da comarca que vá residir na casa de Seide, onde se lhe foi reunir Camilo. Ali nasceu o segundo filho.

Em 1865, *na casa da rua do Almada n.º 378*, que fôra de Pinheiro Alves, festejou-se no mesmo dia o baptizado dos dois filhos do romancista e de Ana Placido.

Ali permaneceu Camilo com a sua familia, excepto nos meses de agosto e setembro, que passaram em Leça da Palmeira.

No verão de 1866 achavam-se na quinta de Seide, provavelmente para receber ali, melhor do que o poderiam fazer na casa da rua do Almada, a visita de Castilho, seu filho Eugenio, Tomás Ribeiro e Vieira de Castro.

Foi talvez pelo S. Miguel de 1867 que o romancista mudou da rua do Almada para um predio da rua do Trinfo, em frente do portão que dá ingresso a veículos no Jardim do Palacio de Cristal.

Seria motivo desta mudança a conveniencia de melhores condições higiénicas e até de local mais espairecido.

Ora no Porto, ora em Seide, ora em Lisboa, onde vinha consultar os especialistas de doenças de olhos, Camilo estava em 1872 *domiciliado numa casa da rua de S. Lazaro*, da cidade invicta, e ali o foi visitar naquele ano o imperador do Brasil.

Em 1873, quando vim para Lisboa, deixei-o instalado no predio n.º 860 da rua do Bonjardim, que já sabemos ter pertencido a Pinheiro Alves.

Foi nesta casa que o sr. Vitorino Ribeiro, então aprendiz de tipografia, hoje ilustrado camilianista, viu muitas vezes Camilo no seu gabinete de trabalho, usando um chambre pitoresco e um barrête vermelho escuro.

Ainda conserva a impressão da rapidez com que êle revia as provas tipográficas sem hesitações nem consultas e da indiferença com que tolerava que a imprensa lhe alterasse a ortografia. (*)

Mais tarde, Camilo assentou residencia em S. Miguel de Seide, intervalando-a em 1875 e 1876 com alguns meses de emigração vo-

---

(*) *Praticas morais*, prefacio. Edição de Manoel dos Santos; tiragem 53 ex. apenas.

luntaria em Coimbra, com os habituais veraneios na Povoa de Varzim e repetidas jornadas de consulta a oftalmologistas nacionais.

Depois começou a agravar-se-lhe a tortura da cegueira.

Em 1888, o grande escritor residiu por algum tempo no *predio n.º 458 da rua de Santa Caterina*, onde a 9 de março desposou D. Ana Placido.

Depois.. desde a noite de 4 de junho de 1890 Camilo Castelo Branco, visconde de Correia Botelho, tem permanecido hóspede do seu amigo Freitas Fortuna numa casa tumular do antigo cemiterio da Lapa — no Porto.

Este homem ilustre que foi, verosimilmente um cidadão tripeiro, mudava amiudadas vezes de bairro, de freguesia e de rua, sem nunca ter mudado de profissão — a qual ele mesmo criara no Porto, a profissão de escritor público, o ganha-pão pelas letras, e que pão! duro, escasso — de mais a mais, incerto.

Até aí havia naquela cidade alguns escritores, mas nenhum vivia da pena: este era mercador, aquele ourives, aqueloutro guarda-livros.

Ninguem havía tido a coragem de se fiar nos ganhos da literatura, de crer na possibilidade de encontrar um editor, umas dezenas de leitores, um mercado permanente que consumisse seis ou oito livros por ano, todos do mesmo genero e todos do mesmo autor.

Foi Camilo que resolutamente, á força de talento e de fecundidade, fez este milagre, operou este prodígio. Os seus livros conseguiram despertar tanto interesse, que não só os liam homens, mas até senhoras, das quais se póde afirmar que pouco antes se contentavam de longe a longe com a leitura dos versos da viscondessa de Balsemão e das inocentes novelas de D. Maria Peregrina de Sousa.

Foi Camilo, sim, foi ele que em materia de novelistica emancipou o pensamento portuense, generalizando o livre curso de romances genuinamente portugueses nos costumes, nos caracteres, no entrecho e na linguagem.

Nós, os portuenses que chegamos mais tarde, encontrámos o caminho desbravado por Camilo, achamo-nos em presença de uma industria intelectual já fundada, de vários

editores estabelecidos até uns ao pé dos outros, como era o Jacinto na rua do Almada, a Moré na Praça Nova, o Cruz Coutinho na rua dos Caldeireiros, o Magalhães & Moniz no Largo dos Loios. o Ernesto Chardron ao cimo da calçada dos Clerigos, alem de mais dois ou três livreiros de menor vulto, e todos eles editavam, pagando melhor ou peor — mas pagando.

Rapazes do Porto que estais lendo um velho patricio ausente, não esqueçais nunca este alto serviço que o eminente romancista a todos nós prestou e á nossa bela cidade natal, que, graças ao impulso dado por Camilo, já floresce em letras, já tem editores, e livrarias, leitoras e leitores, cartazes pelas esquinas berrando a novidade literaria da semana, gazetas de grande tiragem que, a começar no variadíssimo *Janeiro*, animam todos os dias o gosto público pelas coisas intelectuais e, finalmente, alfarrabistas que publicam frequentes catálogos abundantes de obras portuguesas, dos velhos e dos novos, de todos.

Rapazes, antes de Camilo, isto não era assim...

Camílo minhôto

Ele conhecia a capital do Minho desde a sua primeira infancia, porque, depois da morte do pai, fôra com a irmã e uma criada em romagem ao Senhor do Monte, por terem arribado a Vigo sãos e salvos de um violento temporal, quando navegavam de Lisboa com destino ao Porto.

Gravam-se indelévelmente na memória as impressões recebidas no alvorecer da juventude e quero crêr que data de então a terna simpatia que toda a vida Camilo testemunhou por a frondosa floresta que ensombra o pitoresco santuário do Bom Jesus.

Braga não o horrorizou, mas tambem não o cativou tanto como aquele pitoresco su-

búrbio, porque em mais de um livro manifesta opiniões desfavoráveis à antiga e famosa *Brácara Augusta.*

Mas a floresta umbrosa e plácida, que a pouca distancia sobranceia a cidade, nunca o romancista a desamou, antes se mostrava saudosamente fiel ás recordações que de lá trazia.

Não afianço que esteja muito certa a indicação cronológica de cada capítulo do livro *No Bom Jesus do Monte*, nem que todos os assuntos hajam tido realidade. Alguns tiveram; outros criou-os a imaginação do romancista. E o título sob o qual estão enfeixadas doze narrativas revela claramente o apêgo de Camilo ao lugar que lho sugeriu.

O livro foi coordenado em 1864 e começa pela confidência de uma devoção a que poderemos chamar druídica:

«Estas arvores são minhas amigas ha vinte e sete annos.

«Vim hoje aqui despedir me d'ellas: creio que para sempre me despeço.»

Depois de 1864 Camilo ainda voltou por vezes ao Bom Jesus do Monte, aliás sempre com pouca demora, mas já não registava me-

mória nenhuma dessas efémeras digressões, que a neurastenia lhe impunha e que ela mesma abreviava.

Quanto á cidade de Braga nunca êle a tratou com tanto carinho, nem com respeito.

Julgo não me equivocar dizendo que a primeira vez que lhe deu alguns piparotes foi nuns folhetins da *Verdade*, os quais depois encorporou no livro *Duas horas de leitura*, substituindo-lhes o antigo título *Peregrinações sobre a face do globo*, que era bem mais feliz que *Do Porto a Braga*.

Os anos foram correndo e Camilo ficou vendo sempre aquela cidade pelo antiquado prisma com que a observou a primeira vez.

Assim é que, se já lhe não achava insuportáveis as hospedarias como em 1856, ainda vinte anos depois se referia ao aspecto arqueológico dos *hoteis* modernos de Braga escrevendo numa das *Novelas do Minho* (*) (reparem neste título): «A gente, quando vai deitar-se, imagina que n'aquela cama dormiu na noite passada S. Pedro de Rates ou Gonçalo Mendes da Maya.»

(*) *O Commendador*, 1876.

Camilo fôra poisar alguns dias, na Páscoa de 1853, em Viana e de lá havia trazido agradáveis lembranças, tais como a das solenidades da Paixão na igreja conventual de S. Francisco do Monte e a do passeio à Quinta Fresca a meia légua da cidade, na margem direita do Lima.

Estava então o romancista naquele período de saudade e misticismo, que veio após o casamento de Ana Plácido com Pinheiro Alves.

No principio de 1857 acalentava, como alivio ao seu desgôsto amoroso, a ideia de se retirar do Porto para Viana. Para lá partiu na primavera, e foi habitar, no arrabalde de S. João d'Arga, um lindo e modesto prédio, que ainda subsiste e abrange largo horizonte.

Camilo não estava ocioso em Viana, redigia a *Aurora do Lima*, compunha alguns capítulos das *Scenas da Foz* e da *Carlota Angela*, mas demorou-se apenas cincoenta e dois dias e ao partir desculpava-se com o seu amigo José Barbosa e Silva: «Vim procurar saude e estou peor. Esperava, ao menos, as delicias da natureza, e isto aqui é

terrivel, não ha refugio nenhum para um homem de relações.»

Como eu compreendo isto hoje .. que estou quase nas mesmas circunstancias.

Não vá o leitor julgar que o romancista se desgostara de Viana e até a ficou aborrecendo.

É certo que escreveu: «isto aqui é terrivel.» Mas o que ele achava realmente terrivel não era a situação de Viana, aliás encantadora, era a sua própria situação de amante desesperado.

Não, Camilo não odiou nunca o Minho, todavia devo dizer que êle, em geral, talvez por uma sugestão transmontana, recebida em Vilarinho da Samardã, se adaptava mais fácilmente às aldeias rudes como S. Miguel de Seide, que às vilas e cidades de provincia.

Principalmente desde que se domiciliou em Seide, conhecia bem o Minho por dentro e por fóra: *intus et in cute.*

Concordava com os escritores que elogiavam a paisagem garrida daquela realmente deleitosa provincia. Um destes escritores foi D. Antonio da Costa, primeiro ministro de

instrução pública em Portugal e alma aberta a todos os sentimentos poéticos.

Mas Camilo deu-se pressa em desenganar D. Antonio da Costa, dizendo-lhe que o miôlo, as entranhas, isto é, os costumes da vida do Minho não correspondiam ao encanto da paisagem.

E dizia isto com o maior conhecimento de causa, conquanto lhe não fôsse preciso envolver-se nas intrigas e escandâlos locais, abordar as pessoas incultas, sacrificar algum dos seus hábitos aristrocráticos de morgado sem morgadío à rusticidade das palavras e maneiras aldeãs.

Camilo viveu muitos anos em Seide e jámais adquiriu o sotaque do Minho, como, tendo vivido não poucos anos no Porto, tambem não adquiriu o sotaque portuense.

Contudo apreciava o vocabulário do povo do Minho como no Porto havia recolhido a linguagem falada pela burguesia. As suas novelas e romances, principalmente as novelas, o demonstram.

No Porto ele foi um mundano combatente, mas em Seide era um veterano solitário.

¿Quem lhe ministrou então os assuntos

que enriqueceram a sua «obra minhôta», podemos assim dizer, toda essa longa série de belos livros que tanto notabilizam o último período da fecundidade literária de Camilo?

Podemos responder afoitamente que foram apenas duas pessoas, salvo um ou outro informador casual.

Foi, em primeiro lugar, Ana Plácido, identificada — pobre dela! — com a vida rústica, com os serões à lareira, com as confidencias que as mulheres lhe fazíam por lhe serem muito afeiçoadas e devedoras.

Foi, em segundo lugar, o bom Francisco Correia de Carvalho, quase familiar na casa de Seide, e próximo vezinho.

Camilo estimava-o muito e chalaçava com êle na maior intimidade.

Posto Carvalho não tocasse guitarra, nem soubesse cantar o *Fado*, Camilo retratou-o no «José Fístula» do *Eusebio Macário.*

Contente do apreço em que o romancista tinha a sua dedicação, dizia às vezes Carvalho:

— Este senhor faz de mim o que quere.

Começa a manifestar-se desde 1864 aquilo

que eu ousarei chamar o «minhotismo» na obra de Camilo.

É pela aldeia de S. Miguel de Seide, é no *Amor de salvação*, que principia a revelar-se a impressão insistente da vida e paisagem do Minho.

«Não longe da obscura paragem de Affonso de Teive, á margem do córrego, chamado Pele, riacho, que pela primeira vez é revelado ao mundo em letra redonda, asssentei eu a minha tenda nómada. A minha tenda são uns vinte volumes, um tinteiro de ferro, e um cabo de penna de osso. A casa, onde eu vivo, rodeiam-n'a pinhaes gementes, que sob qualquer lufada desferem suas harpas.»

Em 1865 surge no romance *A Sereia* um testemunho de que o romancista já conhecia a lenda onomástica de Famalicão, porque residia ali perto, ao passo que oito anos antes apenas o interessou o *curandeiro da bicha*. *

Esse claro testemunho encontra-se nestas palavras, que introduz no texto da narrativa

---

* *Duas horas de leitura.* «Do Porto a Braga.»

como quem, ao redor de Seide, vai colhendo assuntos e etimologias:

«... foi amanhecer a uma aldeola de poucos fogos, chamada Fameleão, nome d'um tamanqueiro, que muitos annos antes edificara alli o primeiro cardenho de uma florente terra, que hoje se chama Villa-Nova de Famalicão. Aqui se agasalhou Gaspar, até ao escurecer, na pousada dos almocreves; e por volta da meia noite, chegou a Barcellos.»

Como incidente lembrarei que no país há outras localidades com o nome de Famalicão, de modo que ou os Fameleões se divertiam a fundar burgos, ou a razão etimológica seria outra.

Os dois factos de maior relêvo na biografia de Camilo são a sua estada na cadeia do Porto e a sua estada na pequena quinta de S. Miguel de Seide: ambos esses factos assinalam as fases em que o seu talento literário fulgurou mais alto e mais puro, sem deixar de ser fecundo como na mocidade.

Ê vêr se a série minhôta, retintamente minhôta, não só nos assuntos, mas em grande parte até nos títulos: *No Bom Jesus do Monte*, *A Bruxa de Monte Córdova*, *No-*

vellas do Minho, Echos humoristicos do Minho, Mysterios de Fafe, A Brazileira de Prazins, Serоens de S. Miguel de Seide, Maria da Fonte—especialmente as encantadoras *Novellas*, que bastariam a fazer a reputação de um escritor.

A provincia do Minho teve outrora poetas notáveis, e ainda modernamente os tem tido, mas deve orgulhar-se com a glória que lhe deu o grande prosador Camilo, que em tantos livros, tantos romances e novelas, escreveu a historia dos seus costumes e crenças, não sendo natural daquela província, mas apenas um hóspede temporário ou, digamos talvez com mais justeza, um voluntário exilado.

A casa de Seide, ainda que permanecesse em ruinas como depois do incendio, ruinas negras e rôtas, ou depois de reconstruída devotamente como agora, estava destinada, de um modo ou outro, pela imortalidade do seu último habitante, a ser um lugar memorável, visitado por nacionais e estranjeiros, e mencionado nas guias de viagem como uma das curiosidades históricas da província do Minho.

Para facilitar a romagem aos turistas faltava apenas uma avenida, em que os loureiros devem abundar, que ligasse Vila Nova de Famalicão com a casa célebre de Seide.

Essa avenida, cuja abertura a câmara de Famalicão obteve do governo, está ainda por concluir no momento em que escrevo — julho de 1821 — único motivo que tem retardado a inauguração solene do museu camiliano.

São relevantíssimos os serviços prestados à memória do grande escritor pela comissão especial e pela municipalidade respectiva, o que tudo explicitamente consta do minucioso relatório incluido no estimabilissimo livro *Camillo homenageado — O escriptor da graça e da belleza.*

Nesse livro, onde tenho forrageado algumas indicações prestantes, encontrei um alvitre, que não quero deixar de reproduzir aqui, posto não creia, sinceramente o confesso, na sua provável exequibilidade, em qualquer tempo.

«Finalmente, diz a comissão, seria de alta conveniencia que a Ex.ma Camara diligenciasse adquirir o quarteirão do quintal da

casa de Seide, — o que fica ao sul da ramada. — Para alargar a cultura leguminosa? — não; mas, sim, para se fazer alli o jazigo definitivo do eminente escriptor, quando os seus descendentes, os seus numerosos admiradores e até os poderes do Estado reconhecerem que esse acto patriotico é o pagamento completo de uma divida do povo portuguez.»

Contudo, neste alvitre da comissão há o que quer que seja de observação psíquica: se Camilo pudesse ressuscitar, era para Seide por que, ele tornaria.

Foi assim em vida; seria assim ressurrecto.

Em agosto de 1888, passando já da meia noite, o romancista, inteiramente só, chegou a Viana do Castelo, justamente no momento em que um dos Barbosa e Silva estava em reunião política com alguns correligionários. A todos surpreendeu esta aparição inesperada, e até inoportuna, naquela cidade, áquela hora e naquele lugar.

O recemvindo explicou, como que desvairado:

— Triste e doente, fugira de Seide, onde a loucura do seu Jorge o desolava. Ía pro-

curar alguma trégua, entre antigos amigos, em terra conhecida.

Acolheram-no amorávelmente, fizeram por distraí-lo ou, pelo menos, aquietá-lo. Depois acompanháram-no à hospedaria onde êle tinha deixado a mala e apenas se retiraram quando o viram adormecido profundamente. Ás oito horas da manhã fôram saber como teria passado a noite. Camilo já lá não estava — havía regressado a Seide. *

Este caso não foi único, posto seja o mais típico. Camilo queria variar de terra, ía ao Porto, a Braga, a Guimarães, a Vizela, e apenas se demorava horas, quando muito um dia; voltava logo a Seide.

Os grandes infelizes habituam-se às labaredas do seu inferno e sentem-lhes a falta. Ele conhecia bem o horror dos longos dias, das longuíssimas noites que se arrastavam alí, entre os seus livros, enquanto os teve, e depois entre névoas e sombras quando já não tinha olhos para ler.

Sentimo-nos opressos relendo o que êle nos deixou dito das «noites hybernaes da

---

* *As cem cartas*, pags. 86–89.

triste aldeia», queixando-se como Herculano das «estiradas noites infinitas do inverno em Val de Lobos»; * sentimo-nos compadecidos dos seus espasmos nevróticos, dos seus acessos de hipocondria, constritivos e negros, começando geralmente por um acto psicológico, quase sempre por uma onda amarga de saudade.

E, contudo, pobre Camilo! arrancá-lo do túmulo de Seide, onde durante tantos anos agonizou conscientemente, antes da cegueira e depois da cegueira, sería para êle um abalo benéfico, porque nem aquele meio, nem mesmo uma vigilancia que parece não ter havído, podería havê-lo preservado do suicídio.

Foi a solidão do Minho, o isolamento, a falta de convivencia que o mataram. Se Camilo vivesse em Lisboa, sería frequentado por amigos, admiradores e discípulos, que lhe levariam a conversação — êsse prazer dos velhos, êsse consôlo dos tristes — que lhe abreviariam as noites, o desopilariam com anedotas dos botequins e dos palcos,

(*) *Seroens de S. Miguel de Seide*, prelúdio.

lhe afastariam a ideia da morte com ministrar-lhe o caridoso refrigério do espirito que não faltou a Castilho cego, nem a Gomes de Amorim valetudinário — a conversação, êsse prazer dos velhos, êsse consôlo dos tristes.

Camilo morreu no Minho sem o detestar, morreu na casa de Seide sem amaldiçoá-la como lugar de torturas e à hora em que êle se matou dir-se-ía que aquela solitária aldeia, vestida do verde sombrío dos pinheirais, emudecêra e panteara longamente a perda do glorioso homem de letras que tão belas páginas minhôtas enviára à posteridade.

O mês de junho em 1890 começou num domingo, dia morto em quase todas as aldeias, especialmente nas mais êrmas e agrestes. Faltando o trabalho ou a romaria, falta o canto que era vagamente sedativo para Camilo quando o ouvia reboar na quebrada dos montes.

A terceira hora de sésta ía passando. A calma parecia enlanguecer as pessoas, as aves e as árvores. As choupanas não davam sinal de vida. E as flôres campestres empalideciam definhando. Só alguma alma torturada poderia estar vigilante em sua dor.

Tal era a alma de Camilo.

Um medico, vindo de Aveiro, dissera à entrada ceremoniosas palavras animadoras.

Depois, examinando os olhos do romancista, aconselhou um paliativo, uma cura de águas no Gerez antes de iniciar o tratamento especializado.

Foi logo compreendido pelo romancista, que, assim que o facultativo saíu, tateou o seu velho revólver bull-dog, encostou-o ao parietal direito, segurou-o com a mão esquerda para evitar um possivel desvío e, disparou firme.

Camilo ficára descaído na cadeira de braços em estado comatoso, não falando, não ouvindo, gemendo apenas.

E às cinco horas expirava.

Toda a aldeia continuou silenciosa e prostrada, prolongando-se o torpôr da calma até ao pôr do sól.

Depois a noite desceu sinistra como sôbre uma necrópole.

Era bem o scenario fúnebre de tragédia minhôta e poderia julgar-se encomendado por uma província que tomava luto chorando a perda do grande Camilo, seu filho adoptivo.

Morto êle, o Minho dedicadamente o glorificou no rincão de Seide, onde se abrem de par em par as portas da restaurada habitação que poderemos chamar hoje a *Vila Camilo*, compreendendo o domicílio, a escola e o museu — tríptico venerando que alí diviniza o Talento e o Martírio.

Em nenhuma outra terra portuguesa está Camilo tão vivo e presente ao nosso espírito como na casa de Seide, onde trabalhou e morreu; a dentro dessas mesmas paredes na escola infantíl, que êle parece vir estimular com o seu prestigioso exemplo de escritor famoso; finalmente, no museu onde nos ressurge em objectos do seu uso, que recordam o arranjo do seu escritório, da sua banca de trabalho, do seu trajo doméstico; em cartas e telegramas que desvendam segredos da sua correspondencia, intimidades da sua vida particular, homenagens que êle ocultava, impertinencias que êle atendía.

Da guarda deste modesto mas precíoso espólio histórico se pode orgulhar o Minho.

Em Seide tudo nos fala de Camilo e êle próprio parece falar-nos ainda.

Camilo incoercível

A «individualidade de Camilo» faz lembrar uma dessas gigantescas e ruidosas catadupas, nunca serenas nem domáveis, que se despenham de enorme altura, rolando vagalhões espumosos; catadupas ingentes que, parecendo exprimir um raro capricho da natureza criadora, infundem respeito e admiração, por ventura assombro.

E o tempo vai passando e a cachoeira não deixa de correr e zoar, sempre nova e fremente, sempre caudalosa e tonitruante, estilhaçando aljofres e cristais, zombando da brevidade dos séculos e das gerações, maravilhando os homens que viveram ontem, os que vivemos hoje e os que hão de viver ámanhã.

Tal é Camilo, imortal e rútilo, já estudado e ainda por estudar, já conhecido e ainda

por conhecer, Camilo multiforme e nunca suficientemente apreendido, porque todos os dias, a toda a hora, nos aparece coleando sob um novo aspecto, num paradoxo inesperado, numa antinomia flagrante, disperso em retalhos de alma, em dezenas de livros, em confidências epistolares, mas sempre uno e completo — *totus et unus.*

Individualidade poderosa, que no conflito dos seus mesmos factores parece haver modelado a sua ductilidade e retemperado a sua consistência perduráveis, por mais que êle a dispartisse não fazia senão articulá-la complicando-a, desorientando assim os psiquiatras e os psicólogos, os biógrafos e os críticos, os teólogos e os livre-pensadores, os crédulos e os scépticos, pelo que se torna talvez mais fácil romancear a sua lenda do que reconstituir a sua biografia, ou então, mais fácil negar que um homem do século XIX pudesse ter realizado as metamorfoses dos deuses fabulosos do que provar que realmente tivesse existido, vegetando no olimpo mesquinho das letras lusitanas, um homem tal como êle foi.

Agosto de 1916.

O seu centenário

Daqui a três anos, em 16 de março de 1925, passa o centenário do nascimento de Camilo Castelo Branco.

Neste século novo que vai correndo, depois de uma estupenda guerra mundial e através de profundas comoções sociais resultantes dela, temos visto afervorar-se espontaneamente a consciencia patriótica dos povos, fazendo lembrar uma fonte de água pura a deslizar por entre ruinas enegrecidas e desconjuntadas.

Quaisquer que sejam os dissabores que ainda advenham a Portugal, temos fé que sequer ao menos não há de quebrantar-senos a devoção pela nossa querida patria, o

culto pelas suas tradições, pelos seus feitos épicos e pelos filhos ilustres que a engrandeceram glorificando-a.

Nesta fé em que vivemos e queremos morrer, creio que o próximo futuro centenário do nascimento de Camilo Castelo Branco não passará despercebido da maioria dos portugueses, especialmente da geração nova, cujo coração pulsa com mais vigor que o dos velhos, que talvez já sejam mortos em 1925, ai deles! ai de mim! porque tambem sou velho.

E como eu posso não chegar ao dia 16 de março daquele ano, quero desde já imaginá-lo, viver mentalmente esse dia cheio de intelectualidade digna e justiceira, de lileratura sem rivalidades e intrigas miseráveis, dia dúplex aquecido com entusiasmo e respeito pela consciencia patriótica do povo, pelas câmaras municipais, que são a corporização lídima dos concelhos, e pelos alunos de todas as escolas, que são a aurora de cada geração, a primavera de cada sociedade.

Assim é que eu sonho um dia, não de postiço regosijo oficial, decretado no Ter-

reiro do Paço, mas um dia de sincera festa nacional, que não custará um centavo ao Estado.

E então hão de ver, se o meu sonho se realizar, que tanto vale na opinião pública um «soldado desconhecido» como um romancista conhecidissimo, porque se um honrou a farda e o exército, o outro honrou a pena e as letras — ambos honraram a patria.

Será certamente a primeira vez que em Portugal se comemore um centenário sem se pedir dinheiro ao governo, sem lhe pedir cousa alguma, nem mesmo um feriado, porque, se o governo o não der, os estudantes serão muito capazes de «fazer parêde».

Estou em dizer que a unica época da vida em que o homem tem verdadeiramente o sentimento de independencia e o sentimento de justiça é enquanto frequenta as escolas.

Depois transíge mais ou menos — mas transige sempre.

Cuido até que um diabinho azul, destes que se chamam maus pensamentos, me está dizendo ao ouvido:

— Não tenhas dúvida. Em geral os rapazes fazem melhor justiça que os tribunais.

A câmara municipal de Lisboa seguramente se lembrará nesse dia de que o ilustre Camilo nasceu na cidade de mármore e de «revistas do ano», ali no Largo do Carmo, se até então os arqueólogos ou os críticos, melhor informados que o próprio romancista, não tiverem descoberto que êle nasceu em Alfama ou na rua das Pretas.

Haverá pelo menos uma sessão solene nos paços do concelho, onde a bandeira da cidade flutuará como nos dias de grande gala.

A' noite todos os teatros farão representar as peças de Camilo, o seu repertorio, que, algo numeroso, é variado e escrito num português que desenjôa do mistifório actual.

Todos os «cinemas» exporão uma larga série de «films» colhidos na vasta messe de assuntos que a obra do romancista lhes terá proporcionado.

A Academia das Sciencias nem mesmo sonhando sei o que fará, porque ela, á sombra de um artigo absurdo do regulamento, pôs sempre de parte Camilo e é impenitente como todas as oligarquias.

A décima ou undécima «comissão cami-

liana», que então funcionará, há de envidar esforços para que nesse dia seja lançada a primeira pedra do monumento a Camilo, assim ela o possa conseguir, o que aliás em Lisboa não é tão fácil como arquitectar ministerios e partidos politicos.

Mas o número mais palpitante da comemoração lisbonense presumo eu que seja a «matinée artistica e literaria» dos estudantes, em que a eloquência, a poesia e a música hão de pôr o cunho de uma sã mentalidade e de uma expansão de alma, ràpidamente comunicativa, que é apanágio da mocidade e prende o interesse dos velhos, como se os reanimasse espiritualmente numa deliciosa atmosfera de vaga saudade consoladora.

Já vinha de longe o testemunho da simpatia e veneração que os estudantes de Lisboa tinham por Camilo.

Em 16 de março de 1889 os alunos da Escola de Belas Artes foram levar-lhe uma corôa de louros e uma fervorosa mensagem à casa da rua Capêlo, onde o Mestre, já semi-cego, se não completamente cego, estava então hospedado.

Quanto à comemoração do centenário entre os portuenses, o meu sonho é de uma nitidez que a realidade por certo confirmará.

Não sendo filho do Porto, Camilo era, contudo, uma figura do Porto, de modo que o centenário naquela cidade terá o aspecto íntimo de uma festa de anos em casa de um antigo conhecido.

O tempo é outro, bem sei, mas por isso mesmo foi limando as arestas do passado e o Porto, sempre liberal e nobre, pode ser acessivel a ressentimentos passageiros, mas não tem coração onde o rancor e o ódio criem raizes.

Estou a vêr — como se tudo isto se estivesse já passando no tempo e no espaço — estou a vêr o imponente cortejo que se dirige ao cémiterio da Lapa, onde a câmara municipal, depois de uma sessão extraordinaria nos seus paços, vai, acompanhada pelas escolas, professores e discipulos, pelas autoridades, pelos artistas e jornalistas, depôr no jazigo de Camilo uma corôa de louros em nome dos munícipes.

Poderá dizer-se que mais de meia cidade está nas ruas do trânsíto, perfilada em alas, e que nas janelas há uma brilhante aglome-

ração de senhoras de todas as idades, da alta roda e da burguesia, monárquicas ou republicanas, cujos olhos, no passado ou no presente, teem chorado sobre as páginas intensivas do *Amor de perdição*, das *Três irmãs*, das *Estrelas funestas*, da *Engeitada*, de tantos outros livros, que as familias portuenses veem lendo de mães a filhas, de avós a netas.

Numerosos grupos de estudantes põem uma nota quente e vivaz neste cortejo cavalheiresco, porque o ambiente do Porto nunca deixou de ser romantico, ao passo que o de Lisboa o é bem pouco, e assim ressoam de momento a momento, largamente correspondidos, os brados electrizantes de «*Glória a Camilo e às damas portuenses.*»

Com o descer da noite a comemoração do centenário camiliano não afrouxará de interesse e vigor, porque se nos palcos e «cinemas» passa e perpassa Camilo admirado e aplaudido, na grande nave do Palacio de Cristal o sarau dos estudantes reveste o esplendor de uma apoteóse capitolina.

E nesta ovação ao Morto preclaro colaboram, num gesto de impressionismo, as se-

nhoras, palmeando enternecidamente as frases dos oradores que melhor pintam o Mestre ou que mais alto o levantam, e todo o público, de pé, fremente de emoção, repetirá o clamor apoteótico: «Glória a Camilo e às damas portuenses.»

Duas cidades do norte, Coimbra e Viana do Castelo, estão quase em identidade de circunstancias para realizar a celebração do centenário, e quem poderá acreditar que permaneçam indiferentes? Ninguem; absolutamente ninguem.

Coimbra, tão rica de elementos instrutivos, tão propriamente chamada a *Lusa Atenas*, compreende a dentro da sua área uma legião de estudantes aguerridos na milícia de Minerva, os quais prezarão tanto a memória de Camilo quanto Antero de Quental, tipo modelar do estudante poeta e filósofo, lhe prezava o talento.

Pois a academia, que por isso mesmo tem a cumprir, digamos assim, honrosos deveres procedentes da sua tradicional hierarquia universitária, eu daqui a estou vendo pressurosa na organização de um luzido «outeiro», como êles lá se fizeram outrora, e

na cooperação do cortejo que assistirá, com a câmara municipal, ao descerramento duma lápide comemorativa do centenário em qualquer das duas casas onde Camilo residiu temporáriamente em 1875 e 1876.

Viana do Castelo tem menor e menos graduada população académica, mas os alunos do liceu e da escola normal suprirão pelo esforço e diligencia o que lhes falta em idade e categoria escolar.

Não prescindirão de fazer uma sessão encomiástica coadjuvada eficazmente pelos bons poetas que distintamente florescem na região limiana.

E a câmara municipal não deixará de ordenar um préstito de honra para acompanhá-los ao lindo arrabalde de S. João de Arga, onde quererá, por certo, inaugurar algum padrão indicativo de ter ali residido e trabalhado Camilo Castelo Branco, ainda que breve tempo, em 1857.

O centenário em Braga e Vila Real de Trás-os-Montes afigura-se-me que decorrerá concordante com o mesmo teor intelectivo e literário de Lisboa, do Porto, de Coimbra e de Viana do Castelo.

Mas em Braga quero supôr que o programa será esmaltado ternamente — não encontro melhor palavra — por um número exuberante de sentimentalidade, delicadeza e bucolismo romantico.

Vejo afastar-se do centro da cidade o cortejo dos estudantes e pergunto a mim mesmo para onde vai. Dois ou três minutos de reflexão esclarecem-me. Vai em caminho da estancia umbrosa do Bom Jesus do Monte, que o romancista tantas vezes visitou desde a infancia e que em 1864 lhe acudiu evocadoramente para título e assunto de um livro.

É um suave passeio de três quilómetros apenas, por boa estrada, em marcha triunfal, numa cadencia quase militar.

Mediante prévia autorização da mesa administrativa daquele afamado santuário, os estudantes bracarenses vão ali erigir em honra de Camilo um monumento, que é simplesmente uma árvore.

Já de antemão escolhido o lugar e captado na sementeira das coníferas um cedro tamanino, será o aluno reconhecidamente mais classificado quem o há de plantar, enquanto os seus condiscípulos e colegas di-

rão as belas páginas tracejadas pelo romancista em respeito e amor às árvores ali opulentamente frondejantes.

E ao cedro, plantado a 16 de março de 1925, quando no futuro possa grimpar orgulhoso do seu destino histórico, toda a gente o conhecerá pelo «cedro de Camilo.»

Em boa verdade ressalta uma evidente correlação entre a árvore escolhida e este excelso escritor, a quem se pode aplicar o pensamento salomónico: *electus ut cedri.*

Eu não sonhei que os estudantes de Vila Real irão, no dia do centenário, em romagem camiliana a Vilarinho da Samardã. E pergunto a mim mesmo qual o motivo dessa omissão num sonho, que reputo o mais realizável de todos os meus sonhos. ¿Seria por mediar uma distância de treze quilómetros que se há de transpôr ou a pé, o que dava fadiga, ou em caminho de ferro, o que impunha alguma despesa?

Perco-me em conjecturas, mas talvez fosse por supôr que a junta de paróquia se lembrará de convidar os habitantes daquela aldeia, celebrada afectuosamente pelo romancista, a adornarem-na com arcos e ban-

bolins de hidranjas e funcho — a suprema pompa de uma povoação pobre, mas reverente.

E talvez isso venha a acontecer.

Tenho ainda que especializar, na resenha do centenário, um concelho do Minho onde a festa será rija — com a prata da casa. *Noblesse oblige.* Refiro-me a Vila Nova de Famalicão: aí sempre Camilo foi amado desde que vezinhou em S. Miguel de Seide; aí criou a municipalidade uma biblioteca a que deu o nome do grande escritor; aí não havia ninguem, velhos e novos, proprietarios e proletarios, que o não conhecesse e o não saudasse.

A camada superior da população, quero dizer a mais instruida, em que se contam eruditos, plumitivos, bachareis, e outras pessoas gradas, venerava-o.

A vila teve sempre tendencias para as belas-artes e belas-letras.

Na tipografia *Minerva*, mais completa e perfeita que algumas do Porto e Lisboa, imprimem-se todos os anos obras de merecimento que se difundem pelas livrarias e bibliotecas do país.

Um periódico literário houve ali a que escritores conhecidos davam atenção e colaboração e que constitúi hoje uma colectânea digna de apreço.

Estabelecido Camilo no retiro de Seide logo começou a formar-se em Famalicão uma atmosfera camiliana.

Contavam-se ditos, opiniões, volubilidades do romancista, como ainda hoje se contam em Setubal, com fanatismo, factos da vida de Bocage.

A simpatia respeitosa dos vilanovenses acompanhou-o até à morte e sobreviveu-lhe.

Veio deles a ideia cariciosa da reconstrução da casa de Seide, da fundação da escola e do museu.

Posso, pois, imaginar, sem receio de iludir-me, a satisfação, direi mesmo a efervescencia exultante com que os vilanovenses no dia 16 de março de 1925 sairão para Seide, em ranchos a pé, a cavalo, em carruagens, até em carros de bois, como para uma romaria de muita fama.

Pelo caminho hão de juntar-se-lhes grupos de vezinhos próximos, talvez outros que venham de longe, para visitar a *Vila*

Camilo, que ainda não veriam depois de reedificada, e para assistir, por ventura tomar parte, na sessão congratulatória que a municipalidade ali vai fazer, *sur place,* no dia do centenário.

A ninguem é licito duvidar de que esta assembleia magna decorrerá animadissima e que há de encerrar-se com um episódio mavioso e tocante: os netos de Camilo, filhos do visconde de S. Miguel de Seide, recitando, comovidos, alguns trechos das obras de seu avô, prosa e verso.

Confronte-se depois a contribuição sinceramente jubilosa dos vilanovenses, espontanea, singela, modesta, com as funçanatas que os governadores civis encomendam por vezes aos administradores de concelho e estes aos regedores de paróquia expedindo-lhes oficios que principiam: «Sirva-se V. S.ª ordenar que haja repiques, foguetes e regosijo público no dia tantos de tal, etc., etc.»

Em março de 1925 as referidas autoridades ficarão surpreendidas ao saber que em toda a parte onde residiam três ou quatro admiradores fanáticos de Camilo, êles promoveram de mótu-próprio festejos comemo-

rativos, sem requisitarem superiormente cabos de polícia ou soldados, e não menos surpreendidos ficarão quando lhes constar que, tendo sido enorme a concorrencia de povo, nenhum distúrbio ocorrera, porque o povo compreendeu que não se tratava de política nem de ganhança.

E assim ficará eternamente assinalada na História Literária do país esta soleníssima, excepcionalíssima, nacionalíssima glorificação de um escritor português que viveu e morreu pobre, que não foi sócio efectivo da Academia das Sciencias de Lisboa e que nunca viu o Papa.

FIM